

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
SAMUEL PINHEIRO TAVARES

**A DOCTRINA DO MILÊNIO CONFORME OS PAIS DA IGREJA
DOS SÉCULOS I E II**

São Leopoldo

2026

SAMUEL PINHEIRO TAVARES

**A DOCTRINA DO MILÊNIO CONFORME OS PAIS DA IGREJA
DOS SÉCULOS I E II**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião,
Teologias e Sociedade
Linha de Pesquisa: História e Teologia

Orientador: Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T231d Tavares, Samuel Pinheiro

A doutrina do milênio conforme os pais da igreja dos séculos I e II / Samuel Pinheiro Tavares; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2026.

140 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2026.

1. Padres da Igreja. 2. História eclesiástica - Igreja Primitiva, ca. 30-600. 3. Padres apostólicos. I. Schmitt, Flávio, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SAMUEL PINHEIRO TAVARES

**A DOUTRINA DO MILÊNIO CONFORME OS PAIS DA IGREJA DOS SÉCULOS I E
II**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião, Teologias e
Sociedade

Data de Aprovação: 30 de março de 2026

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. IURI ANDRÉAS REBLIN (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. GERSON L. LINDEN (SEMINÁRIO CONCÓRDIA E FACULDADE
LUTERANA CONCÓRDIA)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Flávio Schmitt :
XXX.973.730-XX
Date: 01/04/2026
17:20:38 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Iuri Andréas Reblin :
XXX.425.387-XX
Date: 01/04/2026
18:12:09 -03:00



Dedico este trabalho a Deus, cuja graça me guiou até aqui. Também à minha esposa e à minha família, que, com presença, força e cuidado, tornaram possível cada passo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, cuja graça sustentou minha vida durante todo o percurso deste mestrado. Reconheço que cada ideia construída, cada página escrita e cada avanço alcançado nasceu da Sua graça, força e misericórdia. Sou profundamente grato pela oportunidade de estudar Teologia e de contribuir, ainda que de forma modesta, para o aumento e a difusão do conhecimento teológico. É um privilégio para mim servir a Deus por meio desta pesquisa, sabendo que ela pode auxiliar na compreensão que temos a respeito da fé cristã. Agradeço à minha esposa e à minha família, que caminharam comigo em cada etapa deste percurso. O apoio e o incentivo deles, presentes nos momentos mais simples e nos mais difíceis, renovaram minhas forças diante de cada desafio durante essa jornada. Agradeço aos meus professores, que não apenas transmitiram conhecimento, mas também inspiraram vocação e excelência. Cada aula, orientação e correção contribuiu para o meu amadurecimento intelectual. Por fim, agradeço aos meus colegas, que dividiram leituras, discussões, desafios e conquistas. A convivência com cada um deles proporcionou aprendizado mútuo, parceria e um ambiente de crescimento contínuo.

Meu muito obrigado!

*Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue,
nos libertou dos nossos pecados, e nos
constituiu reino, sacerdotes para o seu
Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos
séculos dos séculos. Amém!*

Apocalipse 1:5-6

RESUMO

Esta pesquisa, de caráter documental e bibliográfico, tem como objetivo analisar a perspectiva dos Pais da Igreja dos primeiros séculos acerca do milênio, descrito no capítulo 20 do *Apocalipse*. João descreveu um período de mil anos no qual Satanás é preso e apenas os salvos ressuscitam para reinar juntamente com Cristo. O problema gira em torno da afirmação, amplamente difundida na internet e nos livros em português, de que a esperança cristã primitiva era que esse reino seria instituído após a segunda vinda de Cristo. A partir dessa premissa, dizem que a visão pré-milenista é a correta, pois essa foi a única doutrina transmitida pela tradição apostólica aos Pais da Igreja. Assim, qualquer outra perspectiva não encontra respaldo no cristianismo incipiente, devendo, portanto, ser rejeitada. Por outro lado, algumas obras contestam essa suposição. Elas destacam a coexistência de opiniões divergentes. Porém, tanto os que defendem uma unanimidade quanto os que a questionam não apresentam detalhadamente os registros patrísticos que fundamentam suas declarações. Diante desse cenário, faz-se necessária uma busca por textos que possam trazer luz à esperança escatológica cristã primitiva. Os resultados mostram que não houve uniformidade entre os cristãos dos primeiros séculos e que a igreja primitiva abrigava múltiplas interpretações sobre o fim dos tempos. Autores como Justino e Irineu demonstraram clara adesão ao milenarismo. Por outro lado, Clemente de Roma, Inácio, Policarpo e a *Carta de Barnabé* não fornecem sustentação ao quilianismo. Conclui-se que a escatologia cristã dos séculos I e II era marcada pela pluralidade, tornando insustentável a tese de unanimidade milenarista.

Palavras-chave: Apocalipse. Milênio. Pais da Igreja.

ABSTRACT

This research, based on documentary and bibliographic analysis, aims to examine the perspective of the early Church Fathers regarding the millennium described in *Revelation* chapter 20. John described a thousand-year period during which Satan is bound and only the saved are resurrected to reign with Christ. The issue centers on a claim—widely circulated on the internet and in Portuguese-language books—that the early Christian hope was that this kingdom would be established after Christ's Second Coming. Based on this premise, it is argued that the premillennial view is the correct one, as it was the only doctrine transmitted by apostolic tradition to the Church Fathers; consequently, any other perspective lacks support in early Christianity and should be rejected. However, some works challenge this assumption, highlighting the coexistence of divergent opinions. Yet, neither those who argue for unanimity nor those who question it provide a detailed presentation of the patristic records underpinning their claims. Given this context, it is necessary to examine texts that can shed light on early Christian eschatological hope. The results indicate a lack of uniformity among Christians in the early centuries, revealing that the early church harbored multiple interpretations regarding the end times. Authors such as Justin and Irenaeus demonstrated clear adherence to millenarianism. Conversely, Clement of Rome, Ignatius, Polycarp, and the *Epistle of Barnabas* offer no support for chiliasm. The study concludes that Christian eschatology in the first and second centuries was characterized by plurality, rendering the thesis of millenarian unanimity untenable.

Keywords: Revelation. Millennium. Church Fathers.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	19
2 MILENARISMO E OS PAIS DA IGREJA NA INTERNET E NOS LIVROS EM PORTUGUÊS	29
2.1 NA INTERNET.....	30
2.2 NOS LIVROS EM PORTUGUÊS.....	32
2.2.1 Totalidade milenarista	33
2.2.2 Existência de milenaristas e não milenaristas	39
3 PAIS DA IGREJA NÃO MILENARISTAS (AMILENISTAS)	45
3.1 OS PARENTES DO SENHOR (90 D.C.).....	45
3.1.1 Autor, local e data	46
3.1.2 Amilenaristas.....	47
3.2 CLEMENTE DE ROMA (95 D.C.).....	50
3.2.1 Autor, local e data	50
3.2.2 Amilenarista.....	51
3.3 INÁCIO DE ANTIOQUIA (110 D.C.).....	54
3.3.1 Autor, local e data	54
3.3.2 Amilenarista.....	55
3.4 POLICARPO DE ESMIRNA (120 D.C.).....	57
3.4.1 Autor, local e data	57
3.4.2 Amilenarista.....	58
3.5 CARTA DE BARNABÉ (130 D.C.).....	61
3.5.1 Autor, local e data	63
3.5.2 O Barnabé milenarista	64
3.5.3 O Barnabé indeciso.....	70
3.5.4 O Barnabé amilenarista	72
3.6 DIDACHÊ (70-125 D.C.).....	81
3.6.1 Autor, local e data	82
3.6.2 Amilenarista.....	83
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
4 PAIS DA IGREJA MILENARISTAS (PRÉ-MILENISTAS).....	91
4.1 ORIGEM E DECLÍNIO DO MILENARISMO	91
4.2 PAPIAS DE HIERÁPOLIS (130 D.C.)	97
4.2.1 Autor, local e data	98
4.2.2 Milenarista	98
4.3 JUSTINO DE ROMA (150 D.C.).....	102
4.3.1 Autor, local e data	103
4.3.2 Milenarista	103
4.4 IRINEU DE LYON (180 D.C.)	106

4.4.1 Autor, local e data.....	106
4.4.2 Milenarista.....	107
4.4.3 Quem eram os hereges combatidos por Irineu?	113
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
5 CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS.....	131

1 INTRODUÇÃO

Em momentos de crises e calamidades, o tema do fim sempre volta à tona, tanto que, na linguagem popular, os termos apocalipse e fim do mundo se tornaram sinônimos. As pessoas olham para as catástrofes e falam: é o apocalipse. Filmes usam esse vocábulo como temática de um desastre global que pode destruir nosso planeta. No senso comum, as discussões a esse respeito são carregadas de teorias, lendas, achismos, ficção e medo. Dentro do cristianismo surgem dúvidas sobre como será o fim da presente era conforme a Bíblia. Essa é uma temática extremamente importante e o debate entre os pesquisadores sobre algumas perspectivas é milenar. Dentro da teologia sistemática, concentra-se o estudo da Escatologia Bíblica, que é a doutrina das últimas coisas. Um dos pontos centrais nessa área diz respeito ao reino milenar, descrito no capítulo 20 do *Apocalipse* de João, do verso 4 ao 6. O texto diz:

⁴ Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. ⁵ Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. ⁶ Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos.¹ (Almeida Revista e Atualizada).

Entender quando o milênio ocorre é fundamental para a compreensão do *Apocalipse* de João e de toda a escatologia cristã, pois isso determina como o restante do livro será sistematizado.² Além do mais, “A interpretação deste capítulo já deu motivo a muito debate, e até conflitos [...] Sistemas escatológicos são identificados pelo modo como eles abordam a questão do milênio”.³

O Novo Testamento fala com frequência sobre o Reino de Cristo. Porém, o texto de *Apocalipse* 20 é o único em toda a Bíblia que menciona explicitamente um reino messiânico com duração de mil anos.⁴ Além disso, os Evangelhos apresentam a vitória de Jesus sobre Satanás como uma realidade já iniciada em seu ministério,

¹ BIBLEWORKS. **BibleWorks 10**. Norfolk, VA: BibleWorks, 2015. Software.

² BRIGHTON, Louis A. **Revelation**. Saint Louis: CPH, 1999. p. 533.

³ LADD, George Eldon. **Apocalipse**. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1986. p. 192.

⁴ LADD, 1986, p. 198.

ao descrevê-lo como alguém que amarrou o valente (*Mateus* 12) e derrubou Satanás de sua posição de poder (*Lucas* 10). Essa mesma derrota também aparece refletida no *Apocalipse*, especialmente na expulsão do dragão (12). Diante disso, permanece o debate sobre se a prisão de Satanás em *Apocalipse* 20 deve ser entendida como um evento exclusivamente escatológico a ser cumprido no futuro ou como uma referência à vitória inaugurada por Cristo durante sua primeira vinda, isto é, no passado.⁵ A opção por uma posição ou outra depende dos pressupostos e métodos utilizados por cada pesquisador. Nesse contexto, recorrer aos cristãos da era pós-apostólica em busca de uma possível transmissão doutrinária que auxilie na compreensão dos ensinamentos apostólicos torna-se algo relevante para o debate escatológico.

Historicamente, há duas vertentes que localizam o milênio em momentos diferentes. Uma acredita que esse reino é espiritual e ocorre antes da segunda vinda visível (amilenismo e pós-milenismo). A outra crê que será literal e acontecerá depois da segunda vinda (pré-milenismo histórico e pré-milenismo dispensacionalista).⁶

O amilenismo⁷ diz que o retorno de Jesus ocorrerá após o milênio. Essa vertente entende que o reinado descrito em *Apocalipse* 20 já se realiza de modo presente e espiritual, considerando que a restrição de Satanás está em vigor desde a primeira vinda de Cristo até pouco antes de sua Parousia.⁸ Sustentam que o reino de Deus já atua no mundo por meio da obra de Cristo mediante sua Palavra e seu Espírito, ainda que sua expressão plena só ocorra na nova criação. Afirmam também que a segunda vinda será um acontecimento único, seguido pela ressurreição geral (salvos e perdidos), pela transformação dos cristãos que estiverem vivos, pelo arrebatamento, pelo juízo final e, finalmente, pela entrada dos fiéis na nova terra.⁹

⁵ LADD, 1986, p. 193.

⁶ VENEMA, Cornelis P. **A Promessa do Futuro**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. p. 175.

⁷ Os termos amilenismo e amilenarismo são utilizados nesta pesquisa como sinônimos, designando a mesma posição escatológica, segundo a qual não há expectativa de um reino terreno literal de mil anos após a segunda vinda de Cristo, entendendo o milênio como uma realidade espiritual. Por sua vez, os termos amilenista e amilenarista referem-se ao adepto dessa perspectiva.

⁸ Do grego παρουσία [parusia]. Termo técnico que se refere à segunda vinda de Cristo. GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. **Léxico do N.T. Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 160.

⁹ HOEKEMA, Anthony A. **A Bíblia e o Futuro**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 187–188.

O pós-milenismo¹⁰ diz que o retorno de Jesus ocorrerá após o milênio. Assim como os amilenistas, os pós-milenistas veem os mil anos de *Apocalipse* como uma figura de um extenso período, e afirmam que o reino de Deus já foi inaugurado no primeiro século como uma realidade espiritual presente na Igreja. Tanto amilenistas quanto pós-milenistas acreditam que na volta de Cristo ocorrerá a ressurreição geral, o juízo final e o estabelecimento definitivo do estado eterno. A diferença é que os defensores do pós-milenismo adotam uma visão otimista da história, entendendo que Jesus retornará após um longo período de prosperidade espiritual, no qual o avanço do evangelho fará com que o cristianismo influencie progressivamente o mundo, promovendo maior justiça, paz e bem-estar.¹¹

O pré-milenismo¹² histórico diz que o retorno de Jesus ocorrerá antes do milênio e acontecerá em um único evento. Os difusores dessa interpretação ensinam que Cristo voltará após a Grande Tribulação (pós-tribulacional). Em sua manifestação, Ele ressuscitará os salvos e os arrebatará ao seu encontro nos ares juntamente com os cristãos que estiverem vivos. Em seguida, Ele descerá até a terra e destruirá seus inimigos, prenderá Satanás por mil anos e governará o mundo juntamente com os santos. Após o milênio, Satanás será solto, provocará nova rebelião e será derrotado definitivamente. Só então ocorrerá a ressurreição dos ímpios para o juízo final. Após isso, novos céus e nova terra serão criados.¹³

O pré-milenismo dispensacionalista¹⁴ diz que o retorno de Jesus ocorrerá antes do milênio e acontecerá em dois eventos. O primeiro evento será o arrebatamento antes da Grande Tribulação (pré-tribulacional¹⁵); nesse momento, os salvos serão levados para o céu juntamente com os mortos em Cristo que irão ressuscitar.

¹⁰ Pós-milenismo e pós-milenarismo também são empregados como sinônimos para indicar a mesma posição escatológica, que localiza a segunda vinda de Cristo após um período de expansão e predominância do Evangelho no mundo. As designações pós-milenista e pós-milenarista referem-se ao adepto dessa perspectiva.

¹¹ GENTRY JR., Kenneth L. **Pós-milenarismo para leigos**. Brasília: Editora Monergismo, 2014. capítulo I.

¹² As palavras milenarismo, pré-milenarismo e pré-milenismo são usadas para designar a mesma posição escatológica, que espera um reino intermediário entre a segunda vinda de Cristo e o estado eterno. Milenarista, pré-milenarista, pré-milenista e pré-milenialista referem-se ao adepto dessa perspectiva.

¹³ LADD, George Eldon. Pré-milenismo histórico. In: CLOUSE, Robert G. (org.). **Milênio: significado e interpretações**. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985. capítulo I.

¹⁴ O vocábulo dispensacional também é usado e possui o mesmo significado.

¹⁵ Alguns autores usam a expressão tribulacionista, mas o sentido é o mesmo.

Enquanto isso, na terra, terá início a septuagésima semana de Daniel, que é o período de sete anos da Grande Tribulação. O segundo evento ocorrerá no fim da Grande Tribulação: Cristo voltará visivelmente ao mundo para prender Satanás e instaurar o reino milenar. Após o milênio, os ímpios ressuscitarão para o juízo final e haverá a criação de novos céus e nova terra.¹⁶

Embora diversas variações com diferenças pontuais tenham surgido a partir desses quatro modelos, eles permanecem como os mais conhecidos. Cada uma dessas escolas apresenta premissas distintas para fundamentar suas posições. Um eixo argumentativo central nesse debate envolve a questão da antiguidade da doutrina. Para sustentar tal ponto, os defensores dessas correntes recorrem aos Pais da Igreja dos primeiros séculos como forma de legitimar suas interpretações.

A afirmação de que todos os Pais da Igreja acreditavam que esses mil anos ocorreriam após a segunda vinda de Cristo circula amplamente na internet e em parte significativa da literatura teológica em língua portuguesa. Segundo os principais defensores dessa perspectiva, a crença em um milênio literal entre os cristãos do período pós-apostólico decorreria do suposto recebimento desse ensinamento diretamente do apóstolo João, autor do *Apocalipse*, o que conferiria a essa interpretação o estatuto de doutrina autêntica. Contudo, diversos estudiosos contestam essa leitura e sustentam que não houve consenso entre os primeiros cristãos, mas sim uma pluralidade de posições.

Diante da controvérsia exposta, torna-se necessária uma investigação que analise o desenvolvimento da crença no milênio ao longo dos primeiros séculos do cristianismo. Um exame documental cuidadoso dos escritos cristãos desse período pode oferecer subsídios relevantes à pesquisa acadêmica, contribuindo para uma compreensão mais consistente desse tema central tanto para a escatologia quanto para a história das doutrinas cristãs.

É amplamente reconhecido que o quiliasmo esteve presente e foi defendido por alguns autores na igreja primitiva.¹⁷ A discussão, contudo, reside em determinar em

¹⁶ PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia**: uma análise detalhada dos eventos futuros. São Paulo: Vida, 2006. p. 217, 253–256, 467–470, 486–488, 526–527, 551–554, 568.

¹⁷ A expressão “igreja primitiva” refere-se ao período inicial e formativo da Igreja cristã, logo após a morte da maioria dos apóstolos, e não carrega conotação pejorativa de falta de conhecimento ou de desenvolvimento rudimentar.

que medida essa posição se difundiu e se, de fato, chegou a constituir a perspectiva predominante no contexto histórico dos primeiros séculos.¹⁸ Com base nisso, pretende-se responder à questão central que orienta essa pesquisa: houve unanimidade doutrinária entre os Pais da Igreja dos primeiros séculos quanto à interpretação do reino milenar de Cristo descrito em *Apocalipse* 20?

As evidências apontam que não houve unanimidade doutrinária entre os Pais da Igreja dos primeiros séculos quanto à interpretação do reino milenar de Cristo descrito em *Apocalipse* 20. Justino e Irineu apresentam de modo claro uma posição milenarista. Há fortes indícios de que essa crença tenha sido herdada da tradição judaica, e não da tradição neotestamentária. Entretanto, por outro lado, os Parentes do Senhor e a *Carta de Barnabé* apresentam oposição ao quiliasmo, enquanto Clemente de Roma, Inácio e Policarpo não fornecem qualquer indício dessa doutrina. Quando se trata das doutrinas na Igreja antiga, não se pode esperar homogeneidade, pois a teologia ainda estava em formação e “[...] as condições eram favoráveis à coexistência de uma ampla variedade de opiniões, mesmo nos assuntos de importância fundamental”.¹⁹ A diversidade de ideias foi uma característica desse período, tanto que “Havia divisões e divergências de opiniões pelo menos tão amplas quanto as que encontramos no Novo Testamento”.²⁰ Por exemplo, havia aqueles que se afastavam dos ensinamentos de Pedro, Paulo, Tiago e João, e tais desvios eram alvo de repreensão nos escritos apostólicos, como se observa tanto na advertência de Paulo, em sua carta aos gálatas, contra aqueles que insistiam em guardar a lei mosaica, quanto no alerta de João acerca do anticristo, identificado como aquele que nega que Jesus Cristo veio em carne (1 João 4:2–3), posição associada ao gnosticismo. Tudo indica que essas discrepâncias doutrinárias não foram solucionadas, uma vez que ainda aparecem algumas décadas depois nos escritos dos Pais da Igreja, os quais também enfrentaram e procuraram refutar grupos dissidentes, como os ebionitas e os gnósticos.

¹⁸ PIETERS, Albertus. Chiliasm in the writings of the apostolic fathers. In: **The Calvin Forum**, v. 4, n. 1, august, 1938. p. 9. Disponível em: https://digitalcommons.calvin.edu/calvin_forum/37/. Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.

¹⁹ KELLY, J. N. D. **Patrística**: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 3.

²⁰ GONZÁLEZ, Justo L. **História da Literatura Cristã Antiga**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. Primeira Parte, Introdução.

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar os escritos dos Pais da Igreja que apresentam conteúdos relacionados à escatologia, com o propósito de verificar em que medida esses autores sustentaram ou rejeitaram uma expectativa quiliasta. Com base nos resultados obtidos, a análise buscará avaliar se a alegada unanimidade doutrinária se sustenta à luz das evidências documentais disponíveis. A partir da identificação dos autores que defenderam a vinda de Cristo antes do milênio, a pesquisa investigará a possível origem dessa crença.

A palavra milenarismo, em seu uso mais comum, possui o mesmo sentido que o vocábulo quiliasmo. O *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* define esses termos como: “(do lat. mille anni, mil anos), chamado também quiliasmo (gr. χίλια ἔτη = mil anos), é a doutrina a respeito do reino de mil anos”.²¹ Porém, em seu sentido mais amplo, milenarismo pode designar qualquer crença relacionada ao milênio de *Apocalipse* 20. Nesse caso, pré-milenismo, amilenismo e pós-milenismo poderiam ser considerados formas de milenarismo, pois todos interpretam o milênio de alguma maneira. Entretanto, nesta pesquisa, o termo será utilizado em seu sentido mais comum, isto é, como sinônimo de pré-milenismo.

Outras palavras trabalhadas nesta pesquisa são patrística, patrologia e Pais/Padres da Igreja. Entende-se por patrística a investigação sistemática do pensamento dos Pais da Igreja, abrangendo a formação das doutrinas cristãs, suas fontes históricas, os diálogos com o ambiente cultural e filosófico do período, bem como o processo de maturação teológica ao longo dos primeiros séculos do cristianismo. Patrologia designa o campo de estudo dedicado à vida, às obras e ao pensamento doutrinário dos Pais da Igreja, com interesse voltado principalmente para a história cristã antiga.²² O termo Pai/Padre da Igreja se aplica a autores da antiguidade cristã que viveram nos primeiros sete séculos, provenientes de diversos grupos sociais, cuja produção escrita adquiriu autoridade normativa no interior da tradição eclesial. Esses autores desempenharam papel central na consolidação da fé cristã, ao participar da elaboração teológica, da organização litúrgica, da definição

²¹ BOUWMAN, G. **Milenarismo**. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 990.

²² **PADRES Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995. p. 6.

disciplinar e da formulação dogmática que moldaram a identidade e a trajetória da Igreja.²³

A série *Patrística*, da editora Paulus, reúne as traduções dos documentos que registram o pensamento cristão antigo. Esses textos são fundamentais para esta pesquisa. Embora parte dos materiais originais tenha se perdido e, em outros casos, apenas fragmentos tenham sido preservados, esses escritos permitem o estudo do desenvolvimento do pensamento cristão em determinados períodos. Entre os autores e documentos mais antigos associados aos Pais da Igreja destacam-se Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, a *Carta de Barnabé*, Papias,²⁴ Irineu de Lyon,²⁵ Justino Mártir²⁶ e outros. Alguns autores expressam claramente um pensamento milenarista. Outros não revelam qualquer expectativa de um reino messiânico segundo o modelo judaico, o que permite delinear com maior precisão a perspectiva escatológica assumida por cada um.

Os patrólogos Altaner e Stuiber,²⁷ Drobner,²⁸ Etcheverria²⁹ e Quasten,³⁰ entre outros, apresentam o panorama histórico e a diversidade de posições teológicas sustentadas pelos Pais da Igreja, inclusive no que diz respeito ao milênio, tema central deste trabalho. Ao investigarem a vida e as obras dos cristãos da antiguidade, esses autores oferecem subsídios fundamentais para a compreensão do desenvolvimento das doutrinas no período patrístico.

²³ PADRES Apostólicos, 1995, p. 7.

²⁴ PADRES Apostólicos, 1995.

²⁵ IRENEU DE LIÃO. **Contra as Heresias**. Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa. (Coleção Patrística n. 4). São Paulo: Paulus, 1995; IRINEU DE LYON. **Demonstração da pregação apostólica**. Tradução, introdução e notas: Ari Luis do Vale Ribeiro. (Coleção Patrística n. 33). São Paulo: Paulus, 2014.

²⁶ JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias, Diálogo com Trifão**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 3). São Paulo: Paulus, 1995.

²⁷ ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. **Patrologia**: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

²⁸ DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrología**. Barcelona: Biblioteca Herder, 1994.

²⁹ ETCHEVERRIA, Ramón T. **Patrología**. Madrid: BAC, 1994.

³⁰ QUASTEN, Johannes. **Patrología**. 3. ed. Vol. I. Madrid: BAC, 1968.

Os principais materiais que fundamentam esta pesquisa são os trabalhos de Kromminga,³¹ Boyd,³² Daley³³ e Hermans.³⁴ Esses autores fornecem dados relevantes para a discussão a respeito do milenarismo na patrística. Hill apresenta um aspecto fundamental para o debate ao destacar que os cristãos quiliastas entendiam que os mortos em Cristo permaneciam no Hades, e não no céu, crença que se torna um critério importante para identificar a adesão ou não ao quiliasmo.³⁵ Grier, por sua vez, escreveu um capítulo intitulado “Os Pais e o Milênio”, no qual oferece a análise mais abrangente em língua portuguesa sobre os primeiros Pais da Igreja e a temática do milênio.³⁶

Também serão utilizadas obras de teólogos sistemáticos e comentaristas que defendem as principais linhas interpretativas, com o objetivo de identificar os argumentos recorrentes empregados na sustentação de suas posições dogmáticas, tanto quiliastas quanto não quiliastas. Entre os autores de orientação amilenista estão Hoekema,³⁷ Berkhof,³⁸ Kistemaker³⁹ e Brighton.⁴⁰ A posição pré-milenista clássica ou histórica é representada por Ladd⁴¹ e Erickson.⁴² O pré-milenarismo dispensacionalista é defendido por Walvoord⁴³ e Pentecost.⁴⁴ Já a posição pós-milenista é representada por Hodge⁴⁵ e Hodge.⁴⁶

³¹ KROMMINGA, D. H. **The millennium in the church**. Grand Rapids: B. Eerdmans, 1945.

³² BOYD, Alan Patrick. **A Dispensational Premillennial Analysis of the Eschatology of the Post-Apostolic Fathers (Until the Death of Justin Martyr)**. 1977. Disponível em: <https://library-files-of.dts.edu/td/197x/td.boyd-1977.pdf>. Acesso em: 22 de janeiro de 2025.

³³ DALEY, Brian E. **The Hope of the Early Church a Handbook of Patristic Eschatology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

³⁴ HERMANS, Albert. Le Pseudo-Barnabé est-il millénariste? *In: Analecta Lovaniensia Biblica et Orientalia*. Ser. III. Fasc. 15. Bruges; Paris: Publications Universitaires de Louvain, 1960.

³⁵ HILL, Charles E. **Regnum Caelorum: patterns of millennial thought in early christianity**. Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001.

³⁶ GRIER, W. J. **O Maior de Todos os Acontecimentos: análise do que ensinam as Escrituras acerca da Segunda Vinda de Cristo**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1972. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/amilenismo/maior_acoecimento.htm. Acesso em: 06 de abril de 2024.

³⁷ HOEKEMA, 2012.

³⁸ BERKHOF, Louis. **A História das Doutrinas Cristãs**. São Paulo: PES, 2021; BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Editora Cultura Cristã, 1990.

³⁹ KISTEMAKER, Simon. **Apocalipse**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

⁴⁰ BRIGHTON, 1999.

⁴¹ LADD, 1986.

⁴² ERICKSON, M. J. **Escatologia: a polêmica em torno do milênio**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

⁴³ WALVOORD, John F. **Millennial Series**. 1949–1956. Disponível em: <https://walvoord.com/book/export/html/328>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

⁴⁴ PENTECOST, 2006.

⁴⁵ HODGE, Archibald Alexander. **Esboços de Teologia**. São Paulo: PES, 2001a.

⁴⁶ HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001b.

É fundamental incorporar a esta pesquisa os historiadores da Igreja, pois eles registram os acontecimentos e as diversas interpretações relativas à história eclesiástica, tanto em seu desenvolvimento geral quanto em períodos específicos, abordando também as divergências teológicas e a formação progressiva das doutrinas cristãs. Esses estudiosos buscam identificar os fatores que contribuíram para a consolidação do pensamento cristão desde o período pré-cristão até a atualidade. No entanto, o recorte deste estudo limita-se ao contexto que abrange os primeiros dois séculos da Era Cristã. Nesse âmbito, Pelikan,⁴⁷ González⁴⁸ e Hagglund⁴⁹ constituem referências indispensáveis para a historiografia da Igreja.

Para complementar esta pesquisa, serão utilizados também escritos apócrifos e pseudoepígrafos, como o *Apocalipse de Baruch*,⁵⁰ o *Livro de Enoque*⁵¹ e o *4º Livro de Esdras*.⁵² As palavras apócrifo, pseudoepígrafo e deuterocanônico são termos utilizados para designar uma coleção de escritos vinculados tanto ao Antigo quanto ao Novo Testamento, que não foram incorporados ao cânon bíblico por conterem conteúdos considerados duvidosos.⁵³ Esses textos auxiliam na compreensão das concepções escatológicas e das correntes doutrinárias difundidas nos séculos anteriores e posteriores a Cristo. Trata-se de um período caracterizado pela ampla circulação de escritos apocalípticos, nos quais se desenvolvem expectativas acerca de um reino messiânico e de um juízo final destinado a distinguir os justos dos ímpios.

A presente dissertação adota uma metodologia de caráter documental e bibliográfico, fundamentada na análise de fontes primárias e secundárias. Após a definição do corpus bibliográfico, o trabalho inicia com a exposição das principais posições dos escatólogos e historiadores, com o objetivo de identificar as afirmações formuladas a respeito do milênio no contexto da Igreja incipiente. Em seguida,

⁴⁷ PELIKAN, Jaroslav. **A Tradição Cristã**: uma história do desenvolvimento da doutrina, o surgimento da tradição católica 100–600. Volume 1. São Paulo: Shedd, 2014.

⁴⁸ GONZALEZ, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão**. Vol. I. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

⁴⁹ HAGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Porto Alegre: Editora Concórdia, 1999.

⁵⁰ APOCALIPSE de Baruch. In: PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Alessandra Oliveira de (org.). **Um Outro Novo Testamento**: Apocalipses. São Paulo: Fonte Editorial, 2023.

⁵¹ LIVRO de Enoque. In: PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Alessandra Oliveira de (org.). **Um Outro Antigo Testamento**. Tomo I. São Paulo: Fonte Editorial, 2022.

⁵² 4º Livro de Esdras. In: PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Alessandra Oliveira de (org.). **Um Outro Antigo Testamento**. Tomo II. São Paulo: Fonte Editorial, 2022.

⁵³ LEWIS, Jack P. **Apócrifos**. In: PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John (org.). **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 155–157.

desenvolve uma leitura atenta dos textos patrísticos, da patrologia e da história da Igreja, visando reunir e organizar os testemunhos relacionados ao quiliasmo, bem como as posições assumidas pelos autores que rejeitaram essa expectativa escatológica. O estudo também inclui o exame dos escritos apócrifos e pseudoepígrafos, buscando possíveis relações entre essas tradições e a interpretação de *Apocalipse* 20 presente nos Pais da Igreja, o que contribui para a compreensão da origem e do posterior abandono do milenarismo.

Após esta introdução, a pesquisa organiza-se em três partes. O capítulo 2 apresenta o estado da arte acerca da forma como o milenarismo patrístico vem sendo abordado. No primeiro subtópico, o trabalho analisa a difusão da ideia de que todos os Pais da Igreja teriam sido milenaristas, identificando os principais argumentos empregados tanto em ambientes digitais quanto na literatura teológica em língua portuguesa. O segundo subtópico apresenta uma leitura alternativa que nega tal suposição.

O capítulo 3 dedica-se à análise dos textos e dos Pais da Igreja que ou se calaram ou não sustentaram uma expectativa milenar. Estão entre eles os Parentes do Senhor, Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna e a *Carta de Barnabé*.

O capítulo 4 concentra-se na análise dos Pais da Igreja que manifestaram uma expectativa milenar, identificando os principais representantes do quiliasmo nos séculos I e II. Entre eles estão Papias de Hierápolis, Justino Mártir e Irineu de Lyon. Além disso, o capítulo investiga a possível origem dessa crença, destacando a influência da escatologia judaica apocalíptica e dos escritos apócrifos na formação do milenarismo cristão primitivo.

O trabalho encerra-se com a conclusão, na qual os resultados da pesquisa são sintetizados, avaliados à luz da hipótese proposta e relacionados às suas implicações para a compreensão da escatologia patrística e do desenvolvimento do milenarismo no cristianismo antigo.

O capítulo seguinte abordará a produção acadêmica existente sobre o milenarismo no Brasil, apresentando um levantamento das principais obras e pesquisas já realizadas, dos teólogos que se destacaram nesse campo e das diferentes abordagens sobre o tema.

2 MILENARISMO E OS PAIS DA IGREJA NA INTERNET E NOS LIVROS EM PORTUGUÊS

Parte da percepção superficial a respeito do milenarismo patrístico se deve ao contexto atual, no qual as pessoas buscam conhecimento na internet, local em que qualquer indivíduo pode falar o que quiser sem a necessidade de apresentar provas. Uma prática comum entre os ícones da divulgação teológica, por mais que sejam estudiosos e tenham formação acadêmica, é a exposição simplista de fatos que são complexos.

Além da vasta apologia milenarista encontrada na internet, grande parte da literatura disponível em nosso idioma sustenta a alegação de que todos os primeiros Pais da Igreja eram quiliastas. A maioria dos livros sobre esse assunto são traduções de outros idiomas para o português. Ou seja, não é uma ideia criada e divulgada no Brasil. Ela foi selecionada e importada. É provável que essa bibliografia subsidie a crença dos influenciadores digitais citados no tópico seguinte.

Porém, há alguns materiais que contrariam tal afirmação, mas não tratam o tema com a devida importância. Isso levanta algumas incógnitas:

- 1) Será que os teólogos que afirmam uma unanimidade leem os livros que contrariam suas interpretações?
- 2) Será que eles consultam, mas simplesmente ignoram?
- 3) Ou será que eles estudam esses materiais, mas discordam deles?

No caso da primeira hipótese, trata-se de uma falha metodológica significativa, uma vez que a ausência de diálogo com a literatura contrária compromete a consistência da análise. A segunda possibilidade revela um problema ainda mais grave, pois a consulta seguida de desconsideração silenciosa de posições divergentes enfraquece a honestidade do debate teológico. Já a terceira hipótese indica a adoção de uma posição interpretativa deliberada, que, embora legítima em si mesma, torna-se questionável quando a existência de outras leituras é conhecida, mas omitida na apresentação dos dados.

2.1 NA INTERNET

As opiniões dos estudiosos expostas neste tópico não serão utilizadas como referencial teórico para a pesquisa. O objetivo é apenas estabelecer um panorama de como o milenarismo na patrística tem sido interpretado e difundido nos ambientes virtuais, preparando o terreno para a análise documental a ser desenvolvida posteriormente.

Há um consenso disseminado na internet de que os Pais da Igreja eram quiliastas. A maioria dos que divulgam essa ideia são teólogos influentes no meio pentecostal e atuam como os principais propagadores do milenarismo em sermões, livros, cursos e redes sociais. Alguns de seus vídeos ultrapassam 100 mil visualizações.

Por exemplo, no programa da Rádio Musical FM 106.7 de São Paulo, que também foi transmitido no YouTube, a partir dos 9 minutos, o pastor Jamierison Oliveira⁵⁴ argumentou contra o pastor Matheus Alves⁵⁵ que a “[...] tradição mais antiga da Igreja é o pré-milenismo [...]” e que essa é “[...] a posição histórica dos Pais da Igreja [...]”.⁵⁶ Ainda no mesmo vídeo, a partir dos 50 minutos, o pastor Sezar Cavalcante,⁵⁷ mediador do debate, afirmou que “[...] os Pais da Igreja, eles esperavam o milênio literal [...] fazendo um jogo de que um dia pra Deus é mil anos [...]”.⁵⁸ Disse ainda que “[...] a *Carta de Barnabé* faz isso com maestria [...]”,⁵⁹ e que “[...] os Pais da Igreja acreditavam num milênio literal que aconteceria no ápice, no final de seis mil anos [...]”.⁶⁰

Em outro debate, no programa da mesma rádio e transmitido pelo YouTube, o pastor Carlos Wagner,⁶¹ a partir do minuto 20, afirmou que “[...] todos os Pais da Igreja

⁵⁴ Pré-milenista dispensacionalista. É escritor, editor da Bíblia Apologética de Estudo e diretor do Seminário Batista Livre.

⁵⁵ Amilenista. É professor de teologia e influenciador digital.

⁵⁶ SEZAR CAVALCANTE. **O milênio é literal? - Pr. Matheus Alves X Pr. Jamierison Oliveira - 07.03.2023.** [S. l.]: YouTube, 7 de mar. 2023. 1 vídeo (1 h 24 min 20 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f_RAZ3pUPig. Acesso em: 5 de abril de 2024.

⁵⁷ Pré-milenista histórico. É teólogo, apresentador de rádio e reitor da Faculdade Teológica Betesda (FTB).

⁵⁸ SEZAR CAVALCANTE, 2023.

⁵⁹ SEZAR CAVALCANTE, 2023.

⁶⁰ SEZAR CAVALCANTE, 2023.

⁶¹ Pré-milenista. É professor e mestre em teologia.

nos cinco primeiros séculos discutia e aprovava que o milênio era literal [...]”.⁶² Após ser rebatido pelo interlocutor, voltou atrás e disse que “[...] noventa por cento dos Pais da Igreja eram pré-milenistas [...]”.⁶³ Mas depois voltou a reiterar que “[...] a igreja primitiva dos III IV primeiros séculos da Igreja, eles eram 100% pré-milenistas [...]”.⁶⁴

O pastor Juliano Fraga,⁶⁵ também na Rádio Musical, a partir dos 15 minutos, no debate contra o reverendo Wilson Lucena,⁶⁶ disse que “[...] os Pais da Igreja antenigenos e pós-nigenos eram pré-milenistas [...]”⁶⁷ e que só após Agostinho e a liberdade religiosa implementada por Constantino que surgiu o amilenismo, “[...] uma interpretação que não era comum [...]”.⁶⁸ No programa Vejam Só, transmitido pela RIT TV e no YouTube, o pastor Juliano Fraga afirmou, a partir dos 25 minutos, que ele cria “[...] como os Pais da Igreja criam, que estavam mais próximos dos apóstolos, ainda no primeiro, segundo e terceiro século, que eram todos pré-milenistas [...]”.⁶⁹ Só no YouTube, esse debate tem mais de 118 mil visualizações.

Ainda na Rádio Musical, o reverendo Edivaldo Costa⁷⁰ disse que a doutrina milenarista já estava presente no século II, e o pastor Joaquim de Andrade⁷¹ reafirmou que a igreja primitiva era milenarista.⁷²

Leandro Tarrataca,⁷³ também no programa Vejam Só, segue a mesma ideia, dizendo que “[...] por trezentos anos a igreja sempre sustentou o pré-milenismo [...]”⁷⁴

⁶² SEZAR CAVALCANTE. **O milênio é literal ou simbólico? 29.06.2022 - Rádio Musical FM 105.7 - SP.** [S. l.]: YouTube, 29 de jun. 2022. 1 vídeo (58 min 54 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pQeC_4eJC34&t=13s. Acesso em: 5 de abril de 2024.

⁶³ SEZAR CAVALCANTE, 2022.

⁶⁴ SEZAR CAVALCANTE, 2022.

⁶⁵ Pré-milenista dispensacionalista. É teólogo, escritor, pregador e apresentador.

⁶⁶ Amilenista. É capelão e mestre em teologia.

⁶⁷ PR. JULIANO FRAGA. **DEBATE: Já estamos vivendo o princípio das dores? (Pr Juliano Fraga).** [S. l.]: YouTube, 17 de nov. 2021b. 1 vídeo (43 min 23 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mce4ia4uTNw>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

⁶⁸ PR. JULIANO FRAGA, 2021b.

⁶⁹ PR. JULIANO FRAGA. **A Igreja passará pela Tribulação? (Pré tribulacionismo X Pós tribulacionismo).** [S. l.]: YouTube, 15 de jun. de 2021a. 1 vídeo (1 h 11 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p79-H3gs2Fk>. Acesso em: 6 de maio de 2024.

⁷⁰ Amilenista. Possui formação teológica.

⁷¹ Pré-milenista. É escritor, diretor do CREIA (Centro Religioso de Estudos e Informações Apologéticas) e possui formação em teologia e história.

⁷² MUSICAL FM 105.7. **Onde se cumprirá o reino milenar de Cristo? Debates na Musical com Pr. Sezar Cavalcante AO VIVO.** [S. l.]: YouTube, 26 de ago. 2020. 1 vídeo (57 min 15 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cet7nsexkE>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

⁷³ Pré-milenista. É pastor, teólogo, professor e escritor.

⁷⁴ LEANDRO C. RODRIGUES. **Programa Vejam Só - Tema: Milênio e Ressurreição - Leandro Tarrataca - Parte 2.** [S. l.]: YouTube, 04 de jul. 2013. 1 vídeo (28 min 36 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B6OXFDKMTiA>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

e que só a partir de Agostinho a igreja mudou de posição. O bispo Ildo Mello⁷⁵ não contra-argumentou.⁷⁶

No canal do YouTube Curso Bíblico Online, o expositor apresentou todos os Pais da Igreja até o século IV como sendo quiliastas.⁷⁷

O pastor Luiz Sayão⁷⁸ assegurou que, a partir do século IV, por meio de Agostinho e da liberdade religiosa imposta por Constantino, o amilenismo passou a predominar, mas essa não era a visão da igreja primitiva.⁷⁹ Essa palestra, apresentada em sua igreja, possui mais de 102 mil visualizações.

Em um blog, há um estudo intitulado *O milenarismo dos primeiros Pais da Igreja*. Nele, o autor defende que o pensamento cristão dos séculos I e II, sempre que tratou do tema, manifestou-se exclusivamente em termos pré-milenistas, sem evidências de correntes amilenistas ou pós-milenistas.⁸⁰

Apenas os sites www.amilenismo.com e www.monergismo.com contêm alguns materiais que contestam o senso comum de que todos os Pais da Igreja, ou quase todos, eram quiliastas.

2.2 NOS LIVROS EM PORTUGUÊS

Tudo indica que a posição dos teólogos citados anteriormente é o resultado do que é encontrado em parte da bibliografia disponível em português. As obras que tratam do milenarismo são abrangentes e não lidam especificamente sobre como foi sua aceitação na igreja primitiva. Elas centralizam a discussão em sistemas

⁷⁵ Amilenista. É professor de teologia no Seminário Bíblico Wesleyano.

⁷⁶ LEANDRO C. RODRIGUES, 2013.

⁷⁷ CURSO BÍBLICO ONLINE. **O que a Igreja Primitiva ensinava sobre O Milênio**. [S. l.]: YouTube. (10 vídeos). Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLm3Qmayvrx1RNM_kD16vj44Osu728pi9h. Acesso em: 5 de abril de 2024.

⁷⁸ Pré-milenista histórico. É teólogo, linguista, tradutor bíblico e hebraísta.

⁷⁹ IGREJA BATISTA NAÇÕES UNIDAS. **Milênio e Eternidade - Apocalipse 20 | Luiz Sayão | IBNU**. [S. l.]: YouTube, 21 de ago. 2018. 1 vídeo (30 min 28 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dkSC60rU6_M. Acesso em: 16 de abril de 2025.

⁸⁰ BANZOLI, Lucas. **O milenarismo dos primeiros Pais da Igreja**. 2015. Disponível em: <https://heresiascaticas.blogspot.com/2015/11/o-milenarismo-dos-primeiros-pais-da.html>. Acesso em: 18 de outubro de 2025.

hermenêuticos⁸¹ e não em posições específicas de cada Pai da Igreja a partir de seus respectivos textos. Esses materiais contêm frases dúbias e sem detalhes, que dão margem para sustentar a narrativa de uma unanimidade quiliasta no cristianismo incipiente. Alguns autores sustentam essa ideia de forma categórica; outros adotam uma postura mais cautelosa e empregam expressões que não a afirmam explicitamente, mas também não a rejeitam.

Porém, diferentemente do que circula na internet, as referências acadêmicas apresentam divergências significativas. Embora algumas concordem com o que é difundido na web, outras sustentam posições contrárias.

2.2.1 Totalidade milenarista

O teólogo dispensacionalista Herman Hoyt foi enfático e claro em dizer que:

Esta era a opinião da igreja primitiva, uma opinião que persistiu pelos primeiros dois séculos e meio. Não foi senão no tempo de Agostinho que alguma outra opinião contrária adquiriu suficiente estatura para desviar os homens do pré-milenismo.⁸²

Sem dúvida, essa declaração indica que, durante os primeiros duzentos e cinquenta anos da Igreja, teria existido apenas a visão milenarista.

Turretini cita que, além de Papias, “Muitos dentre os pais - Justino Mártir, Irineu, Tertuliano, Apolinário, Lactâncio, entre outros - adotaram esta opinião”⁸³ milenarista e que essa visão “[...] chegou a ser a opinião dominante (kyria doxa) de certos doutores [...]”.⁸⁴

McGrath descreve que a crença em “[...] um reino na terra que duraria por um período de mil anos [...] tinha um grande apelo perante os primeiros escritores cristãos”.⁸⁵ Segundo ele, a oposição à literalidade dos mil anos brotou apenas com Hipólito, que “[...] alegava que a referência a um período de mil anos não deveria ser

⁸¹ O debate gira em torno do que diz respeito ao amilenismo, ao pós-milenismo e ao pré-milenismo, assim como ao preterismo, historicismo, futurismo e idealismo.

⁸² HOYT, Herman A. Pré-milenismo dispensacionalista. In: CLOUSE, Robert G. (org.). **Milênio: significado e interpretações**. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985. capítulo II.

⁸³ TURRETINI, François. **Compêndio de Teologia Apologética**. Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 687–688.

⁸⁴ TURRETINI, 2011, p. 688.

⁸⁵ MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p. 642.

entendida literalmente como uma previsão da duração cronológica de um reino terreno, mas sim como uma alegoria indicativa da grandeza do reino celeste”.⁸⁶ Ou seja, conforme McGrath, somente entre o final do século II e o início do século III⁸⁷ houve uma oposição à literalidade dos mil anos.

O pré-milenarista Erickson cita os Pais da Igreja somente na explicação do pré-milenismo e diz, em sua *Teologia Sistemática*, que “É provável que o pré-milenismo tenha sido a concepção dominante nos três primeiros séculos da igreja”.⁸⁸ Porém, em outro livro de cunho mais específico sobre o milênio, fala que esse ensino, “Embora nunca fosse universalmente aceito, foi uma força dominante até a época de Agostinho e ainda mais tarde”.⁸⁹ Essas informações, sem uma descrição cuidadosa, causam o seguinte resultado: o reverendo Hernandes Dias Lopes,⁹⁰ mesmo sendo amilenista, cita Erickson⁹¹ em seu comentário e diz que “O Pré-Milenismo foi a posição oficial da Igreja Primitiva até o quarto século”,⁹² dando a entender que a totalidade da Igreja dos três primeiros séculos era quiliasta ou, na melhor das hipóteses, o milenarismo era a visão majoritária.

Shedd seguiu a mesma linha e escreveu que “Muitos pais da igreja primitiva eram milenistas”,⁹³ e que nos escritos dos “[...] primeiros pais da igreja que tocam nos temas da escatologia [...] Não encontramos nem amilenismo nem pós-milenismo [...]”.⁹⁴ Segundo ele, somente mais tarde “Com a posição adotada por Agostinho (séc. V) o premilenismo caiu no desprezo geral [...]”.⁹⁵ Isso gera no leitor a seguinte ideia: a única interpretação que existia antes de Agostinho era a quiliasta.

O historiador da Igreja Hagglund escreveu que:

A escatologia dos Pais Apostólicos incluía a idéia que o fim dos tempos era iminente, e alguns deles (Papias, Barnabé) também sustentavam a doutrina

⁸⁶ MCGRATH, 2010, p. 643.

⁸⁷ QUAISTEN, 1968, p. 468.

⁸⁸ ERICKSON, M. J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 512.

⁸⁹ ERICKSON, 2010, p. 117, grifo nosso.

⁹⁰ Youtuber, apresentador, CEO da plataforma de cursos bíblicos LPC, conferencista e autor de 170 livros.

⁹¹ ERICKSON, M. J. **Um Estudo do Milênio: opções contemporâneas na escatologia**. São Paulo: Vida Nova, 1977. p. 78.

⁹² LOPES, Hernandes Dias. **Apocalipse: o futuro chegou, as coisas que em breve devem acontecer**. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 25.

⁹³ SHEDD, Russell P. **A Escatologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 12.

⁹⁴ SHEDD, 1999, p. 15.

⁹⁵ SHEDD, 1999, p. 12.

de um milênio terreno. Barnabé aceitava a idéia judaica que o mundo existiria por 6.000 anos, prefigurados nos seis dias da criação. E, por conseguinte, dizia-se, que seguiria o sétimo milênio, em que Cristo reinaria visivelmente na terra com a ajuda de seus fiéis (cf. Ap 20). Este daria lugar ao oitavo dia, a eternidade, que tinha seu protótipo no domingo. Papias, também, apoiava a doutrina de um milênio terreno, e descrevia a condição bendita que prevaleceria durante este tempo.⁹⁶

Ou seja, ele cita apenas dois Pais da Igreja e, com base neles, generaliza toda a escatologia patrística, como se todos os demais subscrevessem essas ideias de forma homogênea.

Os teólogos Ferreira e Myatt escreveram que “O chamado pré-milenismo histórico foi a posição dominante dos pais da igreja na teologia, entre os séculos II e IV [...] *embora existissem outras interpretações sobre o milênio*”.⁹⁷ Mesmo que tenham falado a respeito dos que não seguiam a mesma crença, somente na nota de rodapé 24, de forma pouco explícita e facilmente passível de passar despercebida, os autores citaram o testemunho de Justino, que afirmou: “[...] há muitos cristãos, de mentalidade pura e piedosa, que não admitem essas idéias”.⁹⁸

Wingert, em sua tese de doutorado, sustenta que “[...] a Igreja entendida como Católica no período (quase que em sua totalidade até o início do Século III) anunciava um axioma: χιλιετηρίδα-millennium”.⁹⁹ Na nota de rodapé 122, ele acrescenta, de forma discreta, o reconhecimento de “[...] que esta prerrogativa de *totalidade* pode ser contestada”.¹⁰⁰

Até mesmo um teólogo amilenista relatou, em sua *Teologia Sistemática*, que “Alguns dos pais de igreja primitiva — entre eles, Justino Mártir, Ireneu e Tertuliano — defendiam o ponto de vista pré-milenista”,¹⁰¹ e que só no século V Agostinho argumentou que “[...] o Milênio se referia ao governo presente e contínuo de Cristo na

⁹⁶ HAGGLUND, 1999, p. 20.

⁹⁷ FERREIRA, F.; MYATT, A. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 1101, grifo nosso.

⁹⁸ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 1101.

⁹⁹ WINGERT, Diego dos Santos. **Doutrina Milenarista**: a esperança escatológica cristã no século II. 2024. p. 69. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11232>. Acesso em: 17 de julho de 2024.

¹⁰⁰ WINGERT, 2024, p. 69.

¹⁰¹ WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia Sistemática**: uma perspectiva pentecostal. São Paulo: Vida, 2011. p. 1120.

igreja com os santos”.¹⁰² Apenas na nota de rodapé 78, ele diz que o milenarismo “[...] nunca fora dominante e menos ainda universal. Havia opositores, e seus representantes tinham consciência de representar apenas uma parte da igreja”.¹⁰³

Da mesma forma, Green escreveu que “[...] no segundo século predominava amplamente a crença em um reino terreno e um milênio real”.¹⁰⁴ Apenas na nota de rodapé 54 do capítulo 4, além de reforçar a primazia milenarista, ele salienta que:

A crença no milênio terrestre parece ter sido a “ortodoxia” cristã desde Justino até Ireneu, embora os dois estivessem cientes de alguns cristãos que o espiritualizavam. Veja Justino, *Dial.* 80s.; Ireneu, *Haer.* 5.35. Orígenes condena esses conceitos tão grosseiros de felicidade celestial (*De Principiis* 2.11).¹⁰⁵

Mais uma vez, a existência de opositores ao milenarismo e a forma como esse dado é abordado evidenciam uma redução deliberada do tema a simples notas de rodapé, bem como a tendência de tratá-lo de forma marginal, minimizando sua relevância histórica e teológica.

O pentecostal Stanley Horton traz em sua *Teologia Sistemática* que:

Até aos meados do século II, a maioria dos cristãos mantinham a esperança de que Cristo voltaria para então reinarem com Ele durante mil anos. Em seguida, a preocupação com a definição da Cristologia desviou a atenção da esperança futura. Orígenes (c. de 185 – c. de 254), influenciado pela filosofia grega, popularizou um método alegórico que levou à espiritualização do reino futuro.¹⁰⁶

Isso leva o leitor a entender que toda a Igreja antes de Orígenes era milenarista e que só a partir de então a ideia de um reino milenar literal começou a ser contestada.

O pós-milenista Charles Hodge comentou, na nota de rodapé 17 de sua *Teologia Sistemática*, a afirmação feita pelos pré-milenistas de que “A igreja, pelos dois séculos imediatamente subsequentes aos Apóstolos, era milenarista”.¹⁰⁷ Ele não contestou a afirmação e parece tê-la reafirmado na nota 18, pois escreveu que “A opinião comum na Igreja primitiva era que os santos ressurretos vão viver e reinar mil

¹⁰² WILLIAMS, 2011, p. 1121.

¹⁰³ WILLIAMS, 2011, p. 1120–1121.

¹⁰⁴ GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020. capítulo IV.

¹⁰⁵ GREEN, 2020, capítulo IV.

¹⁰⁶ HORTON, Stanley M. As Últimas Coisas. In: **Teologia Sistemática**: uma perspectiva pentecostal. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 625.

¹⁰⁷ HODGE, 2001b, p. 1652.

anos com Cristo sobre a terra [...]”.¹⁰⁸ Seu filho, Archibald Alexander Hodge, também um pós-milenista, seguiu a ideia de seu pai sobre o milenarismo e disse que “Os ‘pais’ apostólicos do ramo judaico-cristão da Igreja – Barnabé, Hermes, Papias e outros – adotaram essa opinião”.¹⁰⁹ Segundo A. A. Hodge, o quiliasmo foi a doutrina comum da Igreja entre os anos 150 e 250, sendo sustentada por autores como Irineu e Tertuliano, até que, mais tarde, a visão não milenarista se tornou predominante.¹¹⁰

O pré-milenista clássico Wayne Grudem explica em seus livros sobre os três pontos de vista divergentes em relação ao momento em que o milênio ocorrerá, esses são o amilenismo, o pós-milenismo e o pré-milenismo. Apenas na explicação do pré-milenismo ele relatou que “Essa perspectiva tem uma longa história [...]”.¹¹¹ Ressaltou que: “Esse ponto de vista é defendido desde os primeiros séculos do cristianismo”.¹¹² Quem lê essas duas obras de Grudem conclui, sem dúvida alguma, que a expectativa de um milênio literal após a vinda de Cristo era a crença dos cristãos mais antigos e que as outras surgiram posteriormente.

Norman Geisler, um teólogo pré-milenista dispensacionalista, escreveu que o milenarismo recebeu “[...] apoio de muitos dos primeiros Pais da igreja (como Justino Mártir [c. 100–c. 165], Clemente de Alexandria [150–c. 215], Tertuliano [c. 155–c. 225], e outros [...]),¹¹³ assim como do “[...] primeiro Agostinho [354–430] [...]”.¹¹⁴ Já o amilenismo foi apoiado pelo “[...] último Agostinho [...]”.¹¹⁵ Entende-se, a partir da *Teologia Sistemática* do autor, que a doutrina não milenarista teve apoio somente após Agostinho abandonar o milenarismo.¹¹⁶

Em uma tese de mestrado, o autor Jonas Santin afirmou a unicidade milenarista na Igreja pós-apostólica. Ele escreveu que:

A corrente teológica pré-milenista, também conhecida como pré-milenarismo, ou ainda, pré-milenialistas, era a visão da igreja primitiva. Ela era pré-milenista [...] Justino Mártir (100–165), Irineu (130–200), Tertuliano (160–

¹⁰⁸ HODGE, 2001b, p. 1653.

¹⁰⁹ HODGE, 2001a, p. 795.

¹¹⁰ HODGE, 2001a, p. 796.

¹¹¹ GRUDEM, Wayne. **Manual de Teologia Sistemática**: uma introdução aos princípios da fé cristã. São Paulo: Editora Vida, 2001. p. 488.

¹¹² GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 948.

¹¹³ GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Vol. II. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 939.

¹¹⁴ GEISLER, 2010, p. 939.

¹¹⁵ GEISLER, 2010, p. 940.

¹¹⁶ Por isso, Geisler usa as expressões “primeiro agostinho” (milenarista) e “último Agostinho” (não milenarista).

225), Hipólito (170–230), Vitorino (304), Lactâncio (240–320), Metódio (morreu em 311), eram de pensamento quiliasta, ou seja, criam que Cristo governaria por mil anos a terra, estando ele de forma visível [...].¹¹⁷

Para Lopes, “[...] os primeiros cristãos se encaixam em uma concepção pré-milenista [...]”.¹¹⁸ Acrescentou ainda que somente “[...] em função da hermenêutica alegórica das Escrituras por parte de Orígenes [...] é introduzida uma nova concepção do milênio: o amilenismo”.¹¹⁹

Um fato notório é que os propagadores do suposto consenso milenarista entram em contradição entre si, pois cada um apresenta uma explicação distinta. Alguns afirmam que a interpretação alegórica dos mil anos surgiu com Hipólito; outros atribuem sua origem a Orígenes; há ainda quem sustente que ela teve início apenas com Agostinho. Um afirma que, até o final do século II, todos os cristãos eram quiliastas; outro sustenta que essa posição predominou até o século V. Ou seja, não há consenso quanto ao período em que o milenarismo teria entrado em declínio, nem sobre por meio de quem isso veio a ocorrer.

Ao analisar as várias citações expostas neste capítulo, é possível identificar um padrão recorrente. Os autores mencionam apenas alguns Pais da Igreja que, de fato, sustentavam o quiliasmo e, com base nesses testemunhos limitados, empregam expressões como “dominante”,¹²⁰ “geralmente”,¹²¹ “predominava”¹²² etc. Em alguns casos, a generalização é levada ainda mais longe, chegando-se a afirmar uma totalidade.¹²³ Porém, vários Pais da Igreja sequer mencionam o milênio ou qualquer elemento associado ao quiliasmo.¹²⁴ Ou seja, alguns poucos escritos claramente milenaristas são tomados como referência para sustentar a ideia de que todos os demais, inclusive aqueles que permanecem em silêncio sobre o tema, compartilhavam da mesma crença. Trata-se de uma generalização indevida, pois nenhum desses

¹¹⁷ SANTIN, Jonas Roberto. **O arrebatamento pré, meso ou pós-tribulacionista da igreja, numa perspectiva dispensacionalista pentecostal**. Tese (Mestrado Profissional em Teologia). Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. p. 17.

¹¹⁸ LOPES, Edson Pereira. Escatologia e milenarismo na história da Igreja Cristã. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade**. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 46–73, 2011. p. 55. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3294>. Acesso em: 17 de julho de 2025.

¹¹⁹ LOPES, 2011, p. 56.

¹²⁰ TURRETINI, 2011, p. 688.

¹²¹ HODGE, 2001a, p. 796.

¹²² GREEN, 2020, capítulo IV.

¹²³ SHEDD, 1999, p. 12, 15; SANTIN, 2015, p. 17.

¹²⁴ BERKHOF, 2021, p. 236.

estudiosos apresenta uma análise individual e detalhada dos escritos patrísticos capaz de confirmar essa suposição. Essa prática, ao que tudo indica, contribui para a persistência da ideia de uma homogeneidade milenarista no período pós-apostólico.

Grande parte do que foi exposto neste tópico provém de estudiosos vinculados à tradição pré-milenista. Tal vinculação pode condicionar de maneira decisiva a leitura que realizam, de modo que muitas de suas conclusões talvez não resultem de uma análise crítica e contextual dos textos patrísticos, mas possam refletir pressupostos escatológicos prévios. Assim, suas interpretações parecem revelar mais uma predisposição doutrinária do que uma investigação histórica plenamente imparcial.

A seção seguinte constitui uma negação explícita de tudo o que foi afirmado nesta unidade, contrariando a suposta concordância geral quanto à existência de um reino literal e milenar de Cristo na terra, antes da eternidade.

2.2.2 Existência de milenaristas e não milenaristas

É comum, como se observou no tópico anterior, que, em obras de teologia sistemática e de história da Igreja, determinados assuntos de grande complexidade sejam tratados de forma excessivamente resumida. Temas que, se devidamente explorados, poderiam ocupar uma centena de páginas acabam sendo condensados em um único parágrafo ou, no máximo, em um capítulo breve, o que inevitavelmente limita a profundidade da análise e a riqueza das sutilezas históricas e teológicas envolvidas, resultando em generalizações. Tal prática é notória no tratamento da posição quiliasta na patrística. Contudo, há estudiosos que reconhecem nuances que destoam do senso comum milenarista.

Em contraste direto com o que foi apresentado no tópico anterior, Michael Horton afirma que a igreja primitiva compreendia o reino de Deus como inaugurado no primeiro advento de Cristo, ainda que aguardasse sua consumação plena no futuro, perspectiva que hoje se associa ao amilenismo. Embora Justino Mártir defendesse uma posição próxima ao que atualmente se denomina pré-milenarismo histórico, ele próprio reconhecia que tal interpretação não representava a visão predominante entre os cristãos de seu tempo. Horton acrescenta que o primeiro movimento milenarista de maior alcance surgiu tardiamente no contexto do

montanismo.¹²⁵ Ou seja, segundo esse autor, o amilenismo constituía a doutrina predominante na igreja primitiva, e não o pré-milenismo. De acordo com essa leitura, o milenarismo adquiriu maior relevância apenas a partir da segunda metade do século II.

Venema diz que é um exagero afirmar que o pré-milenismo era “[...] o ponto de vista predominante na Igreja cristã ao longo dos séculos e, em contrapartida, serem os demais pontos de vista a minoria”.¹²⁶ Campenhausen confirma isso ao escrever que essa crença “[...] estava sendo questionada na própria Igreja [...]”.¹²⁷

Thiessen observou que “A crença em um reino milenar na terra, que se seguiria o segundo advento de Cristo, era largamente difundida [...] encontrada em Justino, Irineu e Tertuliano”.¹²⁸ Porém, “Os Alexandrinos se opunham a ele. Eles contribuíram para a queda desse dogma [...]”.¹²⁹

Berkhof coloca Papias, Irineu, Barnabé, Hermas, Justino, Tertuliano e Cerinto entre os quiliastas. Porém, ressalta a impossibilidade de afirmar que essa doutrina “[...] foi geralmente aceita durante os três primeiros séculos. A verdade do assunto é que os aderentes desta doutrina eram de número algo limitado”.¹³⁰ Isso se deve ao fato de não haver “[...] nenhum traço da doutrina em Clemente de Roma, Ignácio, Policarpo, Taciano, Atenágoras, Teófilo, Clemente da Alexandria, Orígenes, Dionísio, e outros Pais importantes da Igreja”.¹³¹ Para Berkhof, a doutrina amilenista é tão antiga quanto o cristianismo e “Teve pelo menos o mesmo número de defensores que teve o quiliasma entre os chamados pais da igreja do segundo e do terceiro séculos, tidos como o apogeu do quiliasma”.¹³²

A coexistência de ambas as posições logo no início do cristianismo é confirmada por Pelikan. Ele relatou que:

¹²⁵ HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2016. p. 966.

¹²⁶ VENEMA, 2017, p. 176.

¹²⁷ CAMPENHAUSEN, Hans Von. **Os Pais da Igreja: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 18.

¹²⁸ THIESSEN, Henry Clarence. **Palestras Introdutórias à Teologia Sistemática**. São Paulo: Batista Regular, 1989. p. 366.

¹²⁹ THIESSEN, 1989, p. 366–367.

¹³⁰ BERKHOF, 2021, p. 236.

¹³¹ BERKHOF, 2021, p. 236.

¹³² BERKHOF, 1990, p. 701.

[...] há uma evidência notável não só de que a igreja continuou a ter a esperança milenarista depois da era apostólica, mas que ela também, provavelmente desde o início, continuou em tensão com outras descrições do Reino de Cristo, as quais não estavam tão inteiradas dos detalhes do calendário para esse Reino. Embora ele mesmo abrigue a expectativa de que Jerusalém seria reconstruída e que os santos tanto da eras do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento compartilhariam com Cristo as alegrias da nova era, Justino admitiu que havia outros cristãos crentes tão piedosos e ortodoxos quanto ele que não tinham essa expectativa [...].¹³³

Kelly¹³⁴ e Allison¹³⁵ vão na mesma direção e citam Justino como defensor do milenarismo, mas salientam que o apologista conhecia outros cristãos piedosos que não pensavam da mesma forma.

A lista dos quiliastas composta por Ferguson se inicia por Papias,¹³⁶ seguido por Justino de Roma, Irineu, Tertuliano, Vitorino e Lactâncio. Porém, o historiador também descreve a existência de alguns que não criam em um milênio e diz que:

Essa corrente não quiliástica de pensamento escatológico foi amplamente difundida no cristianismo primitivo e é representada por escritores como Hermas, Policarpo, os autores de *Carta a Diogneto*, *Ascensão de Isaías*, *Apocalipse de Pedro*, *Martírio de Policarpo* e *Carta das igrejas de Viena e Lyon*, Clemente de Alexandria, Orígenes e Cipriano.¹³⁷

Silva menciona que apenas “[...] historiadores — parciais — enfatizavam que nos três primeiros séculos da era cristã a Igreja toda, quase como uma só pessoa, era de pressupostos pré-milenistas”.¹³⁸ Isso porque “[...] o terceiro século distinguiu-se por uma oposição firme e decidida à crença em uma era de mil anos na terra; pensamento pré-milenista central”.¹³⁹ Com base nisso, a decadência do milenarismo já no século III sugere que as ideias amilenistas estavam em circulação e eram discutidas nas gerações cristãs anteriores, ou seja, nos séculos I e II.

Titillo fez uma comparação entre a perspectiva escatológica de Policarpo e de Papias, dois Pais da Igreja muito antigos. Ele não vê em Policarpo qualquer traço da

¹³³ PELIKAN, 2014, p. 140.

¹³⁴ KELLY, 1994, p. 354.

¹³⁵ ALLISON, Gregg R. **Teologia Histórica**: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 818.

¹³⁶ FERGUSON, Everett. **História da Igreja**: dos dias de Cristo à pré-Reforma. Vol. 1. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2017. p. 60.

¹³⁷ FERGUSON, 2017, p. 182–183.

¹³⁸ SILVA, Ângelo Vieira da. Apocalipse 20: uma breve história da doutrina milenarista. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 15, n. 1, p. 6–23, 2020. p. 11. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1222>. Acesso em: 17 de abril de 2024.

¹³⁹ SILVA, 2020, p. 11.

doutrina milenarista. Já em Papias, ela aparece de forma bem definida. O autor do artigo também cita o diálogo entre Justino e o judeu Trifão e concluiu de forma lógica “[...] que alguns cristãos ortodoxos interpretavam o milênio de uma maneira não literal, subentendendo a existência de um não milenarismo bem remoto na Igreja, juntamente com a escatologia milenarista”.¹⁴⁰ Além disso, escreveu que:

[...] o milenarismo não foi a única escatologia presente nos primórdios da Igreja. Já nos pais apostólicos coexistiam duas correntes escatológicas: uma aguardando a intervenção escatológica pós-história; outra aguardando a inversão escatológica na história.¹⁴¹

Grier, no capítulo 3 do seu livro, expõe com mais detalhes a relação entre os Pais da Igreja e o milênio. Esta é a única bibliografia em português que aborda a questão do milenarismo de forma abrangente, incluindo a citação integral de algumas perícopes relevantes para o estudo do quiliasmo. Ele coloca Papias, Justino de Roma, Irineu de Lyon, os Montanistas e Lactâncio entre os milenaristas. Por outro lado, cita algumas evidências que impossibilitam afirmar que Clemente de Roma, Policarpo de Esmirna, Inácio de Antioquia, a *Didachê*, a *Carta de Barnabé*, a *Carta a Diogneto*, Hegésipo e Orígenes criam no quiliasmo.¹⁴² O autor inicia o capítulo com uma provocação, dizendo que “Os escritos da Igreja primitiva foram traduzidos e qualquer leitor pode ter acesso a eles e verificar, por si mesmo, se foi realmente assim”.¹⁴³

Fica claro, portanto, que, desde os primeiros séculos do cristianismo existiam divergências significativas quanto à forma de interpretar o capítulo 20 do *Apocalipse* de João. Essas diferenças revelam que o entendimento sobre o milênio não era uniforme entre os cristãos da igreja primitiva, mas sim caracterizado por uma pluralidade de perspectivas teológicas e hermenêuticas.

Até aqui, foi traçado um panorama do milenarismo no Brasil, considerando sua presença na internet e na literatura teológica em língua portuguesa. Essa etapa permitiu identificar tendências interpretativas e perceber como o tema tem sido compreendido e difundido. Grande parte das fontes analisadas apresentou o

¹⁴⁰ TITILLO, Thiago Velozo. Expectativas escatológicas em Policarpo e Papias. **Pós-Escrito**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Teologia, v. 6, n. 1, p. 4–23, 2024. p. 7. Disponível em: <https://revistas.seminariodosul.com.br/index.php/posescrito/article/view/63>. Acesso em: 18 de julho de 2025.

¹⁴¹ TITILLO, 2024, p. 21.

¹⁴² GRIER, 1972, p. 18–25.

¹⁴³ GRIER, 1972, p. 18.

milénarismo como posição predominante entre os cristãos primitivos, enquanto outras obras ofereceram uma leitura alternativa, ainda que sem a profundidade necessária para sustentar um debate histórico consistente.

Mas, antes de uma análise específica sobre cada escrito patrístico, algumas questões precisam ser esclarecidas. São elas:

- 1) O que é necessário para um Pai da Igreja ser classificado como milénarista?
- 2) O que é necessário para um Pai da Igreja ser classificado como amilenista?
- 3) Esses termos existiam na igreja primitiva?

É fácil identificar o quiliismo em Justino e Irineu, pois seus textos apresentam referências diretas a um período de mil anos, marcado por harmonia entre os animais e pela fertilidade da terra. Segundo eles, esse reino teria início na segunda vinda de Cristo.

Se, por um lado, a existência de tais palavras e conceitos define um milénarista, será que a mesma lógica pode ser usada para dizer que a inexistência desses termos e ideias determina um amilenista? Em outras palavras, pode-se afirmar que todos os Pais da Igreja que não mencionaram o milênio fizeram isso porque rejeitavam essa expectativa? Embora não haja registro explícito, é possível que alguns, ou mesmo todos os que permaneceram em silêncio sobre o tema, tenham nutrido uma esperança milénarista, ainda que tal hipótese não possa ser demonstrada com base nas evidências disponíveis. Por isso, colocá-los em um espectro ou em outro permanece mera especulação. O mais adequado seria conceder-lhes o benefício da dúvida e manter a questão em aberto. Porém, Grier observa que, para um autor genuinamente quiliasta, o milênio é um ponto tão central que ele se sentiria compelido a citá-lo.¹⁴⁴ Se esse princípio estiver correto, todos os Pais da Igreja que não mencionam o milênio de modo claro, explícito e inequívoco devem ser classificados entre aqueles que não defendiam a perspectiva quiliasta. É dessa forma que os capítulos 3 e 4 serão organizados. Mas essa classificação não será feita apenas pela ausência de evidências, mas com base em detalhes que não fazem parte ou que vão contra a esperança dos milénaristas conhecidos: Justino e Irineu. Em outras palavras, não é

¹⁴⁴ GRIER, 1972, p. 20.

necessário que um autor declare explicitamente sua descrença em um milênio literal para que sua posição seja classificada como amilenista, pois o amilenismo pode ser identificado por meio de outras características teológicas e hermenêuticas.

No que se refere à terceira questão, há uma discussão sobre quando os termos pré-milenismo e amilenismo começaram a ser utilizados. Os indícios apontam para uma origem recente, provavelmente dentro dos últimos duzentos anos.¹⁴⁵ Apesar disso, o autor desta pesquisa, assim como os estudiosos citados nela, utiliza essas expressões de modo anacrônico para descrever os cristãos do passado que esperavam ou não um reino de mil anos após a Parousia de Cristo, empregando-as como categorias funcionais para caracterizar a postura dos cristãos primitivos diante do milênio.

Diante desse cenário, o capítulo seguinte apresentará os textos patrísticos que abordam a escatologia, acompanhados de suas respectivas análises, com o propósito de identificar nuances que ajudem a compreender a razão de estarem nessa classificação.

¹⁴⁵ RIDDLEBARGER, Kim. **Princeton and the Millennium; A Study of American Postmillennialism**. 2005. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5f7f81cd67b88d47b94051ed/t/60f711afa5bb770798284be3/1626804655755/Princeton+and+the+Millennium+2021+Revision.pdf>. Acesso em: 24 de novembro de 2025; **PREMILLENNIALISM**. Merriam-Webster Dictionary. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/premillennialism>. Acesso em: 27 de novembro de 2025.

3 PAIS DA IGREJA NÃO MILENARISTAS (AMILENISTAS)

Embora diversos autores antigos sejam frequentemente vinculados ao milenarismo, seus escritos não confirmam essa expectativa. Pelo contrário, revelam perspectivas escatológicas que se afastam da concepção de um reino literal com duração cronológica de mil anos, tal como defendida por Justino e Irineu.

Este capítulo examina os principais testemunhos que, direta ou indiretamente, se distanciam do quiliasmo, evidenciando elementos que, de modo anacrônico, têm sido identificados como característicos de posições posteriormente associadas ao amilenismo. A análise desses autores revela que a escatologia do primeiro século não foi caracterizada pela expectativa de um reino temporário, transitório e terreno, tal como seria formulado posteriormente pelos milenaristas.

Nesta seção, serão apresentados tanto os Pais da Igreja que expressaram uma posição amilenista quanto aqueles que não registraram qualquer comentário sobre o tema. Por questão de espaço, nem toda a produção literária que nega ou se cala sobre o milenarismo será analisada nesse capítulo, pois o objetivo é a avaliação da suposta unanimidade. Para isso, algumas poucas obras são suficientes.

3.1 OS PARENTES DO SENHOR (90 D.C.¹⁴⁶)

Um episódio preservado pela tradição cristã oferece um importante vislumbre da expectativa escatológica dos primeiros discípulos, sobretudo no que diz respeito ao futuro e ao reino que aguardavam. Trata-se do comparecimento dos netos de Judas, irmão de Jesus (Mt 13:55; Mc 6:3), diante do imperador Domiciano. O relato ganha relevância especial por remontar ainda ao primeiro século e por ter sido transmitido a partir de um círculo extremamente próximo a Cristo, conferindo-lhe peso histórico e teológico.

¹⁴⁶ A sigla d.C. significa: depois de Cristo. O ano indicado ao lado de cada tópico corresponde à data aproximada em que a obra foi produzida ou em que o evento narrado ocorreu. Não se refere ao ano de nascimento ou de morte do autor mencionado.

Esse episódio foi conservado por Eusébio, que o descreveu a partir da tradição registrada por Hegesipo, autor do relato.¹⁴⁷

3.1.1 Autor, local e data

Hegesipo escreveu cinco livros intitulados *Hypomnemata*, dos quais restaram apenas fragmentos esparsos, preservados sobretudo por Eusébio, além de raras referências posteriores.¹⁴⁸

Hegesipo foi um cristão oriental, provavelmente de origem judaica e conhecedor do siríaco, que viajou por diversas comunidades cristãs, incluindo Corinto e Roma, durante o pontificado de Aniceto, entre cerca de 154 e 166. Seu objetivo era verificar a fidelidade dessas igrejas à tradição apostólica. Como resultado dessas investigações, escreveu por volta do ano 180 cinco livros, com conteúdo histórico e eclesiástico, dirigidos especialmente contra o gnosticismo.¹⁴⁹ Segundo Eusébio, Hegesipo pertenceu à “[...] primeira geração depois dos apóstolos [...]”.¹⁵⁰

Pouco se sabe sobre seu nascimento e sua morte. Embora haja indícios de que seus manuscritos ainda circulavam até a Idade Moderna, a obra desapareceu precocemente, de modo que autores como Jerônimo e Sozômeno dependeram exclusivamente de Eusébio. O título *Hypomnemata* não deve ser traduzido como “Memórias”, mas entendido no sentido de “anotações” ou “tratados”, sem indicar um gênero literário específico. Por isso, a obra não se enquadra nem como história eclesiástica nem como apologia formal, mas como um escrito de caráter doutrinário, voltado à preservação da tradição apostólica diante das heresias.¹⁵¹

É provável que quando Eusébio escreveu a *História Eclesiástica*, os livros de Hegesipo ainda estavam em circulação, como indica sua afirmação de que os “[...] cinco livros das *Memórias*, que ainda temos [...]”.¹⁵²

¹⁴⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Tradução: Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria de Cristo; introdução, notas e comentários: Roque Frangiotti. (Coleção Patrística n. 15). São Paulo: Paulus, 1995. p. 137.

¹⁴⁸ VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva**: introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos Pais Apostólicos. São Paulo: Editora Academia Cristã, 2005. p. 794.

¹⁴⁹ ALTANER; STUIBER, 1988, p. 118.

¹⁵⁰ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 105.

¹⁵¹ VIELHAUER, 2005, p. 794–798.

¹⁵² EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 206.

Entretanto, embora Hegesipo tenha redigido sua coletânea por volta do ano 180, o fato narrado por ele ocorreu cerca de cem anos antes, no reinado de “[...] Domiciano César”,¹⁵³ que governou Roma entre 81 e 96.¹⁵⁴

3.1.2 Amilenaristas

Domiciano temia que alguém lhe tomasse o poder. Seus assessores e senadores viviam em constante medo, pois o imperador era dominado pela obsessão de que conspiravam contra ele o tempo todo.¹⁵⁵ Assim como Herodes, Domiciano temia a vinda de Cristo. Houve uma denúncia de que ainda existiam descendentes de Davi. Esses eram netos de Judas, irmão de Jesus. Por isso, foram convocados a comparecer diante de César. O imperador perguntou-lhes se eram descendentes de Davi. Eles confirmaram que sim. Em seguida, quis saber quais riquezas possuíam. Eles responderam que tinham apenas uma pequena propriedade rural. Para provar que eram trabalhadores simples, mostraram suas mãos calejadas e os sinais de quem cultivava a própria terra.¹⁵⁶

Quando foram “Interrogados sobre o Cristo e seu reino, sua natureza, o lugar e o tempo de sua manifestação [...]”,¹⁵⁷ responderam que:

[...] seu reino *não era deste mundo, nem da terra*, mas *celeste e angélico* e que chegaria na consumação dos séculos, quando Cristo viria na glória a *julgar os vivos e os mortos* e a retribuir a cada um conforme as suas obras.¹⁵⁸

Ao perceber que eram homens simples e sem pretensões políticas, o governador de Roma ordenou que fossem libertos. Em seguida, publicou um edito encerrando a perseguição contra a Igreja.¹⁵⁹

Após Domiciano ter sido assassinado, em 96 d.C.,¹⁶⁰ Eusébio conta que:

[...] o Senado romano decretou que retornassem do exílio os que foram injustamente banidos por ele e seus bens lhes fossem restituídos [...] Então

¹⁵³ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 137.

¹⁵⁴ BEALE, G. K. **Brado de Vitória**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. p. 3.

¹⁵⁵ ROUX, Patrick. **Império Romano**. Porto Alegre: L&PM, 2009. capítulo I.

¹⁵⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 137–138.

¹⁵⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 138.

¹⁵⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 138, grifo nosso.

¹⁵⁹ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 138.

¹⁶⁰ ROUX, 2009, capítulo I.

também o apóstolo João saiu do exílio na ilha e retomou seu modo de viver em Éfeso, conforme transmitiram nossos anciãos.¹⁶¹

Eusébio menciona dois acontecimentos relacionados à perseguição sob Domiciano. O primeiro foi o comparecimento dos netos de Judas diante do imperador. O segundo foi o retorno de João, que estava exilado em Patmos, para Éfeso. Se isso realmente aconteceu na ordem em que Eusébio descreveu, o relato dos netos de Judas é anterior ao *Apocalipse*.¹⁶² Nada é dito sobre um reino aos moldes quiliastas.¹⁶³

Contudo, existe a possibilidade de João ter redigido o *Apocalipse* algumas décadas antes.¹⁶⁴ Irineu escreveu:

[...] se o seu nome tivesse que ser proclamado no nosso tempo, já teria sido manifestado pelo vidente do *Apocalipse*, porque não faz muito tempo que *ele foi visto*, e sim próximo aos nossos dias, no fim do reinado de Domiciano.¹⁶⁵

A questão em torno da expressão “ele foi visto” consiste em determinar a quem o pronome “ele” se refere, se é à pessoa de João ou à visão do *Apocalipse*. Em outras palavras, João foi visto ainda vivo no fim do reinado de Domiciano ou João teve a visão do seu *Apocalipse* nesse tempo? Alguns intérpretes defendem que “ele” diz respeito à pessoa de João. Esses autores sustentam que o apóstolo foi exilado em Patmos por ordem de Nero, na década de 60, e que nesse contexto ocorreu a redação do *Apocalipse*.¹⁶⁶

O relato dos Parentes do Senhor revela que a esperança de, ao menos, uma parcela da igreja era o retorno de Cristo, não para um reino mundano, como pensava Domiciano, mas para retribuir a cada um conforme as suas obras, algo que só é possível após a ressurreição geral, assim como para criar novos céus e nova terra. O texto não apresenta elementos que permitam associar esses descendentes de Davi a um esquema milenarista semelhante ao defendido por Papias, Justino ou Irineu, com um reino intermediário em uma Jerusalém com o Templo reconstruído.

¹⁶¹ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 139.

¹⁶² EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 136.

¹⁶³ GRIER, 1972, p. 22.

¹⁶⁴ Em *Redating the New Testament*, John A. T. Robinson defende que todos os livros do Novo Testamento foram escritos antes da destruição do Segundo Templo de Jerusalém, ocorrida no ano 70 d.C.

¹⁶⁵ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 600, grifo nosso.

¹⁶⁶ KISTEMAKER, 2004, p. 44–45.

A questão da datação do *Apocalipse* de João, se foi na década de 60 ou na de 90, é relevante para a compreensão da influência que o livro desempenhou tanto no pensamento dos Parentes do Senhor quanto no dos outros autores cristãos do primeiro e início do segundo século. Considerando a hipótese de que o *Apocalipse* foi escrito na década de 60 e já circulava amplamente na década de 90, quando ocorreu o episódio envolvendo os netos de Judas, tal evento deve ser considerado posterior ao *Apocalipse*. Ainda assim, o relato não apresenta qualquer expectativa quiliasta, nem há qualquer indício de que os parentes de Jesus tenham identificado o reino de *Apocalipse* 20 como um período futuro e um governo terreno.

Por outro lado, caso João tenha redigido o *Apocalipse* na década de 90, durante o exílio em Patmos ou após o término da perseguição, os netos de Judas ainda não teriam tido contato com essa obra. Esse cenário indica que a concepção de uma era messiânica nos moldes do judaísmo pode ter encontrado maior aceitação no cristianismo apenas após a difusão do *Apocalipse* de João. De uma forma ou de outra, a narrativa envolvendo os netos de Judas apresenta elementos que dificultam uma interpretação milenarista.

Essa comparação entre os escritos patrísticos e o *Apocalipse* baseia-se na hipótese de que João escreveu o capítulo 20 não para apoiar o milenarismo, mas para refutá-lo. A análise, portanto, busca verificar se, mesmo partindo de um texto cujo propósito seria espiritualizar o reino, os primeiros cristãos ainda assim se valeram dele para sustentar a expectativa de um reino de caráter terreno.¹⁶⁷

O relato preservado por Eusébio acerca do interrogatório dos netos de Judas, irmão do Senhor, constitui um testemunho particularmente relevante, pois reflete uma compreensão escatológica muito antiga, oriunda do círculo familiar mais próximo de Jesus. A resposta apresentada ao imperador Domiciano indica que a esperança desses cristãos do final do século I não se apoiava em expectativas de um reino terreno ou de caráter político, mas na convicção de que o reino de Cristo era celeste e angélico, cuja manifestação ocorreria na consumação dos séculos, quando Cristo viesse para julgar os vivos e os mortos. Nada no episódio aponta para a ideia de duas

¹⁶⁷ CORSINI, Eugênio. **O Apocalipse de São João**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p. 347–354.

ressurreições ou para a existência de um período intermediário de mil anos entre a segunda vinda e o juízo final.

A evidência documental, portanto, permite concluir que os parentes do Senhor não compartilhavam da concepção quiliasta. Esse testemunho, provavelmente o registro mais antigo sobre o tema do reino após o período apostólico, reforça a constatação de que o milenarismo não constituiu uma crença homogênea entre os primeiros cristãos.

3.2 CLEMENTE DE ROMA (95 D.C.)

Os textos de Clemente são, muito provavelmente, os mais antigos documentos cristãos não canônicos preservados, compostos ainda no período contemporâneo ao Novo Testamento.¹⁶⁸ As fontes antigas relatam que Pedro e Paulo estabeleceram a igreja em Roma. Depois deles vieram Lino e Anacleto, e, em seguida, Clemente, que, conforme a tradição, presidiu a “[...] Igreja de Roma e foi o terceiro a ocupar a sé episcopal [...]”.¹⁶⁹

3.2.1 Autor, local e data

Alguns estudiosos sugerem que Clemente de Roma seria o mesmo citado por Paulo em Filipenses 4:3, enquanto outros rejeitam essa identificação. Há ainda quem defenda que ele seria a figura mencionada no *Pastor de Hermas*, outro escrito difundido de forma abrangente nas igrejas dos primeiros séculos.¹⁷⁰

A *Primeira carta de Clemente aos Coríntios* pode ser datada com certa precisão.¹⁷¹ A maioria dos patrólogos acredita que ela foi escrita entre os anos 94 e 97, período que se estendeu do final do reinado de Domiciano ao começo do reinado de Nerva. O autor e os destinatários da carta pertenciam à terceira ou quarta geração de cristãos, em uma época em que tanto os apóstolos quanto seus discípulos imediatos já haviam falecido.¹⁷²

¹⁶⁸ BOER, Harry R. **Historia de la Iglesia primitiva (A.D. 1–787)**. Editorial Unilit, 2001. apêndice.

¹⁶⁹ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 139; IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 250.

¹⁷⁰ BOER, 2001, apêndice.

¹⁷¹ GONZALEZ, 2004, p. 62.

¹⁷² ETCHEVERRIA, 1994, p. 16–17.

Eusébio atesta a autenticidade da *Primeira Carta de Clemente aos Coríntios* e alerta sobre falsos escritos atribuídos a ele, “[...] dos quais não há memória entre os antigos, nem preservam o caráter puro da ortodoxia apostólica”.¹⁷³

Não há registro sobre a data do seu nascimento, apenas uma informação sobre sua morte. Eusébio relata que “[...] no terceiro ano do reinado [de Trajano], Clemente terminou a vida [...]”.¹⁷⁴ Ou seja, se Trajano governou de 98 a 117,¹⁷⁵ é provável que Clemente de Roma tenha falecido por volta do ano 101.

3.2.2 Amilenarista

Clemente registrou poucas frases que podem elucidar a esperança que a igreja de Roma possuía a respeito do fim. Ele escreveu que:

“Ele [Jesus] virá rapidamente, e não tardará.” E mais: “O Senhor, o Santo que esperais, virá logo ao seu templo.” Caríssimos, consideremos como o Senhor nos manifesta sem cessar a ressurreição futura, cujas primícias ele as concedeu no Senhor Jesus Cristo, ressuscitando-o dos mortos.¹⁷⁶

Também escreveu que: “‘Tu me ressuscitarás, e eu cantarei teus louvores’. E mais: ‘Deitei e adormeci; acordei, porque estavas comigo.’ E Jó diz ainda: ‘Tu ressuscitarás minha carne, que suportou todas essas coisas.’”¹⁷⁷ Além disso, salientou que os piedosos serão manifestos no “[...] Reino de Cristo. Com efeito, está escrito: ‘Entraí um pouco em vossos quartos, até que passem a minha ira e o meu furor. Então, eu me lembrarei do dia ótimo, e vos ressuscitarei dos vossos sepulcros’”.¹⁷⁸

Com base nisso, é possível concluir que Clemente, em momento algum, fez “[...] a menor alusão a duas ressurreições ou a uma ressurreição dos justos apenas ou, ainda, a um reino de mil anos aqui na terra”.¹⁷⁹

¹⁷³ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 165.

¹⁷⁴ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 158–160.

¹⁷⁵ ALFÖLDY, Géza. **Historia social de Roma**. Madrid: Alianza Editorial, 1987. p. 143.

¹⁷⁶ CLEMENTE DE ROMA. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995. p. 41.

¹⁷⁷ CLEMENTE DE ROMA, 1995, p. 43.

¹⁷⁸ CLEMENTE DE ROMA, 1995, p. 59.

¹⁷⁹ GRIER, 1972, p. 18.

Alguém pode argumentar que a expressão “[...] o Reino de Cristo [...]”¹⁸⁰ se refere aos mil anos de *Apocalipse* 20. Porém, os cristãos que não esperam um milênio, também aguardam a vinda de Cristo para a ressurreição e para a instauração do reino eterno.¹⁸¹ A expectativa de um reino futuro é compartilhada tanto por milenaristas quanto por amilenaristas; a diferença reside na natureza desse reino, se consiste em um período temporal de mil anos ou em um estado eterno.

A afirmação de Clemente, na qual diz que “O Senhor, o Santo que esperais, virá logo ao seu *templo*”,¹⁸² é entendida por Allen como uma referência ao milênio.¹⁸³ Mas ele explica a razão para essa interpretação. Parece tratar-se apenas de um argumento baseado em suposições formuladas a partir de outros milenaristas, como Justino, que acreditava na reconstrução do templo.¹⁸⁴ Porém, Clemente não afirmou que esse templo era literal, muito menos escreveu sobre duas ressurreições ou outras crenças milenaristas. Sobre o que, então, Clemente estaria se referindo ao mencionar o “templo”? Há duas possibilidades. Carver, um comentarista milenarista, reconhece, ao comentar *2 Coríntios* 6:16, que “[...] a igreja é o templo do Deus vivente”.¹⁸⁵ Earle, em seu comentário sobre *Apocalipse* 21:22, escreveu que “[...] na nova Jerusalém, Deus sempre está presente para aqueles que estão lá, e assim nenhum templo é necessário. Sua presença eterna torna toda a cidade um santuário”.¹⁸⁶ É difícil determinar a intenção exata de Clemente, mas a ausência de referências claras a um reino literal reforça a interpretação de que o templo deve ser entendido como uma figura da igreja.

A análise de Hill parte do pressuposto de que a concepção do estado intermediário é decisiva para identificar se um Pai da Igreja era ou não milenarista, visto que os quiliastas situavam as almas dos justos no Hades, enquanto aguardavam o milênio, por outro lado os não quiliastas defendiam a entrada imediata no céu. À luz

¹⁸⁰ CLEMENTE DE ROMA, 1995, p. 59.

¹⁸¹ KISTEMAKER, Simon. **As Parábolas de Jesus**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. p. 290.

¹⁸² CLEMENTE DE ROMA, 1995, p. 41.

¹⁸³ ALLEN, Matthew. **Theology Adrift: the early church fathers and their views of eschatology**. 2004. Disponível em: https://bible.org/article/theology-adrift-early-church-fathers-and-their-views-eschatology#P155_37194. Acesso em: 24 de setembro de 2025.

¹⁸⁴ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 235.

¹⁸⁵ CARVER, Frank G. In: **Comentário Bíblico Beacon**. Volume 8. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 441.

¹⁸⁶ EARLE, Ralph. In: **Comentário Bíblico Beacon**. Volume 10. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 498.

desse critério, Clemente de Roma não fornece base para ser classificado como quiliasta. Embora ele fale de um reino futuro e da ressurreição, sua expectativa aponta para recompensas eternas concedidas diretamente na vinda de Cristo, sem espaço para um milênio terreno. Além disso, ele afirma que todos os justos, inclusive Pedro e Paulo, são conduzidos após a morte ao “lugar de glória” ou “lugar santo”, entendido como o santuário celestial, e não câmaras no Hades. Sua concepção do destino pós-morte, em plena harmonia com uma robusta doutrina da ressurreição, aponta para uma escatologia não milenarista.¹⁸⁷

Clemente de Roma não apresentou qualquer ligação entre o milênio de *Apocalipse* 20 e as características típicas do quiliasmo que se manifestariam posteriormente em Papias, Justino e Irineu. A escatologia de Clemente concentra-se na ressurreição futura, no juízo final e na manifestação do reino de Cristo. Ele não faz qualquer distinção entre duas ressurreições, assim como não espera um reino intermediário na terra. A ausência total de elementos milenaristas, considerando que Clemente escreveu em um período próximo ao final do século I, sugere que a igreja de Roma também não compartilhava, ao menos de forma explícita, um entendimento quiliasta. Embora não seja possível afirmar categoricamente que Clemente rejeitasse tal concepção, o silêncio completo sobre o tema, aliado à sua compreensão do Estado Intermediário, pesa significativamente contra a tese de que ele fosse milenarista.

Caso o *Apocalipse* tenha sido redigido na década de 60 e já circulava nos anos 90, a *Primeira carta de Clemente aos Coríntios* seria posterior a ele. Ainda assim, a epístola não revela qualquer expectativa de caráter milenarista. Por outro lado, se o *Apocalipse* foi composto na década de 90, Clemente pode ter escrito o texto antes ou aproximadamente no mesmo período, sem ter sido influenciado pelo texto de João. Nesse último caso, é possível supor que a concepção de um governo messiânico terreno, estruturado segundo categorias apocalípticas judaicas, não integrasse originalmente a escatologia do cristianismo primitivo, vindo a encontrar sustentação somente após a redação do *Apocalipse*, a partir de uma leitura condicionada por pressupostos judaicos do capítulo 20. Em ambos os cenários, é possível concluir que a carta de Clemente não apresenta elementos que indiquem uma interpretação

¹⁸⁷ HILL, 2001, p. 78–84.

milenarista do *Apocalipse*. Dessa forma, Clemente de Roma não pode ser classificado entre os proponentes do milenarismo.

3.3 INÁCIO DE ANTIOQUIA (110 D.C.)

Inácio produziu sete cartas ao longo de sua vida. Ao passar por Esmirna, escreveu para as comunidades de Éfeso, Magnésia, Trales e Roma. Em Trôade, redigiu outras três: uma para a igreja de Filadélfia, outra para a de Esmirna e a terceira para Policarpo, bispo dessa cidade.¹⁸⁸

Sobre as cartas de Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna as recebeu e as encaminhou aos cristãos filipenses.¹⁸⁹ Irineu escreveu que no tempo passado havia sido “[...] alguém dos nossos condenado às feras, por causa do testemunho que prestou a Deus: ‘Eu sou o trigo de Cristo moído pelos dentes das feras para me tornar o pão puro de Deus’”.¹⁹⁰ Policarpo, Irineu e Eusébio atestam a autenticidade das cartas de Inácio.¹⁹¹

3.3.1 Autor, local e data

Depois de Pedro e de Evódio, Inácio passou a exercer a liderança da igreja na cidade de Antioquia, sendo o terceiro após o Apóstolo.¹⁹² Não há informações sobre o seu nascimento. Alguns datam seu martírio por volta de 107–110,¹⁹³ enquanto outros acreditam que tenha ocorrido entre 115–120.¹⁹⁴

¹⁸⁸ ETCHEVERRIA, 1994, p. 31.

¹⁸⁹ POLICARPO DE ESMIRNA. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995. p. 137.

¹⁹⁰ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 595–596.

¹⁹¹ INÁCIO DE ANTIOQUIA. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995. p. 105; EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 160–163.

¹⁹² EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 139.

¹⁹³ ETCHEVERRIA, 1994, p. 31; RAMOS-LISSÓN, Domingo. **Patrología**. 3. ed. Navarra: EUNSA, 2016. p. 71.

¹⁹⁴ PIKAZA, Xabier. **Curso de Teología Patrística**: historia y doctrina de los Padres de la Iglesia. Barcelona: Editorial CLIE, 2023. capítulo I, sessão IV; LITFIN, Bryan M. **Conhecendo os Pais da Igreja**: uma introdução evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 36.

3.3.2 Amilenarista

Na carta aos *Efésios*, o bispo de Antioquia exortou os cristãos a não dar ouvidos àqueles que corrompem a fé em Deus, advertindo que tais pessoas “[...] irão para o fogo inextinguível [...]”.¹⁹⁵ Acrescentou ainda que, se os cristãos lhes derem ouvidos, acabarão seguindo para o mesmo destino, tornando-se “[...] prisioneiros, longe da vida que vos espera”.¹⁹⁶ Em seguida, prossegue escrevendo que a cruz “[...] é escândalo para os que não crêem, mas salvação e vida eterna para nós”.¹⁹⁷ Nessa advertência, Inácio evidencia o contraste entre o fogo eterno reservado aos que corrompem a fé e a vida eterna prometida aos fiéis.

Na carta aos *Tralianos*, escreveu que “Ele realmente ressuscitou dos mortos, pois o seu Pai o ressuscitou, e da mesma forma o seu Pai ressuscitará em Jesus Cristo também a nós, que nele cremos e sem o qual não temos a verdadeira vida”.¹⁹⁸ Outra vez, ele fala sobre a esperança da ressurreição e da vida eterna.

Na carta dirigida a *Policarpo*, ele falou sobre “[...] a incorruptibilidade e a vida eterna [...]”,¹⁹⁹ expressando o desejo de, junto ao bispo de Esmirna, “[...] ser encontrado na ressurreição [...]”.²⁰⁰ Nesse escrito, Inácio aborda também a transformação que ocorrerá na ressurreição para a vida eterna, onde não mais haverá corrupção.

Inácio combateu as heresias docetas, judaicas e gnósticas.²⁰¹ Na carta aos *Esmirniotas* ele escreveu que:

Ele [Cristo] sofreu tudo isso por nós, para que sejamos salvos. E ele sofreu realmente, assim como ressuscitou verdadeiramente. Não sofreu, apenas na aparência, como dizem alguns incrédulos. São eles que existem apenas na aparência. Assim como pensam, para eles acontecerá serem sem corpos e semelhantes a espíritos. Quanto a mim, sei e creio que, mesmo depois da ressurreição, ele estava na sua carne”.²⁰²

¹⁹⁵ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 87.

¹⁹⁶ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 87.

¹⁹⁷ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 88.

¹⁹⁸ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 100.

¹⁹⁹ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 122.

²⁰⁰ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 124.

²⁰¹ BOER, 2001, apêndice.

²⁰² INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 116.

O bispo de Antioquia estava convicto de que Jesus Cristo havia sofrido e ressuscitado fisicamente. Por essa razão, nutria também a certeza de que ele próprio ressuscitaria. Contudo, lamentava ao perceber que alguns não criam como ele e intercedia para que se convertessem, “[...] a fim de ressuscitarem também”.²⁰³ Com base nisso, alguns poderiam considerar tal afirmação como evidência de uma postura milenarista em Inácio, entendendo que os incrédulos não ressuscitariam com ele, senão mil anos mais tarde. A primeira objeção a essa ideia é que Inácio não afirmou isso. Grier aponta o que pode ser a segunda objeção: Inácio “Não diz [...] coisa alguma acerca dos acontecimentos finais”.²⁰⁴ Ou seja, há pouquíssimas informações que permitem determinar, de forma conclusiva, qual era a perspectiva escatológica de Inácio. A terceira objeção pode estar relacionada à afirmação de Inácio de que “[...] para eles acontecerá serem sem corpos e semelhantes a espíritos”.²⁰⁵ Talvez isso indique que, para Inácio, ao contrário dos salvos, os perdidos não teriam seus corpos integrais após serem enviados “[...] para o fogo inextinguível [...]”.²⁰⁶

Segundo Hill, Inácio de Antioquia não apresenta qualquer traço de quilianismo, pois entendia que o fiel, ao morrer, é imediatamente conduzido à presença de Deus no céu, o que exclui a ideia de um reino terreno intermediário. Sua expressão alcançar Deus indica um estado pós-morte celestial e imediato, aplicado tanto a si mesmo quanto aos demais cristãos e até aos santos do Antigo Testamento, que, segundo ele, foram elevados por Cristo. Sua escatologia, portanto, converge integralmente para o modelo não milenarista.²⁰⁷

O conjunto das sete cartas de Inácio de Antioquia demonstra que o bispo martirizado, no início do século II, não expressou qualquer adesão ao milenarismo. Apesar de suas epístolas conterem poucas informações a respeito do fim, suas exortações cristológicas e pastorais mencionam amplamente a ressurreição final, a vida eterna, o juízo e a necessidade de perseverança. No entanto, ele nunca descreveu um reino terreno de mil anos, tampouco deixou claro qualquer esquema

²⁰³ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 118.

²⁰⁴ GRIER, 1972, p. 19.

²⁰⁵ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 116.

²⁰⁶ INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 87.

²⁰⁷ HILL, 2001, p. 84–90.

bipartido de ressurreições ou a existência de um período intermediário entre a segunda vinda e o estado eterno.

Sua escatologia concentra-se diretamente no destino último dos crentes e dos ímpios, vida eterna de um lado e fogo inextinguível do outro. Além disso, Inácio não utilizou o milênio como argumento contra as heresias que combateu, como fizeram os milenaristas posteriores, o que pode reforçar a ausência dessa expectativa em sua teologia.

É provável que quando Inácio escreveu suas cartas o *Apocalipse* já fosse conhecido por grande parte dos cristãos, mesmo considerando que tenha sido escrito no final do século I. Caso esteja correta a conclusão de que não há elementos milenaristas em seus escritos, essa constatação reforça a hipótese de que a concepção judaica de um reino messiânico terreno ainda permanecia restrita a poucos círculos, como o de Cerinto, e não havia sido amplamente difundida no início do século II, adquirindo maior relevância apenas posteriormente, por meio de autores como Papias de Hierápolis, Justino Mártir e Irineu de Lyon.

3.4 POLICARPO DE ESMIRNA (120 D.C.)

No que se refere ao milenarismo, Policarpo de Esmirna talvez seja o mais relevante entre os Pais da Igreja para essa investigação. De acordo com a tradição patrística, o apóstolo João foi o autor do *Apocalipse* e teve contato direto com Policarpo. Essa relação torna o bispo de Esmirna uma figura central para compreender o desenvolvimento do quilianismo nos primeiros séculos do cristianismo.

3.4.1 Autor, local e data

Irineu registrou que Policarpo “[...] foi discípulo dos apóstolos e viveu familiarmente com muitos dos que tinham visto o Senhor [...]”.²⁰⁸ Além disso, “[...] pelos próprios apóstolos, foi estabelecido bispo na Ásia, na Igreja de Esmirna”.²⁰⁹ Segundo

²⁰⁸ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 251.

²⁰⁹ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 251.

Tertuliano, ele foi designado para exercer o episcopado na Igreja de Esmirna pelo próprio apóstolo João.²¹⁰

Dos vários documentos escritos por ele, restou apenas a *Carta aos Filipenses*, que foi redigida, provavelmente, por volta de 117–118 d.C. Policarpo nasceu aproximadamente nas décadas de 60 ou 70 do primeiro século.²¹¹ A data do seu martírio é incerta e tem sido motivo de debate. No entanto, os pesquisadores a situam entre os anos 155 e 177.²¹²

3.4.2 Amilenarista

Policarpo escreveu aos *Filipenses* que “Tudo o que existe no céu ou na terra lhe está submisso; tudo o que respira o celebra, a *ele que vem como juiz dos vivos e dos mortos*, e de cujo sangue Deus pedirá contas àqueles que não confiam nele”.²¹³ Com base nesse texto, Policarpo demonstra esperar um juízo final por ocasião da volta de Cristo, sem fazer menção a um reino milenar estabelecido na terra.²¹⁴

Logo em seguida, no capítulo 5, ele incentiva os cristãos de Filipos dizendo que:

Se o aguardarmos neste mundo, ele nos dará em troca o tempo futuro, pois ele nos prometeu ressuscitar-nos dentre os mortos, e, se a nossa conduta for digna dele, também *reinaremos com ele*, se tivermos fé.²¹⁵

Esse texto também não fala de forma explícita sobre o reino milenar. Mesmo assim, há quem inclua o mártir de Esmirna entre os quiliastas.²¹⁶ Mas com base em que essa ideia é fundamentada? A possível posição de Policarpo, discípulo do apóstolo João, é inferida por alguns a partir da crença de seus discípulos que compartilhavam da visão milenarista, como Papias, seu contemporâneo e companheiro, e Irineu, ambos defensores do milenarismo.²¹⁷ Assis defende que Policarpo era milenarista com base

²¹⁰ RAMOS-LISSÓN, 2016, p. 76.

²¹¹ BOER, 2001, apêndice.

²¹² RAMOS-LISSÓN, 2016, p. 77.

²¹³ POLICARPO DE ESMIRNA, 1995, p. 140, grifo nosso.

²¹⁴ GRIER, 1972, p. 19.

²¹⁵ POLICARPO DE ESMIRNA, 1995, p. 142, grifo nosso.

²¹⁶ PENTECOST, 2006, capítulo XXII.

²¹⁷ ALCANÍS, F.; CASTELLANI, L. **La Iglesia Patristica y la Parusía**. Buenos Aires: Ediciones Paulinas, 1962. p. 105–106.

nas palavras “reinaremos com ele”,²¹⁸ interpretando essa expressão como se referindo ao reino milenar.²¹⁹ Porém, no *Apocalipse* de João, quando ele descreve a nova terra, afirma que os salvos “[...] reinarão pelos séculos dos séculos”.²²⁰ Kistemaker acredita que essa frase tem base na profecia de Daniel,²²¹ a qual diz que “[...] os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade”.²²² Ora, há uma divergência entre o reino de *Apocalipse* 20 concebido pelos milenaristas e o reino descrito em Daniel e *Apocalipse* 22, pois um é de mil anos, o outro é eterno. Não é possível saber sobre qual reino Policarpo está se referindo apenas a partir desse recorte. Afirmar que se trata do milênio constitui mera especulação.

Entretanto, o relato do martírio de Policarpo apresenta informações que ajudam a compreender a visão que tanto Policarpo quanto o autor do texto possuíam a respeito do reino. Esse documento foi escrito por Evaristo após a morte de Policarpo, como uma carta da igreja de Esmirna enviada à igreja de Filomélio.²²³ Segundo a narrativa, quando estava amarrado e prestes a ser martirizado, Policarpo pronunciou as seguintes palavras:

Eu te bendigo por me teres julgado digno deste dia e desta hora, de tomar parte entre os mártires, e do cálice de teu Cristo, para a *ressurreição da vida eterna* da alma e do corpo, na incorruptibilidade do Espírito Santo. Com eles, possa eu *hoje ser admitido à tua presença* como sacrifício gordo e agradável [...].²²⁴

A partir dessa declaração, é possível concluir que a esperança de Policarpo era a ressurreição para a vida eterna, e não para o milênio. Também se pode inferir que, logo após expirar, ele iria imediatamente para junto de Cristo e dos mártires, e não para o Hades, como criam os milenaristas.

Ao finalizar a epístola que descreve o martírio de Policarpo, o autor demonstra a perspectiva de um reino que poderia ser a mesma do mártir e da igreja de Esmirna.

²¹⁸ POLICARPO DE ESMIRNA, 1995, p. 142.

²¹⁹ ASSIS, Leonardo. **Pré-Milenismo Histórico**: fundamentos da escatologia primitiva e pós-tribulacionista. Rio de Janeiro: Trinitatis, 2024. introdução.

²²⁰ BIBLEWORKS, 2015, *Apocalipse* 22:5 (Almeida Revista e Atualizada).

²²¹ KISTEMAKER, 2004, p. 732.

²²² BIBLEWORKS, 2015, *Daniel* 7:18 (Almeida Revista e Atualizada).

²²³ MARTÍRIO de São Policarpo Bispo de Esmirna. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995. p. 134–135, 147.

²²⁴ MARTÍRIO de São Policarpo Bispo de Esmirna, 1995, p. 153, grifo nosso.

Segundo Evaristo, o reino estava em pleno vigor no momento em que redigiu o texto, pois afirmou que Deus, “[...] pela sua graça e pelo seu dom, nos pode introduzir no seu *reino eterno*, por seu Filho único Jesus Cristo, a ele a glória, a honra, o poder e a grandeza pelos séculos”.²²⁵

Os capítulos finais, apesar de alguns estudiosos argumentarem que eles foram acrescentados posteriormente à carta original,²²⁶ mesmo assim, os capítulos 21 e 22 oferecem detalhes que podem ajudar na compreensão que se tinha sobre o reino. O vigésimo primeiro capítulo diz que Policarpo “[...] fora preso por Herodes, sob o pontificado de Filipe de Trália e do proconsulado de Estácio Quadrato, mas *sob o reino eterno de nosso Senhor Jesus Cristo* [...]”.²²⁷ Já o vigésimo segundo capítulo apresenta uma exortação à vigilância e incentiva os leitores a seguirem o exemplo de Policarpo, para que, dessa forma, possam se encontrar “[...] com ele no *Reino de Deus*”.²²⁸ O autor do capítulo 22 termina com uma oração, dizendo: “Que o Senhor Jesus Cristo me reúna também com seus eleitos no Reino do céu”.²²⁹

Hill não vê em Policarpo qualquer indício de quiliasmo. Na carta aos Filipenses, Policarpo afirma que os fiéis mortos já estão com o Senhor, ecoando Clemente, Paulo e Inácio ao descrever um estado intermediário celestial e imediato, em comunhão com Cristo. Sua esperança escatológica enfatiza a herança futura entre os santos e a ressurreição corporal no último dia, sem qualquer referência a um reino milenar terreno. Assim, sua escatologia se alinha mais ao não milenarismo.²³⁰

Em suma, a carta de *Policarpo aos Filipenses* destaca que Cristo virá para julgar os que estarão vivos no momento da Parousia e os que haviam morrido. Porém, os mortos só serão julgados após a ressurreição. Isso sugere que Policarpo acreditava que, na vinda de Cristo, haveria a ressurreição de todos, e não apenas dos mortos salvos, como afirmam os milenaristas. Tal conclusão é reforçada quando o mártir declara que “Deus pedirá contas àqueles que não confiam nele”,²³¹ o que pressupõe a presença de todos os ímpios nesse juízo universal. Essa é a visão amilenista.

²²⁵ MARTÍRIO de São Policarpo Bispo de Esmirna, 1995, p. 155, grifo nosso.

²²⁶ RAMOS-LISSÓN, 2016, p. 78–79.

²²⁷ MARTÍRIO de São Policarpo Bispo de Esmirna, 1995, p. 155, grifo nosso.

²²⁸ MARTÍRIO de São Policarpo Bispo de Esmirna, 1995, p. 156, grifo nosso.

²²⁹ MARTÍRIO de São Policarpo Bispo de Esmirna, 1995, p. 156.

²³⁰ HILL, 2001, p. 91–92.

²³¹ POLICARPO DE ESMIRNA, 1995, p. 140.

A suposição de que Policarpo de Esmirna era milenarista com base na posição de seus discípulos, Papias e Irineu, carece de fundamento textual direto. Isso se torna particularmente relevante quando se observa que Irineu, ao fundamentar a tradição milenarista, recorre explicitamente a Papias, mas não menciona Policarpo como testemunha dessa expectativa (ver tópico 4.4.2).

Com base na epístola aos *Filipenses* e no documento que relata seu martírio, é possível entender que a expressão “reinaremos com ele”²³² pode se referir tanto à vida celestial após a morte quanto ao estado de glória posterior à ressurreição no reino eterno, pois a mesma linguagem aparece em contextos que apontam tanto para o Estado Intermediário quanto para a eternidade (*Apocalipse* 22:5). Além disso, o relato do martírio de Policarpo apresenta a compreensão de que o reino de Cristo é eterno e já vigente, o que contrasta com o esquema milenarista que pressupõe um reino terreno e limitado a mil anos somente após a segunda vinda e antes da consumação final. Embora tenha sido escrito algum tempo após o martírio de Policarpo, o texto reflete a teologia dessa igreja e não deixa qualquer margem para uma interpretação quiliasta.

A análise da *Carta aos Filipenses* e do *Martírio de São Policarpo* evidencia que o bispo de Esmirna, embora sendo descrito pela tradição como discípulo direto do apóstolo João, não expressa qualquer traço de milenarismo. Suas afirmações escatológicas concentram-se na vinda de Cristo como juiz, na ressurreição dos mortos e no reino eterno, sem mencionar um período intermediário de mil anos na terra. Portanto, Policarpo deve ser incluído entre os Pais da Igreja que não partilhavam da crença quiliasta.

3.5 CARTA DE BARNABÉ (130 D.C.)

Uma controvérsia existente é se o capítulo 15 da *Carta de Barnabé* contém indícios de um pensamento milenarista ou não. O texto diz:

¹ Ainda, sobre o sábado, está escrito no Decálogo que Deus o entregou pessoalmente a Moisés sobre o monte Sinai: “Santificai o sábado do Senhor com mãos puras e coração puro.” ² Em outro lugar, ele diz: “Se meus filhos guardarem o sábado, então estenderei sobre eles a minha misericórdia.” ³ Ele menciona o sábado no princípio da criação: “Em seis dias, Deus fez as obras

de suas mãos e as terminou no sétimo dia, e nele descansou e o santificou.”

⁴ Prestai atenção, filhos, sobre o que significa: “terminou no sétimo dia”. Isso significa que o Senhor consumará o universo em seis mil anos, pois um dia para ele significa mil anos. Ele próprio o atesta, dizendo: “Eis que um dia do Senhor será como mil anos.” Portanto, filhos, em “seis dias”, que são seis mil anos, o universo será consumado. ⁵ “E ele descansou no sétimo dia.” Isso quer dizer que seu Filho, *quando vier para pôr fim ao tempo do Iníquo, para julgar os ímpios e mudar o sol, a lua e as estrelas, então ele, de fato, repousará no sétimo dia.* ⁶ Por fim, ele diz: “Tu o santificarás com mãos puras e coração puro.” Contudo, se alguém atualmente pudesse santificar, de coração puro, esse dia que Deus santificou, então nós nos teríamos enganado completamente. ⁷ Porém, se este agora não é o caso, *ele o santificará verdadeiramente no repouso, quando nós formos capazes disso, isto é, quando tivermos sido justificados e tivermos recebido o objeto da promessa, quando não houver mais iniquidade, e o Senhor tiver renovado tudo.* Então, poderemos santificá-lo, tendo sido primeiro nós mesmos santificados. ⁸ Ele finalmente lhes disse: “Não suporto vossas neomênias e vossos sábados”. Vede como ele diz: *não são os sábados atuais que me agradam, mas aquele que eu fiz e no qual, depois de ter levado todas as coisas ao repouso, farei o início do oitavo dia, isto é, o começo de outro mundo.* ⁹ Eis por que celebramos como festa alegre o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de se manifestar, subiu aos céus.²³³

Barnabé estabelece uma correspondência entre os sete dias²³⁴ da criação e períodos de 1000 anos,²³⁵ mas acrescenta um oitavo dia, que simboliza a ressurreição e a ascensão de Cristo, além de justificar a substituição do sábado judaico pelo domingo cristão.

Alguns estudiosos interpretam o sétimo dia/milênio formulado por Barnabé como uma referência ao milênio descrito em *Apocalipse* 20, enquanto outros rejeitam essa associação. Tal divergência evidencia a complexidade da escatologia patrística e suscita um questionamento central para esta análise: a concepção apresentada por Barnabé aproxima-se mais da perspectiva milenarista ou amilenarista? A partir desse ponto, é necessário examinar o contexto teológico e hermenêutico do texto, considerando tanto elementos simbólicos quanto literais, a fim de situar corretamente sua posição diante do quiliastro.

²³³ CARTA de Barnabé. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995. p. 309–310, grifo nosso.

²³⁴ “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito”. BIBLEWORKS, 2015, Gênesis 2:2 (Almeida Revista e Atualizada).

²³⁵ “Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite”. BIBLEWORKS, 2015, Salmos 90:4 (Almeida Revista e Atualizada); “[...] para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia”. BIBLEWORKS, 2015, 2 Pedro 3:8 (Almeida Revista e Atualizada).

3.5.1 Autor, local e data

Clemente de Alexandria acreditava que esse Barnabé era o companheiro do Apóstolo Paulo.²³⁶ Porém, informações encontradas na carta contrariam essa suposição.²³⁷ Em nenhum lugar da epístola está escrito que Barnabé é o autor, nem que sua origem é apostólica.²³⁸ Apesar disso, é possível que realmente o autor se chamasse Barnabé, mas outro, não o companheiro de Paulo.²³⁹ Há ainda outras duas hipóteses, uma é que a carta foi escrita por três teólogos distintos em três momentos diferentes, e a outra é que apenas um autor a elaborou com base em duas fontes.²⁴⁰ Uns consideravam a epístola canônica, outros diziam que é um texto apócrifo.²⁴¹

Segundo alguns estudiosos, o caráter alegórico da Carta é tratado como evidência que situaria Alexandria como provável origem do autor.²⁴² Porém, há quem diga que ele pode ter vivido na Palestina, na Ásia Menor ou na Síria.²⁴³

Embora não exista certeza sobre a data, algumas evidências sugerem que a redação ocorreu posteriormente à queda de Jerusalém.²⁴⁴ A *Carta de Barnabé* é considerada um dos primeiros textos cristãos fora da Bíblia. Sua datação varia, sendo mais comumente situada entre 96 d.C. e 131 d.C., embora Lightfoot a tenha colocado logo após o ano 70 d.C.²⁴⁵ Etcheverria situa a composição mais próxima do ano 70 do que de 130, ainda que reconheça a necessidade de manter a data em aberto dentro desse intervalo.²⁴⁶

²³⁶ FERGUSON, Everett. Was Barnabas a Chiliast? An Example of Hellenistic Number Symbolism in Barnabas and Clement of Alexandria. *In: Greeks, Romans, and Christians: essays in honor of Abraham J. Malherbe*. Minneapolis: Fortress Press, 1990. p. 165.

²³⁷ ORR, James. **The Early Church**. London: Hodder and Stoughton, 1901. p. 44.

²³⁸ QUASTEN, 1968, p. 97.

²³⁹ QUASTEN, Johannes; PLUMPE, Joseph C. **Ancient Christian Writers: the works of the fathers in translation**. Vol. VI. (Newly translated and annotated by James A. Kleist). New York: Newman Press, 1948. p. 32–33.

²⁴⁰ ETCHEVERRIA, 1994, p. 27.

²⁴¹ QUASTEN, 1968, p. 97.

²⁴² QUASTEN, 1968, p. 98.

²⁴³ DROBNER, 1994, p. 54.

²⁴⁴ ORR, 1901, p. 44.

²⁴⁵ KROMMINGA, 1945, p. 30.

²⁴⁶ ETCHEVERRIA, 1994, p. 25.

3.5.2 O Barnabé milenarista

Kleist explica, em um esquema, a posição que ele acredita representar o pensamento de Barnabé. Esse é o modelo padrão seguido por todos os adeptos dessa ideia, no qual os dias 1 - 2 - 3 - 4 - 5 correspondem ao tempo passado e o dia 6 ao presente. O 7º dia será o milênio e o 8º dia a eternidade. O quiliasmo em Barnabé é visto na divisão da história em períodos de 6 ou 7 milênios conforme os dias da criação.²⁴⁷

O pré-milenista clássico Millard Erickson escreveu que Barnabé era um milenarista e que ele influenciou outros cristãos da época a seguirem seu modelo de dia/milênio. Assim como ele, outros Pais da Igreja

[...] acreditavam que o tempo duraria seis mil anos, em correspondência aos seis dias da criação. Esses homens (Ireneu, Hipólito, Lactâncio e outros), seguindo a Epístola de Barnabé, acreditavam que a primeira vinda de Cristo ocorreria dentro do sexto período de mil anos e que a Segunda Vinda ocorreria no término desse período. O sétimo período de mil anos, o milênio, corresponderia então ao dia do descanso.²⁴⁸

Kelly também inclui Barnabé no grupo dos autores que defendiam uma expectativa milenarista, ao lado de Justino, Papias, Irineu, Tertuliano, Hipólito e do herege Cerinto.²⁴⁹

Johannes Quasten, da mesma forma, coloca Barnabé entre os quiliastas. Ele escreveu que:

Os seis dias da criação significam um período de seis mil anos, porque mil anos são como um dia aos olhos do Senhor. Em seis dias, isto é, em seis mil anos, tudo estará concluído, depois dos quais este tempo mau será destruído e o Filho de Deus virá novamente para julgar os ímpios e mudar o sol, a lua e as estrelas, e no sétimo dia ele descansará. Então amanhecerá o sábado do reino milenar.²⁵⁰ (tradução nossa).

John Walvoord, um pré-milenista dispensacionalista, reconhece a divergência sobre o assunto e salienta que a doutrina exposta na carta não coincide com o

²⁴⁷ QUASTEN; PLUMPE, 1948, p. 179, nota do tradutor.

²⁴⁸ ERICKSON, 2010, p. 116.

²⁴⁹ KELLY, 1994, p. 354–357.

²⁵⁰ “Los seis días de la creación significan un período de seis mil años, porque mil años son como un día a los ojos del Señor. En seis días, esto es, en seis mil años, todo quedará completado, después de lo cual este tiempo perverso será destruido y el Hijo de Dios vendrá de nuevo a juzgar a los ímpios y a cambiar el sol y la luna y las estrellas, y el día séptimo descansará. Entonces amanecerá el sábado del reino milenar”. QUASTEN, 1968, p. 97.

milénarismo de Papias, de Irineu e de Justino. Mesmo assim, acredita que o documento testemunhe um pré-milenismo na igreja primitiva e que Barnabé apenas expõe uma variação da doutrina quiliasta.²⁵¹

González crê que o capítulo 15 “[...] parece sugerir [...]”²⁵² uma teologia quiliasta, “[...] embora sua rejeição de tudo que parece grosseiramente material faça seu conceito de milênio muito diferente do de Papias”.²⁵³

Recentemente, o pré-milenista dispensacionalista Michael Svigel escreveu um artigo no qual analisou diversas obras que defendem que Barnabé não era quiliasta e apontou aquilo que, em sua visão, seriam erros nas interpretações desses pesquisadores. Embora tenha dito que “É complicado”²⁵⁴ (tradução nossa) saber se Barnabé era quiliasta ou não, afirmou categoricamente que “[...] o autor de *Barnabé* 15 deve ser recuperado do lado dos primeiros não quiliastas como Orígenes de Alexandria e devolvido ao lado dos primeiros quiliastas como Irineu de Lyon”.²⁵⁵ (tradução nossa).

O autor começa dizendo que é um erro “[...] identificar a mudança no ‘sol, lua e estrelas’ em 15.5 como uma renovação da criação, em vez de um julgamento cósmico no retorno de Cristo [...]”,²⁵⁶ (tradução nossa) e que não é certo “[...] interpretar o banimento da ilegalidade e a renovação que a acompanha em 15.7 de âmbito cósmico e não pessoal”.²⁵⁷ (tradução nossa). Porém, Barnabé não deixa claro o que significa essa mudança, se é só um julgamento ou a renovação de todas as coisas. A questão é que o versículo 7 diz que o sábado só poderá ser santificado “[...] quando não houver mais iniquidade, e o Senhor tiver *renovado tudo*”.²⁵⁸ O termo “tudo” é melhor interpretado como referência à transformação cósmica de toda a natureza, não se

²⁵¹ WALVOORD, 1949–1956, parte III.

²⁵² GONZALEZ, 2004, p. 85, nota 111.

²⁵³ GONZALEZ, 2004, p. 85, nota 111.

²⁵⁴ “It’s Complicated”. SVIGEL, Michael J. **Was the Author of the “Epistle of Barnabas” a Chiliast? (It’s Complicated)**. 2022. Disponível em: https://www.retrochristianity.org/wp-content/uploads/2022/11/Was-Barnabas-Chiliast_Svigel_DRAFT.pdf. Acesso em: 29 de janeiro de 2025.

²⁵⁵ “[...] the author of Barnabas 15 should be retrieved from the side of the early non-chiliasts like Origen of Alexandria and returned to the side of earlier chiliasts like Irenaeus of Lyons”. SVIGEL, 2022, p. 20.

²⁵⁶ “[...] identifying the change in ‘sun, moon, and stars’ in 15.5 as a renewal of creation rather than as cosmic judgment at the return of Christ [...]”. SVIGEL, 2022, p. 1.

²⁵⁷ “[...] interpreting the banishment of lawlessness and the accompanying renewal in 15.7 as cosmic rather than personal in scope”. SVIGEL, 2022, p. 1.

²⁵⁸ CARTA de Barnabé, 1995, p. 310, grifo nosso.

restringindo apenas ao âmbito pessoal. Dessa forma, entende-se que, no mundo subsequente à vinda de Cristo, haverá uma renovação total. Não será, como escreveu Svigel, a continuação desse mundo caído que “[...] estará em processo de renovação [...]”.²⁵⁹ (tradução nossa).

Outro ponto criticado por Svigel é sobre o argumento de que Barnabé vê o 7º e o 8º dia como sendo o mesmo dia, através do esquema numérico desenvolvido por Clemente de Alexandria, que iguala os números 6 e 7 e os números 7 e 8. Ele explica que Barnabé viveu antes de Clemente, logo ele não poderia se basear em alguém que viveu depois dele, caracterizando tal interpretação como um anacronismo.²⁶⁰ Porém, Hermans acredita ser provável que a equivalência feita por Barnabé entre o número 7 e o número 8 tenha base em algum esquema da época, não especificamente de Clemente. Indícios dessa ideia aparecem em Filo, que já explorava de modo criativo a relação entre os números 6 e 7. Posteriormente, Clemente de Alexandria desenvolveu esse conceito ao afirmar que 6 corresponde a 7 e que 8 corresponde a 7.²⁶¹ Sendo assim, não ocorre anacronismo, porque o esquema apresentado por Clemente tem origem anterior a ele. Dessa forma, tanto Barnabé quanto Clemente de Alexandria recorreram a uma mesma fonte mais antiga.

Além disso, a visão que Svigel tem de Barnabé parece ser tirada de sua própria concepção escatológica e não do capítulo 15 da carta. Em outras palavras, ele impõe ao texto de Barnabé a sua perspectiva milenarista. Três citações apontam para isso.

A primeira citação diz que:

Assim como os corpos dos santos foram completamente renovados quando toda a ilegalidade foi banida de suas vidas durante o descanso do sábado (Barnabé 15:7), assim também o mundo inteiro será renovado e toda a ilegalidade totalmente banida no oitavo dia — o mundo renovado (Barnabé 15:8; conferir Romanos 8:19-23; Apocalipse 21:1, 5).²⁶² (tradução nossa).

²⁵⁹ “[...] will be in process of renewal [...]”. SVIGEL, 2022, p. 18.

²⁶⁰ SVIGEL, 2022, p. 12.

²⁶¹ HERMANS, 1960, p. 864–865.

²⁶² “Just as the bodies of the saints had been made completely new when all lawlessness had been banished from their lives during the sabbath rest (Barn. 15.7), so also the whole world will be made new and all lawlessness utterly banished in the eighth day—the renewed world (Barn. 15.8; cf. Rom. 8:19-23; Rev. 21:1, 5)”. SVIGEL, 2022, p. 11.

Porém, o versículo 7 não diz que a renovação acontecerá “[...] durante o descanso do sábado [...]”,²⁶³ (tradução nossa), mas que “[...] ele, de fato, repousará [...]”²⁶⁴ quando seu filho “[...] vier para pôr fim ao tempo do Iníquo, para julgar os ímpios e mudar o sol, a lua e as estrelas”.²⁶⁵ Ou seja, o repouso só ocorrerá após “[...] o Senhor tiver renovado tudo”.²⁶⁶ Em outras palavras, a renovação não acontecerá, como diz Svigel, “[...] durante o descanso do sábado [...]”,²⁶⁷ (tradução nossa), pois o descanso só será possível em um mundo renovado, “[...] quando tivermos sido justificados e [...] quando não houver mais iniquidade [...]”.²⁶⁸

A pergunta que permanece é: afinal, a renovação ocorrerá no 6º ou no 7º dia? Kleist, que defende um Barnabé milenarista, salienta que a transformação parece ocorrer tanto no final do 6º dia quanto no 7º.²⁶⁹ No entanto, Grier, defensor de um Barnabé amilenarista, diz que “[...] o sétimo dia não chegará antes de que ‘não haja mais impiedade, e todas as cousas se tenham tornado novas.’”²⁷⁰ Sendo assim, as evidências apontam que a renovação não será um processo gradual que acontecerá no decorrer do 7º milênio, mas um evento único, e ocorrerá na vinda de Cristo, a qual marca o fim do 6º dia e o início do 7º. Em nenhuma parte do verso 8 da carta fala que “[...] toda a ilegalidade [será] totalmente banida no oitavo dia [...]”,²⁷¹ (tradução nossa), pois isso acontece na transição do 6º para o 7º dia, o versículo apenas diz que “[...] depois de ter levado todas as coisas ao repouso, farei o início do oitavo dia, isto é, o começo de outro mundo”.²⁷²

A segunda citação diz que:

Na expectativa escatológica de Barnabé, enquanto os santos ressuscitados e glorificados terão sido tornados capazes de descansar completamente e

²⁶³ “[...] during the sabbath rest [...]”. SVIGEL, 2022, p. 11.

²⁶⁴ CARTA de Barnabé, 1995, p. 309.

²⁶⁵ CARTA de Barnabé, 1995, p. 309.

²⁶⁶ CARTA de Barnabé, 1995, p. 310.

²⁶⁷ “[...] during the sabbath rest [...]”. SVIGEL, 2022, p. 11.

²⁶⁸ CARTA de Barnabé, 1995, p. 310.

²⁶⁹ A posição de Kleist será tratada no próximo tópico. QUASTEN; PLUMPE, 1948, p. 179, nota do tradutor.

²⁷⁰ GRIER, 1972, p. 21.

²⁷¹ “[...] all lawlessness utterly banished in the eighth day [...]”. SVIGEL, 2022, p. 11.

²⁷² CARTA de Barnabé, 1995, p. 310.

tornar o sábado santo, o resto do mundo ainda precisará de renovação por meio de sua libertação de uma escravidão à corrupção.²⁷³ (tradução nossa).

O problema é que Svigel não cita o verso no qual Barnabé expõe essa ideia. E de fato, não há.

A terceira citação diz que:

Embora tenhamos dito que o sábado de mil anos pode ser considerado o início escatológico do novo mundo no sentido de que o mundo estará em processo de renovação durante esse tempo, uma leitura cuidadosa de Barnabé tem o “outro mundo” após a conclusão desta renovação.²⁷⁴ (tradução nossa).

Svigel repete a ideia de que, no descanso sabático milenar, haverá um processo gradual de renovação até a culminação do 8º dia. Entretanto, novamente ele não indica a perícopes que sustenta essa conclusão. Fica evidente que as afirmações de Svigel não encontram apoio na epístola. As distinções que ele propõe não aparecem em nenhuma citação precisa e clara do texto de Barnabé. Essas ideias apresentadas por Svigel se aproximam muito do milenarismo defendido por Justino e Irineu; ambos aguardavam um reino intermediário antes do estado eterno. Essa similaridade sugere que Svigel lê Barnabé à luz do quiliasmo do século II, e não a partir das categorias e ênfases próprias do autor da epístola.

Svigel chega a argumentar que as alegações contra um Barnabé milenarista “[...] só podem ter sido aceitas por aqueles já dispostos a abraçar qualquer posição que beneficiasse o amilenismo e prejudicasse o pré-milenismo”.²⁷⁵ (tradução nossa). Entretanto, é importante observar que nem todos os que atribuem a Barnabé uma postura amilenista se identificam como amilenistas. Mesmo intérpretes pré-milenistas reconhecem que Barnabé não se ajusta ao próprio sistema escatológico que defendem. Isso será demonstrado adiante.

²⁷³ “In the eschatological expectation of Barnabas, while the resurrected, glorified saints will have been made able fully to rest and to make the sabbath holy, the rest of the world will still be in need of renewal through its liberation from a bondage to corruption”. SVIGEL, 2022, p. 11.

²⁷⁴ “While we have said that the thousand-year sabbath can be regarded as the eschatological commencement of the new world in the sense that the world will be in process of renewal during that time, a careful reading of Barnabas has the ‘other world’ following the completion of this renewal”. SVIGEL, 2022, p. 18.

²⁷⁵ “[...] can only have been accepted by those already disposed to embrace any position that would advantage amillennialism and disadvantage premillennialism”. SVIGEL, 2022, p. 19.

Shea, em seu estudo sobre o sábado na *Carta de Barnabé*, afirma que há dificuldades em determinar se Barnabé pode ser classificado como amilenista ou pré-milenista, isso ocorre “[...] porque o autor não diferenciou claramente os dois dias, deixando assim margem para alguma confusão”.²⁷⁶ (tradução nossa). Mesmo assim, ele entende que “[...] a visão pré-milenista é certamente a maneira mais simples e razoável de entender o escritor”.²⁷⁷ (tradução nossa). A primeira razão é evidenciada na distinção de nome e número que Barnabé faz entre o 7º e o 8º dia. A segunda razão, conforme sustenta Shea, é que o 7º e o 8º dia não são iguais. Caso o 7º e o 8º dia fossem iguais,²⁷⁸ “[...] então o mesmo acontece com os dias da semana nesta era presente, e isso deixa os cristãos guardando o sábado do 7º dia, que é exatamente o que o escritor não queria, e contra o qual ele estava escrevendo”.²⁷⁹ (tradução nossa). Para ele, o capítulo 15 “[...] não foi concebido para ser um tratado sobre o milênio, mas [...] para apoiar o propósito básico do escritor no capítulo, isto é, oposição ao sábado”.²⁸⁰ (tradução nossa). Entretanto, a intenção da Epístola de Barnabé não seria justamente transferir para o domingo aquilo que se afirmava acerca do sábado, sustentando que seu pleno cumprimento, em contraste com a interpretação judaica, somente se realizaria por meio de Cristo, não nos sábados presentes, mas no domingo escatológico, unindo ambos os dias em uma única realidade que aponta para o estado eterno? Tudo indica que sim. O autor não apenas rejeita a observância sabática literal, como também redefine seu significado à luz da obra redentora de Cristo. O sétimo dia é projetado para a consumação futura, enquanto o oitavo dia, associado à ressurreição, representa a inauguração dessa realidade. Dessa forma, ambos os dias convergem para um único cumprimento escatológico que aponta para o estado eterno, não para um reino milenar intermediário estabelecido na terra.

²⁷⁶ “[...] because the author did not clearly differentiate between the two days and thus has left room for some confusion”. SHEA, William H. “The Sabbath in the Epistle of Barnabas.” **Andrews University Seminary Studies**, v. 4, n. 2, p. 149–175, 1966. p. 167. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol4/iss2/4/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2025.

²⁷⁷ “[...] the premillennial view is certainly the simplest and most reasonable way to understand the writer”. SHEA, 1966, p. 167.

²⁷⁸ Essa afirmação é sustentada pelos que dizem que Barnabé não acreditava em um milênio literal após o retorno de Cristo.

²⁷⁹ “[...] then so do the week days in this present age, and that leaves Christians keeping the seventh-day Sabbath which is exactly what the writer did not want, and against which he was writing”. SHEA, 1966, p. 168.

²⁸⁰ “[...] was not meant to be a treatise on the millennium, but [...] in supporting the writer's basic purpose in the chapter, Le., opposition to the Sabbath. SHEA, 1966, p. 168.

3.5.3 O Barnabé indeciso

Daley não deixa clara sua posição a respeito do capítulo 15 da carta. Ele escreveu que “O 'Reino de Deus' é claramente uma realidade futura para Barnabé [...]”.²⁸¹ (tradução nossa). Mas essa não é uma exclusividade do quilianismo. Os amilenistas também acreditam que o reino de Deus será uma realidade futura. Kistemaker confirma isso ao dizer que:

O reino de Deus existe no presente, mas é, também, um estado de expectativa a ser cumprido. Ele é, portanto, agora, mas, ao mesmo tempo, ainda não. Jesus, embora eternamente rei, trará seu reino à realização plena somente após a sua volta.²⁸²

Daley continua explicando que para Barnabé o reino de Deus:

[...] está presente entre nós de forma oculta, mesmo agora, passando por “dias maus e poluídos” e compartilhando a contradição da cruz de Jesus (8.5f.). Pois Jesus, ao estabelecer uma nova aliança conosco, já “redimiou nossos corações das trevas” (14.5) e nos deixou “provar as primícias do que está por vir” (1.7).²⁸³ (tradução nossa).

Isso parece indicar que Daley identifica, no pensamento de Barnabé, uma distinção entre duas fases do reino: uma anterior e outra posterior à segunda vinda. Esta estrutura é semelhante à compreensão amilenista da escatologia.

Daley conclui sua análise afirmando que a visão de Barnabé sobre o milênio não correspondia à dos outros milenaristas, confirmando que Barnabé não seguia o padrão quiliasta da época.²⁸⁴

Quasten, apesar de ter defendido que Barnabé era milenarista (ver tópico 3.5.2, parágrafo 4), apresenta, junto com Plump, uma afirmação dúbia em outra obra mais detalhada. Embora ambos afirmem o quilianismo de Barnabé, escreveram que “O verdadeiro sábado é o dia da eternidade [...]”.²⁸⁵ (tradução nossa). Essa observação se aproxima mais da visão amilenarista da epístola, na qual o 7º e o 8º dia são o

²⁸¹ “The ‘Kingdom of God’ is clearly a future reality for Barnabas [...]”. DALEY, 1993, p. 11.

²⁸² KISTEMAKER, 1992, p. 290.

²⁸³ “[...] yet it is present among us in a hidden way even now undergoing ‘evil and polluted days’ and sharing in the contradiction of the cross of Jesus (8.5f.). For Jesus, by establishing a new covenant with us, has already ‘redeemed our hearts from darkness’ (14.5) and has let us ‘taste the first-fruits of what is to come’ (1.7)”. DALEY, 1993, p. 11.

²⁸⁴ DALEY, 1993, p. 11.

²⁸⁵ “The true Sabbath is the day of eternity [...]”. QUASTEN; PLUMPE, 1948, p. 30.

mesmo, pois, para Barnabé, o dia da eternidade é o “oitavo dia, isto é, o começo de outro mundo”.²⁸⁶

Outra incongruência presente na obra de Quasten e Plump aparece na nota 160 do tradutor Kleist, que também vê Barnabé como milenarista (ver tópico 3.5.2, parágrafo 1). Ao comentar o versículo 4 do capítulo 15, ele escreveu que “‘O Senhor dará fim a todas as coisas’: a expressão é intrigante; pois, mesmo de acordo com Barnabé, o verdadeiro ‘fim do mundo’ ocorrerá no final do sétimo milênio, pouco antes de ‘outro mundo’ começar”.²⁸⁷ (tradução nossa). Ele afirmou isso porque o versículo 4 fala que:

Observem, crianças, o que Ele quer dizer com as palavras Ele as completou em seis dias. Ele quer dizer isto: *em seis mil anos o Senhor dará fim a todas as coisas* [...] Portanto, crianças, em seis dias — no curso de seis mil anos — todas as coisas serão levadas ao fim.²⁸⁸ (tradução nossa).

Ou seja, o comentarista aponta o que ele vê como uma inconsistência no pensamento de Barnabé, pois o fim do mundo é localizado por Kleist tanto no final do 6º milênio quanto no término do 7º. Sendo assim, só há duas possibilidades para resolver a situação. A primeira é que, para Barnabé, haverá dois fins do mundo. A segunda é que o fim acontecerá somente no final do 6º dia, e os dias 7º e 8º se referem ao mesmo período: a eternidade. A primeira hipótese deve ser descartada por falta de evidência, uma vez que Barnabé menciona apenas um único fim do mundo, que ocorrerá por ocasião da vinda do Filho, situada na transição entre o término do sexto milênio e o início do sétimo. Resta a segunda opção. Dessa forma, a análise indica que o problema não está no pensamento exposto pelo autor da carta, mas na compreensão que Kleist tem do texto.

²⁸⁶ CARTA de Barnabé, 1995, p. 310.

²⁸⁷ “‘The Lord will make an end of all things’: the expression is puzzling; for, even according to Barnabas, the real ‘end of the world’ will take place at the end of the seventh millennium, just before ‘another world’ begins”. QUASTEN; PLUMPE, 1948, p. 179, nota do tradutor, grifo nosso.

²⁸⁸ “Notice, children, what He means by the words He completed them in six days. He means this: in six thousand years the Lord will make an end of all things [...] Therefore, children, in six days—in the course of six thousand years—all things will be brought to an end”. QUASTEN; PLUMPE, 1948, p. 59, grifo nosso.

3.5.4 O Barnabé amilenarista

Além dos grupos analisados anteriormente, há um terceiro, que enxerga Barnabé como não crendo num milênio literal tal qual ensinam os milenaristas. Alguns até afirmam que o autor da carta pode ser considerado o precursor do amilenismo.

Partindo da leitura do amilenista William Grier, observa-se que ele aponta como principal razão para alguns estudiosos classificarem Barnabé entre os quiliastas o uso do esquema dia/milênio. Os pré-milenistas seguem esse modelo e dizem que o 7º dia, para Barnabé, é o reino milenar de Cristo. Com base nisso, Grier faz a seguinte pergunta: “[...] estará algum deles disposto a admitir que o milênio é introduzido pelo julgamento dos ímpios, segundo afirma Barnabé com respeito ao sétimo dia?”.²⁸⁹ Ele demonstra que, no pensamento de Barnabé, o 7º dia não será num mundo como o atual, ou apenas parcialmente transformado. Para Barnabé:

[...] o sétimo dia não chegará antes de que "não haja mais impiedade, e todas as cousas se tenham tornado novas." O oitavo dia é "o princípio de um novo mundo." Contudo, toda a distinção entre o sétimo e o oitavo dias parece desaparecer, quando Barnabé declara que Deus, ao dar descanso a todas as cousas (o que acontece no dia sétimo), "faz começar o oitavo dia, isto é, o princípio de um novo mundo".²⁹⁰

Segundo o autor da carta, os cristãos é que são os herdeiros do concerto, não os judeus. Além disso, “Barnabé não admite a possibilidade de um milênio na terra, durante o qual homens não regenerados viverão sob o reinado de Cristo”.²⁹¹ Ele sugere um julgamento geral de justos e ímpios²⁹² quando escreveu que: “O Senhor julgará o mundo com imparcialidade; cada um receberá segundo o que fez. Se for bom, sua justiça o precederá; se for mau, diante dele irá o salário do mal”.²⁹³ Barnabé parece confirmar essa ideia ao encerrar sua epístola dizendo: “Está próximo o dia, no qual todas as coisas perecerão com o Maligno. Está próximo o Senhor, justo com a sua retribuição”.²⁹⁴ Será que ele diria tais palavras se esperasse que o “Maligno” e

²⁸⁹ GRIER, 1972, p. 21.

²⁹⁰ GRIER, 1972, p. 21.

²⁹¹ GRIER, 1972, p. 21.

²⁹² GRIER, 1972, p. 20.

²⁹³ CARTA de Barnabé, 1995, p. 290.

²⁹⁴ CARTA de Barnabé, 1995, p. 317.

“todas as coisas” pudessem somente no final do 7º milênio, como o milenarismo propõe?

O milenarista D. H. Kromminga escreveu que, apesar de o pensamento de Barnabé ter familiaridade com as correntes quiliastas, a alegação de que ele se encontra entre os milenaristas é infundada, pois o capítulo 15 da carta não se encaixa em nenhum esquema pré-milenista. Para Barnabé, o julgamento dos ímpios e a transformação cósmica acontecem no início do 7º milênio. Porém, nos sistemas milenaristas, isso ocorrerá somente no fim; apenas a ressurreição dos justos se dará no início dos mil anos.²⁹⁵ É fato que Barnabé acreditava em um 7º período mundial. Entretanto, ele vincula esse dia de descanso sabático tanto ao 7º quanto ao 8º dia. Esses 7º e 8º dias/períodos tratam-se do mesmo dia, que será o estado eterno. Para Kromminga, está claro que:

Do ponto de vista da continuidade, o grande sábado mundial é o sétimo dia; mas do ponto de vista da descontinuidade, é o oitavo, além e fora da presente semana mundial. O estado futuro é o último, contando a partir da criação; é novo, por causa do pecado e da redenção. Este é o significado mais simples que posso descobrir nas palavras de Barnabé; mas isso é amilenismo simples e puro.²⁹⁶ (tradução nossa).

Segue dizendo que “[...] Barnabé era o que hoje chamamos de Amilenista”.²⁹⁷ (tradução nossa). Essa hipótese “[...] é decididamente reforçada por seu antijudaísmo marcante e generalizado”.²⁹⁸ (tradução nossa). Isso é evidenciado, também, na substituição do sábado pelo domingo e na aplicação espiritual das promessas do Antigo Testamento à Igreja “[...] de forma bastante consistente, e o faz da maneira amilenista aprovada”.²⁹⁹ (tradução nossa). Dessa forma, o autor da carta “[...] estabeleceu o padrão que se tornou tradicional para o amilenismo [...] Barnabé é o pai de seu entendimento amilenista”.³⁰⁰ (tradução nossa). Segundo Kromminga, é

²⁹⁵ KROMMINGA, 1945, p. 30, 32.

²⁹⁶ “From the viewpoint of continuity the great world-sabbath is the seventh day; but from the viewpoint of discontinuity it is the eighth, beyond and outside the present world-week. The future state is the last, reckoning from creation; it is new, because of sin and redemption. This is the simplest meaning which I can discover in Barnabas’ words; but this is plain and pure Amillennialism.” KROMMINGA, 1945, p. 36.

²⁹⁷ “[...] Barnabas was what we nowadays call an Amillennialist”. KROMMINGA, 1945, p. 33.

²⁹⁸ “[...] is decidedly strengthened by his marked and pervading antijudaism”. KROMMINGA, 1945, p. 33.

²⁹⁹ “[...] quite consistently, and he does it in the approved amillenarian way”. KROMMINGA, 1945, p. 36.

³⁰⁰ “[...] set forth the pattern which has become traditional for Amillennialism [...] Barnabas is the father of its amillennial understanding”. KROMMINGA, 1945, p. 38.

incontestável que “[...] em Barnabé temos um tipo amilenista muito antigo de escatologia, tão cedo quanto qualquer quiliastro pode ser mostrado ter aparecido na Igreja antiga”.³⁰¹ (tradução nossa). Por essa razão, Kromminga faz um alerta aos intérpretes e diz que é necessário ter “[...] cuidado para não reivindicar como quiliasta todo e qualquer escritor cristão primitivo simplesmente porque ele expressa a esperança cristã comum no retorno de nosso Senhor”.³⁰² (tradução nossa). Ou seja, Kromminga adverte os intérpretes a que evitem o equívoco de enquadrar um autor em determinada posição doutrinária com base em elementos compartilhados por diferentes correntes de interpretação, pois tais pontos comuns, por si, não oferecem critério suficiente para definir sua identidade teológica.³⁰³

Everett Ferguson também inicia sua argumentação citando alguns autores que creem ser Barnabé um milenarista. Ele descreve que tais pesquisadores interpretam o capítulo 15 de modo literal e linear, segundo o qual os 6 dias da criação se referem à era atual, o sábado será o milênio e o 8º dia, o estado eterno, ou seja, 6+1+1. No entanto, ele ressalta que esses estudiosos reconhecem que Barnabé não deixou explícito se o 7º dia será um 7º milênio após o 6º dia. Eles também salientam a dificuldade em pensar que Barnabé enxergasse os 6 mil anos de forma literal. Tudo indica que o método interpretativo de Barnabé pode ser visto como alegórico, espiritual ou cristão. Seu interesse não era em cálculos cronológicos, pois esperava um fim iminente. Se o capítulo 15 for lido literalmente, estará em desacordo com a não literalidade contida nos capítulos anteriores e posteriores da carta. Além do mais, o entendimento de Barnabé sobre o Antigo Testamento e seu método de interpretação da Bíblia são totalmente diferentes dos de Justino e de Irineu; isso indica que é inapropriado ler Barnabé à luz do milenarismo desses autores.³⁰⁴

Se a fórmula dia/milênio (6 dias + 7º dia + 8º dia) for interpretada de forma literal, o certo seria entender que, para Barnabé, o mundo duraria 6 períodos de 1000 anos literais e que findado esse tempo se iniciaria o 7º período de 1000 anos, que é o milênio, e, após o término do milênio, seria estabelecido o 8º dia, que, seguindo a

³⁰¹ “[...] in Barnabas we have a very early amillennial type of eschatology, as early as any chiliasm can be shown to have appeared in the ancient Church”. KROMMINGA, 1945, p. 36.

³⁰² “[...] careful not to claim as a chiliast any and every early Christian writer simply because he expresses the common Christian hope in the return of our Lord”. KROMMINGA, 1945, p. 40.

³⁰³ KROMMINGA, 1945, p. 40.

³⁰⁴ FERGUSON, 1990, p. 159–165.

mesma lógica literalista, deveria ser o oitavo período de 1000 anos. Mas a epístola indica claramente que o 8º período será a eternidade, não um espaço limitado de 1000 anos. Se é fato que o último dia não será um período literal de 1000 anos, por que os outros 7 seriam?

Além disso, Barnabé alertou seus leitores de que o fim poderia chegar a qualquer instante.³⁰⁵ Entretanto, ele não estabeleceu uma contagem regressiva para o término do 6º milênio. No segundo século havia datações estimadas desde a Criação até aquele tempo. Teófilo de Antioquia, por exemplo, calculou que, desde o Princípio até o ano 180 d.C., 5695 anos haviam se passado.³⁰⁶ Com base nesse resultado, faltariam cerca de 300 anos para o início do sábado milenar. Se a intenção de Barnabé fosse apresentar uma linha do tempo literal, por que ele não utilizou algum cálculo para datar a segunda vinda, como fez Hipólito?³⁰⁷ A ausência de qualquer estimativa que previsse o momento aproximado da segunda vinda sugere que a relação estabelecida por Barnabé entre os dias da criação e os mil anos não deve ser compreendida de forma literal.

Para Ferguson, Barnabé via o 7º dia da mesma forma que os rabinos e o escritor de *Hebreus* (4:9³⁰⁸), que é a escatológica, ou seja, uma imagem do descanso futuro que se estabeleceria no novo éon. Porém, ele faz uma mudança e diz que esse descanso escatológico não será no 7º dia, mas no 8º. Sendo assim, na teologia de Barnabé, o 8º dia passou a representar o mundo vindouro, pois esse foi o dia da

³⁰⁵ CARTA de Barnabé, 1995, p. 317.

³⁰⁶ TEÓFILO DE ANTIOQUIA. Terceiro Livro a Autólico. In: **Padres Apologistas**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 2). São Paulo: Paulus, 1995. p. 209, 298.

³⁰⁷ ALLISON, 2017, p. 818–819.

³⁰⁸ ⁴ Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera. ⁵ E novamente, no mesmo lugar: Não entrarão no meu descanso. ⁶ Visto, portanto, que resta entrarem alguns nele e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas, ⁷ de novo, determina certo dia, Hoje, falando por Davi, muito tempo depois, segundo antes fora declarado: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração. ⁸ Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia. ⁹ Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. ¹⁰ Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas. ¹¹ Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência". BIBLEWORKS, 2015, Hebreus 4:4–11 (Almeida Revista e Atualizada).

ressurreição e da ascensão. Além do mais, no pensamento de Barnabé, não há um reinado intermediário com duração de 1000 anos.³⁰⁹

Por certo tempo, Ferguson também acreditava que Barnabé era milenarista. Mas, ao estudar os textos de Clemente de Alexandria e ver os paralelos existentes entre eles, acabou mudando de ideia. Clemente associava o número 6 ao mundo natural, o 7 ao dia do descanso e o 8 ao mundo celestial. Para ele, há uma equivalência entre o 7º e o 8º dia. Ferguson notou que Clemente relacionava o 7 e o 8 através de um esquema feito entre o alfabeto e os numerais gregos. É provável que Barnabé tenha se baseado em algo semelhante e, por essa razão, uniu dois sistemas escatológicos em um. Em suma, ou Barnabé cometeu um erro cronológico ou ele não estava preocupado com isso. O fato é que todos esses elementos demonstram a incompatibilidade entre o pensamento de Barnabé e o quiliasmo.³¹⁰

O teólogo Charles Hill é outro defensor do amilenismo que considera que Barnabé não era milenarista. Para identificar os quiliastas na patrística, ele analisa a crença de que as almas dos salvos não iam diretamente para o céu, mas permaneciam no Hades aguardando a ressurreição, posição compartilhada por esse grupo. Mesmo reconhecendo que a carta não dá muitas informações sobre isso, ele acredita que:

A Epístola do Pseudo-Barnabé [...] provavelmente não é quiliasta, embora seja um receptáculo para uma certa tradição, o esquema da semana mundial, que se tornou importante para alguns quiliastas, e aparentemente usou apocalipses judaicos que podem ser chamados de quiliastas.³¹¹ (tradução nossa).

Jonathon Lookadoo escreveu recentemente um extenso comentário sobre a *Carta de Barnabé* e também concluiu que seu autor não era quiliasta. Ele mostrou a ligação entre Barnabé e os exegetas judeus de Alexandria, que interpretavam o sábado de modo figurado. Aristóbulo entendia o sábado como a forma pela qual Deus ordena continuamente todas as coisas até sua plena consumação, enquanto Filo o concebia como o momento da conclusão e da restauração final. Da mesma maneira,

³⁰⁹ FERGUSON, 1990, p. 162–167.

³¹⁰ FERGUSON, 1990, p. 159, 165–167.

³¹¹ “The Epistle of Ps.-Barnabas [...] is probably not chiliastic, though it is a receptacle for a certain tradition, the world-week scheme, which became important for some chiliasts, and it did apparently use Jewish apocalypses that can be called chiliastic”. HILL, 2001, p. 77.

Barnabé expressa a ideia de que o presente é incompleto e carece de restauração. O autor de *Hebreus* afirma que o povo do Sinai falhou e, por isso, não entrou no descanso, indicando que ainda resta um sábado para os fiéis. Tanto Aristóbulo quanto Filo, assim como o autor de *Hebreus*, entendem que esse sábado divino é o momento em que a criação será finalmente concluída e renovada. Barnabé, porém, aplica esse sábado de modo explicitamente escatológico, relacionando-o à nova criação, quando Cristo dará fim ao tempo do iníquo, julgará o mundo, transformará a natureza e erradicará o pecado. Nesse sentido, o 7º e 8º dias representam a mesma realidade escatológica, um tempo de justiça inaugurado pela segunda vinda. Sendo assim, afirma Lookadoo, é mais adequado considerar Barnabé como não quiliasta, pois sua grande expectativa estava na nova criação que viria imediatamente após o retorno de Cristo.³¹²

O pré-milenista dispensacionalista Alan Patrick Boyd quis provar, em sua tese de mestrado, que o quiliasmo era unânime entre os Pais da Igreja pós-apostólica. Porém, o resultado não foi como esperado, e a *Carta de Barnabé* mostrou-se um dos documentos patrísticos não milenaristas. Boyd percebeu que, para Barnabé, o “descanso da criação”,³¹³ (tradução nossa), representado pelo 7º dia, e o início do 8º dia estão dentro do mesmo período, de modo que o 8º dia se inicia na vinda de Cristo e “[...] o Sétimo Dia é escatologicamente o início do Oitavo Dia. Portanto, não há intervalo (milênar ou não) entre o Sétimo e o Oitavo Dia”.³¹⁴ (tradução nossa). Além do mais, não há motivos para separar o 7º dia do 8º, pois a remoção do pecado (15:5) e a nova criação (15:7) atestam que se trata do mesmo período cronológico.³¹⁵ Por essas razões, Boyd acredita que “[...] parece melhor concluir que Barnabé não era um pré-milenarista”.³¹⁶ (tradução nossa). Segundo Boyd, mesmo “[...] se um milênio existisse, seria apenas o limiar para, mas dentro, da eternidade. Não haveria intervalo entre a era presente e o estado eterno”.³¹⁷ (tradução nossa). Ou seja, o milênio não

³¹² LOOKADOO, Jonathon. **The Epistle of Barnabas**: a commentary. ed. Paul A. Hartog e Shawn J. Wilhite, Apostolic Fathers Commentary. Oregon: Cascade Books, 2022. p. 180–183.

³¹³ “rest from creation”. BOYD, 1977, p. 105.

³¹⁴ “[...] the Seventh Day is eschatologically the beginning of the Eighth Day. Therefore, there is no interval (millennial or otherwise) between the Seventh and Eighth Days”. BOYD, 1977, p. 105.

³¹⁵ BOYD, 1977, p. 105.

³¹⁶ “[...] it seems best to conclude that Barnabas was not a premillennarian”. BOYD, 1977, p. 105–106.

³¹⁷ “[...] if a millennium were to exist, it would only be the threshold to, but within, eternity. It would be no interval between the present age and the eternal state”. BOYD, 1977, p. 106.

estaria antes da eternidade, mas dentro dela, funcionando apenas como sua fase inicial.

Hermans escreveu uma obra que se tornou referência na discussão sobre o suposto milenarismo contido no capítulo 15 da epístola. Ele iniciou sua argumentação explicando que Barnabé segue o modelo de milenarismo sírio, baseado na semana da criação, diferindo do milenarismo asiático, que se refere a uma terra renovada. No entanto, ele ressalta que a “[...] aplicação de uma cronologia milenar à escatologia não implica milenarismo”.³¹⁸ (tradução nossa).

Os escritos rabínicos e o *Apocalipse de Esdras* testemunham que a ideia de uma semana cósmica, encerrada por um sábado, é muito antiga, e que o mundo vindouro também era interpretado como um grande sábado. Assim, tornou-se natural combinar esses dois conceitos em uma única visão escatológica. No entanto, o sábado judaico era visto como um vazio absoluto, onde a terra descansaria. É provável que Barnabé tenha sido influenciado por essa cronologia e tenha formulado, pela primeira vez no cristianismo, o modelo da semana cósmica.³¹⁹ A diferença é que:

Para um autor cristão, a Parousia ocorreria no fim do mundo, o que na cronologia da semana mundial significa depois do sexto milênio. Agora, a menos que rejeitemos toda a tradição sobre a Parousia, ela não poderá inaugurar uma era de solidão e nada. Para esta dificuldade o nosso autor encontra uma solução radical; ela abole o sétimo milênio e faz com que o oitavo dia eterno do novo mundo comece imediatamente após o sexto milênio.³²⁰ (tradução nossa).

Ou seja, para os judeus, a semana cósmica era formada da seguinte maneira: 6 mil anos + 1 sábado milenar (vazio absoluto para a terra descansar) + 1 sábado eterno. Barnabé transformou essa semana cósmica em: 6 mil anos + 1 oitavo dia eterno.

Para Hermans, os versos 5, 7 e 8 do capítulo 15 não dão suporte para uma série de eventos que ocorrerão ao longo do 7º milênio; muito pelo contrário, a “[...]”

³¹⁸ “[...] application d'une chronologie millénaire à l'eschatologie n'implique pas millénarisme”. HERMANS, 1960, p. 849.

³¹⁹ HERMANS, 1960, p. 854–859.

³²⁰ “Pour un auteur chrétien, la Parousie devait arriver à la fin du monde, ce qui signifie dans la chronologie de la semaine mondiale, après le sixième millénaire. Or, à moins de rejeter toute la tradition au sujet de la Parousie, celle-ci ne pouvait inaugurer une ère de solitude et de néant. A cette difficulté notre auteur trouve une solution radicale; il supprime le septième millénaire, et fait commencer le huitième jour éternel du nouveau monde aussitôt après le sixième millénaire”. HERMANS, 1960, p. 870.

vitória total sobre o Anticristo [...]",³²¹ (tradução nossa), a "[...] condenação dos ímpios [...]"³²² (tradução nossa) e a "[...] mudança dos corpos celestes [...]"³²³ (tradução nossa), descrevem detalhadamente os acontecimentos que apontam para um único evento: a vinda de Cristo. A afirmação de alguns, que dizem haver no início do 7º milênio apenas um juízo particular e que o geral acontecerá só no fim, se torna insustentável quando se lê o capítulo 7:9-11, onde Barnabé indica que a recompensa dos justos se dará no mesmo instante em que os ímpios serão condenados.³²⁴ Em suma: "Se concordarmos em conectar os eventos do v. 7 com aqueles do v. 5, não há mais como separar da Parousia a criação do novo mundo, falada no v. 8, para colocá-la no fim do milênio".³²⁵ (tradução nossa). Isso ocorre porque "[...] a criação do novo mundo (v. 8) é idêntica à renovação de todas as coisas pelo Senhor (v. 7)".³²⁶ (tradução nossa). Na Parousia, ocorrerá a aniquilação do pecado e a santificação dos justos; cada um desses acontecimentos terá:

[...] uma repercussão e uma extensão cósmica. O julgamento dos pecadores corresponde ao abalo dos corpos celestes, enquanto a santificação dos eleitos será acompanhada pela renovação universal no novo mundo. Portanto, é difícil ver o que poderia acontecer no final do chamado sétimo milênio, nem como esse sétimo milênio deveria ser distinguido do oitavo dia da eternidade [...] Tudo o que o autor espera é uma melhoria única, total e definitiva, na Parousia de Jesus. O que exclui qualquer milenarismo.³²⁷ (tradução nossa).

Quatro questões podem ser levantadas sobre o capítulo 15 de Barnabé. A primeira é: "O autor faz distinção entre o sétimo e o oitavo dia escatológico?"³²⁸ (tradução nossa). A segunda é: "[...] o sétimo dia durará mil anos?"³²⁹ (tradução

³²¹ "[...] victoire totale sur l'Antéchrist [...]". HERMANS, 1960, p. 866.

³²² "[...] condamnation des impies [...]". HERMANS, 1960, p. 866.

³²³ "[...] changement des corps célestes [...]". HERMANS, 1960, p. 866.

³²⁴ HERMANS, 1960, p. 866.

³²⁵ "Si l'on est d'accord pour relier les événements du V. 7 à ceux du V. 5, il n'y a plus moyen de séparer de la Parousie la création du nouveau monde, dont parle le v.8, pour la situer à la fin du millénaire". HERMANS, 1960, p. 866.

³²⁶ "[...] la production du nouveau monde (v.8) est identique à la rénovation de toutes choses par le Seigneur (v. 7)". HERMANS, 1960, p. 866.

³²⁷ "[...] une répercussion et un prolongement cosmiques. Au jugement des pécheurs correspond l'ébranlement des corps célestes, tandis que la sanctification des élus s'accompagnera de la rénovation universelle dans le monde nouveau. Dès lors, on ne voit vraiment pas ce qui pourrait arriver à la fin du prétendu septième millénaire, ni comment il faudrait distinguer ce septième millénaire du huitième jour de l'éternité [...] Tout l'espoir de l'auteur ne porte que sur un seul perfectionnement, mais total et définitif, lors de la Parousie de Jésus. Ce qui exclut tout millénarisme. HERMANS, 1960, p. 866–867.

³²⁸ "L'auteur y distingue-t-il le septième jour eschatologique du huitième?". HERMANS, 1960, p. 851.

³²⁹ "[...] e le septième jour durera mille ans?". HERMANS, 1960, p. 851.

nossa). A terceira é se no 7º dia haverá “[...] um reinado glorioso e provisório de Cristo”.³³⁰ (tradução nossa). A quarta é se após a vinda de Cristo haverá dois sábados. A resposta para todas elas é: não.³³¹

Mejzner comenta que Jean Daniélou descrevia Barnabé como milenarista, mas “[...] na segunda edição da monografia *Théologie du Judéo-Christianisme* (Paris: Desclée, 1991), eliminou todas as afirmações anteriores do milenarismo de Barnabé em apoio às conclusões de Hermans”.³³² (tradução nossa).

A análise do capítulo 15 da *Carta de Barnabé* demonstra que o texto, embora frequentemente citado como evidência de um milenarismo primitivo, não sustenta a existência de uma expectativa quiliasta por parte do seu autor. A associação alegórica entre os dias da criação e períodos de mil anos, por si só, não é suficiente para afirmar que haverá um reino terreno de mil anos após a Parousia. O documento apresenta que o “o universo será consumado”³³³ no fim dos seis mil anos, e que o sétimo e o oitavo dia parecem fundir-se na realidade eterna e escatológica, sem qualquer distinção de um reino intermediário. Além disso, a *Carta de Barnabé* rejeita explicitamente qualquer forma de observância sabática no presente, afirmando que o verdadeiro sábado só poderá ser santificado quando “não houver mais iniquidade”³³⁴ e quando “o Senhor tiver renovado tudo”,³³⁵ linguagem mais compatível com o estado final do que com um milênio terreno limitado no tempo e com o poder do pecado em pleno vigor.

A variedade de interpretações entre estudiosos, alguns vendo em Barnabé um milenarista, outros um autor indeciso, e outros ainda um autor não milenarista, confirma que o texto não oferece elementos suficientes para classificá-lo com segurança como defensor do quiliasmo. Pelo contrário, suas ambiguidades internas e sua forte tendência alegórica tornam inconsistente qualquer tentativa de enquadrá-lo

³³⁰ “[...] un règne glorieux et provisoire du Christ?”. HERMANS, 1960, p. 851.

³³¹ HERMANS, 1960, p. 851, 859.

³³² “[...] in the second edition of the monograph *Théologie du Judéo-Christianisme* (Paris: Desclée, 1991), cleared out all earlier assertion's of Barnaby's millenarism in support of Herman's conclusions”. MEJZNER, Miroslaw. Methodius: Millenarist or Anti-Millenarist? In: **Methodius of Olympus**. 2017. p. 63, nota 2. Disponível em: <https://dokumen.pub/methodius-of-olympus-state-of-the-art-and-new-perspectives-9783110434293-9783110441093.html> Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

³³³ CARTA de Barnabé, 1995, p. 309.

³³⁴ CARTA de Barnabé, 1995, p. 310.

³³⁵ CARTA de Barnabé, 1995, p. 310.

no mesmo modelo de milenarismo defendido por Papias, Justino ou Irineu. Além do mais, o reconhecimento, por parte de Walvoord e González, de que o milenarismo da *Carta de Barnabé* não equivale ao quiliasmo de Papias, Justino e Irineu evidencia uma prática recorrente de simplificação teológica. Embora percebam a falta de coerência entre o milenarismo considerado “padrão” e aquele presente em Barnabé, em vez de considerar e destacar as peculiaridades próprias do pensamento desse autor, optam por reduzi-las e enquadrá-lo em uma posição que, em certa medida, contraria aquilo que o próprio escritor da epístola afirma.

Boyd, em sua tese de mestrado, partiu do objetivo de demonstrar que o pré-milenismo dispensacionalista correspondia à fé da igreja pós-apostólica. Contudo, ao aprofundar a investigação nas fontes patrísticas, chegou a uma conclusão oposta àquela inicialmente pretendida. Segundo o próprio autor, a análise dos textos originais não sustentou essa hipótese.³³⁶ Diante disso, Boyd admitiu que “[...] talvez, o amilenismo seminal, e não o pré-milenismo dispensacionalista nascente, deva ser visto na escatologia do período”.³³⁷ (tradução nossa).

A datação da epístola é debatida, sendo propostas as datas de 70, 90 e 130. As conclusões decorrentes da análise comparativa entre as possíveis datas de redação do *Apocalipse* e os escritos dos Parentes do Senhor, de Clemente de Roma, de Inácio de Antioquia e de Policarpo de Esmirna podem, de modo análogo, ser aplicadas à *Carta de Barnabé*. Entretanto, deve-se salientar que, caso a carta tenha sido escrita por volta do ano 130, ela apresenta um testemunho explícito de uma escatologia amilenista na patrística contemporânea ao primeiro autor respeitado pela ortodoxia a expor o milenarismo, a saber, Papias.³³⁸

3.6 DIDACHÊ (70-125 D.C.)

A *Didachê* possui grande importância para o estudo do cristianismo primitivo, pois preserva um dos testemunhos mais antigos sobre a vida, a disciplina e a

³³⁶ BOYD, 1977, p. 91.

³³⁷ “[...] perhaps, seminal amillennialism, and not nascent dispensational premillennialism ought to be seen in the eschatology of the period”. BOYD, 1977, p. 91.

³³⁸ Antes de Papias, um dos milenaristas mais antigos foi Cerinto, mas, por sustentar uma teologia considerada heterodoxa, acabou rotulado como herege e não foi citado pelos quiliastas do segundo século como testemunha em favor do milenarismo (ver tópicos 4.1 e 4.4.3).

esperança escatológica das primeiras comunidades. Mesmo não pertencendo ao cânon do Novo Testamento, o texto circulou amplamente na antiguidade e serviu como orientação para a formação moral e para a organização das igrejas.

Seu estudo também é relevante para o debate sobre o milenarismo. O capítulo final apresenta uma breve descrição dos acontecimentos escatológicos, incluindo a ressurreição e a vinda do Senhor, o que levou alguns intérpretes a relacionar o texto com a expectativa quiliasta.

3.6.1 Autor, local e data

A *Didachê* é um escrito de autoria desconhecida, cujo título completo é *Didachê ton dódeka Apostolón* (Doutrina dos Doze Apóstolos). Sua forma literária confirma o caráter anônimo e comunitário da composição.³³⁹

A obra pertenceu ao grupo dos escritos normativos que orientou a vida das primeiras comunidades cristãs. Seu conteúdo organiza-se em três partes bem definidas. A primeira seção (1,1–6,3) consiste em uma instrução ética para os que desejam se batizar. A segunda seção (7–15) trata da organização comunitária, com orientações litúrgicas e normas voltadas aos ministérios e à liderança eclesial (11–15). A terceira e última parte (16) apresenta uma exortação escatológica, marcada pela vigilância e pela expectativa da Parousia.³⁴⁰

A *Didachê* havia se perdido e só era citada por outros documentos antigos. Porém, em 1873, Bryennios encontrou uma cópia quase completa na biblioteca monástica do Santo Sepulcro, em Constantinopla. No entanto, a obra só veio a público dez anos depois. Ela estava entre uma compilação de outros textos antigos que foram copiados por um escriba chamado “Leon”, no ano de 1056.³⁴¹

Niederwimmer cita três locais possíveis para a origem do documento, sendo a Síria e a Palestina os locais mais prováveis, e o Egito como possibilidade. Ele acredita que as tradições que compõem a *Didachê* são do final do século I, enquanto a redação

³³⁹ RAMOS-LISSÓN, 2016, p. 64.

³⁴⁰ ETCHEVERRIA, 1994, p. 6–7.

³⁴¹ WILHITE, Shawn J. **The Didache**: a commentary. Oregon: Cascade Books, 2019. p. 4, 6–7.

final situa-se por volta de 110–120 d.C.³⁴² Aldridge coloca a data da obra entre 70–125 d.C.³⁴³ Ou seja, não há uma data precisa, mas há concordância que a obra tenha sido escrita por volta “[...] da segunda metade do primeiro ou da primeira metade do segundo século”.³⁴⁴ (tradução nossa).

3.6.2 Amilenarista

O debate em torno do milenarismo na *Didachê* está situado no capítulo 16, que diz:

¹Vigiem sobre a vida de vocês. Não deixem que suas lâmpadas se apaguem, nem soltem o cinto dos rins. Fiquem preparados, porque vocês não sabem a que hora o Senhor nosso vai chegar. ²Reúnam-se com frequência para procurar o que convém a vocês. Porque de nada lhes servirá todo o tempo que vocês viveram a fé, se no último momento vocês não estiverem perfeitos. ³De fato, nos últimos dias, os falsos profetas e os corruptores se multiplicarão, as ovelhas se transformarão em lobos e o amor se transformará em ódio. ⁴Crescendo a injustiça, os homens se odiarão, se perseguirão e se trairão mutuamente. Então aparecerá o sedutor do mundo, como se fosse o Filho de Deus, e fará sinais e prodígios. A terra será entregue em suas mãos e cometerá crimes como jamais foram cometidos desde o começo do mundo. ⁵Então toda criatura humana passará pela prova de fogo, e muitos ficarão escandalizados e perecerão. Contudo, aqueles que permanecerem firmes na fé serão salvos por aquele que os outros amaldiçoam. ⁶Então aparecerão os sinais da verdade. Primeiro, o sinal da abertura no céu; depois, o sinal do toque da trombeta e, em terceiro lugar, a ressurreição dos mortos. ⁷Ressurreição sim, *mas não de todos*, conforme foi dito: “O Senhor virá, e todos os santos estarão com ele”. ⁸Então o mundo verá o Senhor vindo sobre as nuvens do céu.³⁴⁵

O final da *Didachê* apresenta problemas interpretativos, uma vez que o texto parece terminar de forma incompleta.³⁴⁶ O códice descoberto por Bryennios é composto por diversos escritos, entre eles a cópia mais completa da *Didachê* atualmente utilizada pelos tradutores, inclusive a edição citada anteriormente. Contudo, há um espaço de aproximadamente meia página entre o versículo 8 do capítulo 16 e o início da obra seguinte. Esse hiato parece não ser acidental, pois não

³⁴² NIEDERWIMMER, Kurt. **The Didache: a commentary**. Tradução de Linda M. Maloney. Edição de Harold W. Attridge. Minneapolis: Fortress Press, 1998. p. 52–54.

³⁴³ ALDRIDGE, Robert E. The lost end of the Didache. **Vigiliae Christianae**, Leiden, v. 53, p. 1–15, 1999. p. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/157007299X00118>. Acesso em: 09 de junho de 2025.

³⁴⁴ “[...] to the latter half of the first or the early half of the second century”. WILHITE, 2019, p. 4.

³⁴⁵ DIDAQUÉ. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995. p. 359–360, grifo nosso.

³⁴⁶ WILHITE, 2019, p. 7.

há espaços semelhantes entre os demais textos do códice. Além disso, a pontuação que o copista usou para marcar o final do capítulo indica apenas o final da frase e não a conclusão do livro.³⁴⁷ Convém ainda observar que “[...] outras tradições que aparecem na história da tradição da *Didaquê* contêm material adicional que corresponde ao final da *Didaquê*”.³⁴⁸ (tradução nossa). Todos esses indícios convergem para a hipótese de que uma parte da *Didachê* se perdeu ao longo da transmissão textual.

No entanto, Aldridge propõe o que pode ter sido a conclusão do texto. Ele acredita que o capítulo 32 das “[...] *Constituições Apostólicas* VII — que apresenta uma versão expandida do texto da *Didaquê* — contém material adicional que pode representar o verdadeiro final da *Didaquê*”.³⁴⁹ (tradução nossa). Porém, o livro VII das *Constituições* apresenta uma versão ampliada da *Didachê*, na qual o redator acrescenta diversas referências e materiais bíblicos ao conteúdo. Esses acréscimos estão tão integrados ao texto que se torna difícil distinguir o que pertence à *Didachê* original sem conhecer previamente o documento.³⁵⁰ Por essa razão, Svigel acredita que “[...] qualquer dependência do final reconstruído da *Didaquê* por Aldridge, baseado no final expandido encontrado nas *Constituições Apostólicas*, deve ser rejeitada”.³⁵¹ (tradução nossa).

Mas segundo Aldridge, existem indícios que permitem considerar a possibilidade de que o texto preservado nas *Constituições Apostólicas* reflita, ao menos de forma aproximada, o final original da *Didachê*. Um dos principais argumentos apresentados por ele está no uso do material bíblico presente nesse trecho. O autor observa que *Didachê* 16.3–8 possui forte caráter apocalíptico e apresenta paralelos com o Evangelho de Mateus. Nesse sentido, o final transmitido pelas *Constituições* inclui expressões que também aparecem em passagens como

³⁴⁷ ALDRIDGE, 1999, p. 3–4.

³⁴⁸ “[...] other traditions that appear in the tradition-history of the *Didache* contain additional material that corresponds with the *Didache*'s ending”. WILHITE, 2019, p. 232.

³⁴⁹ “[...] *Apostolic Constitutions* VII — which gives an expanded version of the *Didache*'s text — contains additional material which may represent the *Didache*'s actual ending”. ALDRIDGE, 1999, p. 4–5.

³⁵⁰ ALDRIDGE, 1999, p. 6.

³⁵¹ “[...] any dependence on Aldridge's reconstructed ending of *Didache* based on the expanded ending found in *Apostolic Constitutions* must be rejected”. SVIGEL, Michael J. **The Fathers on the Future**. 2024. p. 4. Disponível em: <https://fathersonthefuture.com/static/edf60886d486fe2dcc22be7d1517041f/6-go-deeper-eschatology-of-didache-16-final.pdf>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

Mateus 16, 24 e 25, além de 1 Coríntios 2.9. Aldridge destaca que Mateus 16.27–28 descreve a vinda do Filho do Homem em glória para julgar segundo as obras, o que poderia explicar diversas formulações presentes na primeira parte do texto reconstruído. Da mesma forma, embora Mateus 24 seja amplamente paralelo ao conteúdo da *Didachê* 16, a narrativa interrompe a sequência escatológica ao introduzir parábolas após a referência à segunda vinda. Esse desenvolvimento, segundo Aldridge, é retomado em Mateus 25.31–46, passagem que retoma a descrição da vinda do Filho do Homem e do julgamento final, apresentando elementos temáticos semelhantes aos que aparecem na proposta de reconstrução do final da *Didachê*.³⁵²

Aldridge argumenta ainda que a grande semelhança entre o texto das *Constituições Apostólicas* e o da chamada *Renúncia*, no que diz respeito ao desfecho da *Didachê*, reforça a hipótese de que o material compartilhado por essas tradições preserva, com boa probabilidade, a conclusão original da obra. Esse entendimento também recebe algum apoio da antiga versão georgiana da *Didachê*. Dessa forma, Aldridge considera plausível aceitar esse texto como uma aproximação do final perdido, acrescentando cerca de quatro versículos e meio ao capítulo.³⁵³ O trecho reconstruído é apresentado da seguinte forma:

8 Então o mundo verá o Senhor vindo sobre as nuvens do céu com os anjos do Seu poder, no trono do Seu reino, 9 para condenar o diabo, o enganador do mundo, e para retribuir a cada um segundo as suas obras. 10 Então os ímpios irão para o castigo eterno, mas os justos entrarão na vida eterna, 11 para herdar as coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem jamais entraram no coração do homem, conforme Deus preparou para aqueles que o amam. 12 E eles se alegrarão no reino de Deus, que está em Cristo Jesus.³⁵⁴ (tradução nossa).

O debate sobre o final da *Didachê* é fundamental para discutir se ela é milenarista ou não, pois a parte inacabada acabou abrindo espaço para leituras milenaristas. Alguns acreditam que o verso 7 indica uma distinção entre a ressurreição dos santos e a dos ímpios, especialmente os quiliastas, que se apressam em inserir

³⁵² ALDRIDGE, 1999, p. 5.

³⁵³ ALDRIDGE, 1999, p. 12.

³⁵⁴ “8 Then the world will see the Lord coming upon the clouds of heaven with the angels of His power, in the throne of His kingdom, 9 to condemn the devil, the deceiver of the world, and to render to every one according to his deeds. 10 Then shall the wicked go away into everlasting punishment, but the righteous shall enter eternal life, 11 to inherit those things which eye hath not things seen, nor ear heard, nor have entered as God hath prepared for them into the heart of man, such that love Him. 12 And they shall rejoice in the kingdom of God, which is in Christ Jesus.” ALDRIDGE, 1999, p. 12-13.

os mil anos entre elas.³⁵⁵ Por exemplo, Knopf escreveu que “mas não de todos” pode indicar “[...] um reinado de 1000 anos, como em Apocalipse 20:4-6 [...] a ressurreição geral vem mais tarde”.³⁵⁶ (tradução nossa). Na mesma direção, Svigel acredita que a frase reflete uma concepção escatológica associada a um milenarismo nascente, segundo a qual, na Parousia de Cristo, apenas os justos participariam da ressurreição que inaugura o reino milenar, enquanto a ressurreição dos ímpios ocorreria somente depois do término desse período, com vistas ao julgamento final. O próprio autor ressalta, contudo, que não há base suficiente para afirmar de forma conclusiva que a escatologia original da *Didachê* seguia exatamente esse esquema.³⁵⁷

Porém, Hill escreveu que, se Aldridge estiver certo, “[...] o final restaurado estabelecerá de uma vez por todas que a perspectiva do didachista é claramente não-quiliasta”.³⁵⁸ (tradução nossa). Se a reconstrução do final da *Didachê* proposta por Aldridge estiver próxima do texto original, a sequência escatológica seria: a “[...] abertura no céu [...] o sinal do toque da trombeta e [...] a ressurreição dos mortos” (16:6); depois a vinda do Senhor com os santos (16:7); em seguida a condenação do diabo e a retribuição segundo as obras (16:9); por fim, o envio dos ímpios para o castigo eterno e dos salvos para a vida eterna (16:10). Nesse cenário, a obra não apresenta qualquer espaço para um reino milenar.

Deixando de lado, por um instante, a reconstrução final do texto, Grier argumenta que “[...] O “Didache” não faz qualquer alusão a um milênio na terra. Parece claro que se o seu autor tivesse crido nisso, o teria dito”.³⁵⁹

Mas o que o didachista³⁶⁰ quis dizer com “Ressurreição sim, mas não de todos” (16:7)? Segundo Niederwimmer, o autor da *Didachê* sustenta que a ressurreição não ocorrerá para todos ao mesmo tempo, fundamentando essa ideia em Zacarias 14:5 e não em Mateus 25:31. A *Didachê* entende esses “santos” como os cristãos mortos

³⁵⁵ GRIER, 1972, p. 20.

³⁵⁶ “[...] vielleicht 1000jähriges Reich, wie Apoc 20:4–6 [...] die allgemeine Auferstehung kommt erst später”. KNOPF, Rudolf. **Die Lehre der zwölf Apostel. Die zwei Clemensbriefe**. Tübingen: Mohr (Paul Siebeck), 1920. p. 40.

³⁵⁷ SVIGEL, 2024, p. 2–3.

³⁵⁸ “[...] the restored ending would establish once and for all that the outlook of the didachist is clearly non-chiliastic”. HILL, 2001, p. 77.

³⁵⁹ GRIER, 1972, p. 20.

³⁶⁰ O termo didaquista também é utilizado, mas essa grafia foi adotada por questão de padronização com a palavra *Didachê*.

que são despertados para a vida. Porém, no contexto de Zacarias, a referência aos “santos” provavelmente diz respeito aos anjos, interpretação que o próprio Evangelho de Mateus 25:31 adota ao associar a vinda do Filho do Homem com seus anjos.³⁶¹

Não se sabe ao certo a data na qual a *Didachê* foi escrita, nem quais livros canônicos exerceram influência sobre ela. Trabalhando com a hipótese de que o didachista escreveu o capítulo 16 após as cartas paulinas estarem em circulação, é possível conjecturar que o escritor tenha baseado a ideia de uma ressurreição exclusiva, ou seja, apenas dos salvos, em alguns textos do Novo Testamento.

1 Coríntios 15:23-25 diz:

Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés.³⁶²

Ladd usa o texto de *Apocalipse* 20 e afirma que essa mesma estrutura aparece de forma implícita em 1 Coríntios 15, concluindo que a primeira ressurreição inclui todos os santos, ao passo que os demais mortos ressuscitam apenas depois do milênio para enfrentar o juízo final. Porém, ele mesmo ressalta que Paulo descreve apenas a ressurreição dos que pertencem a Cristo, pois seu foco está no destino dos crentes, enquanto a ressurreição dos ímpios não é mencionada.³⁶³ Ou seja, Ladd impõe ao texto paulino um período de tempo que separa a ressurreição dos salvos e a dos perdidos. Mas ele mesmo reconhece que Paulo não especifica quando será a ressurreição dos perdidos. Então, essa interpretação é apenas especulativa.

1 Tessalonicenses 4:16,17 diz: “

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.³⁶⁴

³⁶¹ NIEDERWIMMER, 1998, p. 224–225.

³⁶² BIBLEWORKS, 2015, 1 Coríntios 15:23 (Almeida Revista e Atualizada).

³⁶³ LADD, 1986, p. 199.

³⁶⁴ BIBLEWORKS, 2015, 1 Tessalonicenses 4:16,17 (Almeida Revista e Atualizada).

Para Marshall, “ressuscitarão primeiro” está “[...] em contraste com os cristãos vivos que se encontram com Jesus na etapa seguinte [...] e não em contraste com o restante dos mortos, que não se encaixam no panorama de Paulo neste momento”.³⁶⁵

Nenhum desses textos sustenta explicitamente que a ressurreição dos justos e dos ímpios será em dois momentos distintos. Ladd ressalta que “Paulo não fala da ressurreição de incrédulos em nenhum lugar das suas epístolas; ele se ocupa integralmente do destino dos que estão em Cristo”.³⁶⁶ Para Hoekema, os dois textos tratam especificamente da ressurreição dos crentes, não da relação cronológica entre a ressurreição de justos e ímpios. A expressão “os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” não estabelece prioridade sobre os incrédulos, mas sobre os próprios crentes que estiverem vivos na Parousia. De modo semelhante, o apóstolo à igreja de Corinto descreve a ordem da ressurreição apenas dentro do grupo dos que pertencem a Cristo: primeiro Cristo, depois os que são dele na sua vinda. Nesse capítulo, Paulo não discute a ressurreição dos ímpios, pois seu foco exclusivo é a ressurreição dos crentes. Portanto, esses textos não fornecem base para afirmar a existência de um intervalo milenar entre a ressurreição dos justos e a dos incrédulos.³⁶⁷ Vos comenta 1 Coríntios 15:23-24, dizendo que a única ideia de espaço de tempo que o texto dá é entre a ressurreição e o fim, “Mas isso de forma alguma abre a porta para a intercalação de um milésimo de anos arredondado”.³⁶⁸ (tradução nossa).

A distinção entre a ressurreição dos crentes e a dos ímpios pode ser explicada pela forma como o didachista interpretou as passagens paulinas de 1 Coríntios 15 e 1 Tessalonicenses 4. Talvez ele tenha lido esses textos como descrevendo exclusivamente a ressurreição dos salvos. Com base nisso, ele pode ter concluído que apenas os mortos em Cristo ressuscitariam para subir arrebatados ao encontro de Jesus nos ares, enquanto os ímpios ressuscitariam pouco tempo depois para testemunhar “O Senhor [...] e todos os santos” (16:7) “vindo sobre as nuvens do céu” (16:8). Nesse caso, a ideia de duas ressurreições não decorreria de um esquema milenarista, mas de uma interpretação das cartas paulinas. Isso significa que a frase

³⁶⁵ MARSHALL, I. Howard. **I e II Tessalonicenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1988. p. 158.

³⁶⁶ LADD, 1986, p. 199.

³⁶⁷ HOEKEMA, 2012, p. 260.

³⁶⁸ “But that by no means opens the door to the intercalation of a rounded-off chiliad of years”. VOS, Geerhardus. **The Pauline Eschatology**. Princeton: Princeton University Press, 1930. capítulo X.

“não de todos” (16:7) indica apenas uma distinção dentro do próprio evento escatológico. Sendo assim, a concepção da ressurreição geral do didachista não era a de um evento simultâneo, mas contendo um breve intervalo entre a ressurreição dos justos e a dos ímpios.

Outro ponto que merece atenção é a relação entre a escatologia da *Didachê* e o debate sobre a data do *Apocalipse* de João. Duas datas principais são geralmente propostas para a composição do *Apocalipse*, uma data mais antiga, por volta da década de 60 d.C., e outra mais tardia, próxima de 90 d.C. No caso da *Didachê*, porém, não existe uma data precisa, apenas uma faixa relativamente ampla situada entre o final do primeiro século e o início do segundo. Nesse contexto, a possibilidade de identificar alguma influência da ideia dos mil anos presente em *Apocalipse* 20 depende diretamente da relação cronológica entre esses dois escritos. Se o *Apocalipse* tiver sido composto na década de 60 e já estivesse em circulação quando a *Didachê* foi redigida, seria plausível considerar a hipótese de influência. Entretanto, se a redação final da *Didachê* anteceder a difusão do *Apocalipse* ou se o livro tiver sido escrito apenas por volta de 90 d.C., torna-se mais difícil sustentar que o esquema milenar tenha influenciado a escatologia do didachista. Assim, a ausência de qualquer referência explícita a um milênio na *Didachê* permanece um dado relevante nesse debate, pois sugere que tal concepção não fazia parte do horizonte escatológico das comunidades que preservaram esse documento.

A única situação que poderia alterar significativamente essa conclusão seria a descoberta do texto completo da *Didachê*, que demonstrasse claramente uma escatologia diferente da reconstrução proposta por Aldridge. Enquanto tal evidência não surgir, a leitura que entende a obra como não milenarista, ou ao menos como não contendo um milênio explícito, permanece a interpretação mais consistente com os dados atualmente disponíveis.

3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame dos escritos patrísticos abordados neste capítulo evidencia que a escatologia cristã dos séculos I e II esteve longe de apresentar uma expectativa milenarista. O silêncio ou a ausência dessa doutrina não pode ser interpretado como

mera omissão casual, mas como um dado relevante para a compreensão do pensamento cristão primitivo.

Os textos analisados revelam que a esperança cristã primitiva estava centrada na ressurreição, no juízo final, na vida eterna e na consumação escatológica, sem qualquer referência a um reino intermediário de mil anos conforme as expectativas apocalípticas judaicas. Tal constatação enfraquece a tese de que o milenarismo constituía uma crença comum ou majoritária entre os cristãos dos primeiros séculos.

Dessa forma, o exame desenvolvido neste capítulo contribui decisivamente para a tese central desta pesquisa ao demonstrar que não houve unanimidade doutrinária entre os Pais da Igreja dos séculos I e II quanto ao milênio. A análise desses autores não milenaristas fornece o contraponto necessário às leituras que defendem uma escatologia primitiva homogênea e prepara o terreno para a investigação dos autores que efetivamente sustentaram uma expectativa milenar, permitindo uma avaliação mais equilibrada e documental do fenômeno.

Este trabalho organiza a exposição dos documentos antigos da Igreja segundo a data aproximada de sua redação. Neste capítulo foram examinados textos produzidos entre o final do século I e o início do século II que não registraram qualquer esperança milenarista. A seguir, serão analisados os escritos posteriores, datados aproximadamente do terceiro decênio do século II, o que permite constatar que a maioria dos registros ortodoxos mais antigos da era pós-apostólica não apresenta sinais da expectativa milenar. Essa constatação fornece uma base sólida para afirmar que o quiliasmo não teve grande relevância no final do primeiro século nem no início do segundo, mas apenas posteriormente. Segundo Horton, o primeiro movimento milenarista de maior abrangência apareceu associado ao montanismo,³⁶⁹ ou seja, na segunda metade do século II.³⁷⁰

No próximo capítulo será investigada a possível origem do milenarismo, bem como seus principais difusores.

³⁶⁹ HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2016. p. 966.

³⁷⁰ QUASTEN, 1968, p. 88.

4 PAIS DA IGREJA MILENARISTAS (PRÉ-MILENISTAS)

Antes de apresentar uma análise detalhada dos textos patrísticos, é necessário investigar a origem do milenarismo, a fim de estabelecer um contexto adequado e identificar as raízes dessa crença, sejam judaicas, pagãs ou cristãs. A partir desse exame, torna-se possível avaliar se João foi o formulador da ideia do quiliasmo, se apenas assimilou uma expectativa já existente ou se, ao reinterpretá-la, lhe atribuiu um novo significado.

Entre os escritos patrísticos do século II, encontram-se autores que defendem abertamente a interpretação literal do milênio de *Apocalipse* 20. Este capítulo reúne os principais representantes dessa perspectiva, destacando como Justino, Irineu e outros expressaram expectativas claras acerca de um reino terreno de mil anos após a segunda vinda de Cristo.

Serão incluídos neste capítulo apenas os Pais da Igreja que trataram explicitamente do milenarismo em seus escritos. Por limitações de espaço, não será examinada toda a produção literária que defende essa doutrina, uma vez que o foco desta pesquisa é avaliar a suposta unanimidade escatológica entre os autores patrísticos.

4.1 ORIGEM E DECLÍNIO DO MILENARISMO

A obra de João não surgiu de forma isolada no cenário literário antigo. Entre o período de Daniel e os anos posteriores à redação do *Apocalipse*, desenvolveu-se uma intensa tradição apocalíptica. Esse movimento teve início em 167 a.C.,³⁷¹ durante a Revolta dos Macabeus, e estendeu-se até a Revolta de Bar Kokhba,³⁷² em 135 d.C. Ao longo desse intervalo histórico, formou-se um vasto conjunto de escritos apocalípticos de caráter apócrifo, como 1 Enoque, 2 Baruch e 4 Esdras, entre outros. Inserido nesse contexto literário e histórico, o *Apocalipse* de João apresenta-se como

³⁷¹ A sigla a.C. significa: antes de Cristo.

³⁷² Ver capítulo 5 do artigo. TAVARES, Samuel Pinheiro; SOUZA, Carolina Bezerra de. Cisão entre Judeus e Cristãos: panorama histórico de 70 a 135 d.C. **Tear Online**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 177–190, 2025. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/tear/article/view/3501>. Acesso em: 17 de novembro 2025.

uma obra coerente com sua época, o que contribui para uma compreensão interpretativa mais adequada.³⁷³

A expectativa messiânica foi disseminada pela influência do livro de Daniel e pelos judeus dispersos após o exílio babilônico, alcançando diversas culturas e regiões. A esperança de que viria uma era de prosperidade e justiça sobre a terra foi difundida de forma significativa entre os povos pagãos. Autores como Tácito, Suetônio e Josefo registram que era comum a crença de que um governante surgiria na Judeia para dominar o mundo inteiro. De forma semelhante, Confúcio mencionou a vinda de um monarca, enquanto Zoroastro garantiu o cumprimento dessa esperança.³⁷⁴

O conceito de um reino messiânico intermediário surgiu no pensamento apocalíptico judaico, que uniu duas perspectivas: a esperança nacional de restauração de Israel e a visão transcendental de uma transformação definitiva do mundo.³⁷⁵ O livro de *1 Enoque*, datado de mais de um século antes de Cristo, apresenta a expectativa de um período áureo literal ao término da História.³⁷⁶ O texto diz:

10 Então florescerão os justos e haverão de viver até gerarem mil filhos, e completarão em paz todos os dias da sua juventude e da sua velhice. Então toda a terra será cultivada com a Justiça, inteiramente plantada de árvores, e cheia de bênção. 11 Toda espécie de árvore boa será plantada sobre ela, igualmente videiras; e as videiras produzirão uvas em abundância. De todas as sementes que forem semeadas uma medida produzirá mil outras; e uma medida de olivas dará dez cubas de óleo. 12 Purifica a terra de todo ato de violência, de toda injustiça, de todo pecado e impiedade; elimina toda a impudícia que sobre ela se pratica! Todos os homens serão justos, todos os povos me prestarão honra e glória, e todos me adorarão. 13 A terra então ficará expurgada de toda maldade, de todo pecado, de toda praga, de todo tormento; e nunca mais mandarei sobre ela um dilúvio, ao longo de todas as gerações, por toda a eternidade.³⁷⁷

Uma estrutura escatológica semelhante, embora contendo diferenças relevantes, aparece em um texto apócrifo posterior conhecido como *4 Esdras*. A data provável da composição da obra é o primeiro século depois de Cristo.³⁷⁸ Nele, o messias governa por um período delimitado de quatrocentos anos, após o qual ocorre

³⁷³ RICHARD, Pablo. **Apocalipse: reconstrução da esperança**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 27–28.

³⁷⁴ THIESSEN, 1989, p. 366.

³⁷⁵ VIELHAUER, 2005, p. 534.

³⁷⁶ HORTON, 2016, p. 964.

³⁷⁷ LIVRO de Enoque, 2022, p. 317.

³⁷⁸ **VADEMECUM para o estudo da Bíblia**. Prefácio de J. A. Soggin. Apresentação de Paolo De Benedetti. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 21.

a destruição de toda a criação, inclusive do próprio messias. Somente depois desse colapso cósmico, seguido de um intervalo simbólico de sete dias, têm lugar a ressurreição dos mortos e o juízo final, culminando na instauração de um novo céu e de uma nova terra.³⁷⁹ O texto diz:

28 Pois meu Filho, O Messias, será revelado com aqueles que estão com ele e aqueles que permanecerem se regozijarão por quatrocentos anos. 29 E, depois destes anos, meu Filho, o Messias, morrerá, bem como todos que tiverem folego humano. 30 E o mundo retornará ao silêncio primevo por sete dias, como foi no princípio, para que ninguém seja deixado. 31 E, depois de sete dias, o mundo, que ainda não despertou, acordará e aquilo que é corruptível perecerá. 32 E a terra entregará os que dormem nela e o pó, aqueles que habitam silenciosamente nele. E as câmaras entregarão as almas que se comprometeram com elas. 33 E o Altíssimo será revelado no trono de juízo, a compaixão desaparecerá e a paciência se retirará. 34 Somente o juízo permanecerá, a verdade se sustentará e a fidelidade ficará mais forte. 35 E a recompensa se seguirá e será manifesta. Os atos de justiça despertarão e os atos de injustiça não dormirão. 36 Então o abismo de tormento aparecerá e se oporá ao lugar de descanso. E a fornalha do inferno será revelada e se oporá ao paraíso de prazeres.³⁸⁰

Da mesma forma, o *Apocalipse de Baruch* fala sobre o período messiânico. Foi escrito, provavelmente, entre os anos 70 e 135 da Era Cristã.³⁸¹ É possível notar um teor altamente nacionalista por parte do autor. O texto diz:

[...] "O que vai acontecer atingirá toda a terra; dessa forma, experimentá-lo-ão todos os que estiverem em vida. *Mas naquele tempo eu protegerei apenas aqueles que nesses dias se encontrarem neste país.* Uma vez cumprido aquilo que deve acontecer nos períodos do tempo, o Messias começará a sua revelação. Também Behemoth virá dos seus domínios, e Leviatã se levantará do mar; os dois imensos monstros marinhos por mim criados no quinto dia da criação, e que reservo para aqueles dias; eles servirão de alimento para todos os que sobreviverem. "Então a terra produzirá os seus frutos ao cêntuplo; numa cepa de videira haverá mil ramos, um ramo carregará mil racimos, e um racimo mil bagos, e um bago dará até quarenta litros de vinho. Os que sofreram fome comerão regamente, e a cada dia lhes estão reservadas novas maravilhas. "Pois de mim procederão ventos que trarão todas as manhãs o perfume de frutos saborosos, e farão gotejar ao final do dia o orvalho salvífico. Do alto cairá de novo grande quantidade de maná; dele comerão eles naqueles anos, por haverem participado do final dos tempos".³⁸²

Como Jesus, em Seu primeiro advento, não correspondeu a essa esperança de um governo temporal, muitos cristãos passaram a transferir o cumprimento dessa

³⁷⁹ HORTON, 2016, p. 964.

³⁸⁰ 4º Livro de Esdras, 2022, p. 628.

³⁸¹ CHARLES, 1896, introdução xvi.

³⁸² APOCALIPSE de Baruch, 2023, p. 31, grifo nosso.

promessa para o momento de Sua segunda vinda, quando acreditavam que o Messias finalmente estabeleceria o Seu reino.³⁸³

Segundo os registros históricos, o rabino Eliezer Ben Hyrcan, por volta do ano 90 d.C., teria sido o primeiro a mencionar a ideia de um reino messiânico com duração de mil anos. Em sua interpretação, cada dia da criação corresponderia a mil anos (Sl 90:4). Dessa forma, após seis mil anos de história humana, teria início o sétimo milênio, entendido como o reino do Messias.³⁸⁴ Eliezer é muito citado na Mishná; é possível que ele pertencesse ao grupo dos nazarenos, ou seja, que reconhecesse Jesus como o Messias, e “[...] foi um dos maiores dos cinco alunos do rabino Yochanan Ben Zakai, que foi discípulo de Hilel, o Grande”.³⁸⁵ Cerinto, que viveu em Éfeso no final do primeiro século,³⁸⁶ também aparece como um dos nomes mais antigos vinculados ao milenarismo.³⁸⁷

O cristianismo pós-apostólico se desenvolveu em torno do Mediterrâneo, região caracterizada por uma intensa diversidade cultural e religiosa. A Igreja foi sendo formada por indivíduos oriundos de diferentes crenças. Nesse processo, não houve um rompimento total com as tradições antigas; ao contrário, ocorreu uma fusão entre elementos da nova fé e aspectos das antigas convicções. Dessa interação, surgiram diferentes grupos dentro do cristianismo.

É possível identificar com relativa clareza quatro grupos principais no cristianismo primitivo³⁸⁸ (embora provavelmente houvesse outros), os quais se distinguem pelas ênfases atribuídas a determinadas doutrinas: o cristianismo judaico, o cristianismo apocalíptico, o cristianismo helenístico e o catolicismo primitivo.³⁸⁹

³⁸³ TIXERONT, Joseph. **History of Dogma**. St. Louis: B. Herder, 1910. p. 199.

³⁸⁴ POHL, Adolf. **Apocalipse de João II: comentário esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001. p. 231.

³⁸⁵ DERECH, Tsadok B. **A História do Rabino Eliezer Bem Hyrcanus: sábio talmúdico e nazareno**. Judaísmo Nazareno. 2020. Disponível em: <https://judaismnazareno.org/a-historia-do-rabino-eliezer-ben-hyrcanus-sabio-talmudico-e-nazareno/>. Acesso em: 09 de junho de 2024.

³⁸⁶ GONZALEZ, 2004, p. 130.

³⁸⁷ BERKHOF, 2021, p. 236; KELLY, 1994, p. 354.

³⁸⁸ Entende-se por cristianismo primitivo a igreja pós-apostólica que se desenvolveu após a morte da maioria dos apóstolos (considerando que o João do Apocalipse é o apóstolo João que morreu no final do século I) e após a destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 d.C.

³⁸⁹ DUNN, James. **Unidade e Diversidade no Novo Testamento: um estudo das características dos primórdios do cristianismo**. São Paulo: Editora Academia Cristã, 2009. p. 357–358.

Entretanto, é importante salientar que “[...] aquilo a que chamamos ‘cristianismo primitivo’ era bem mais complexo [...]”.³⁹⁰

Do cristianismo judaico originou-se a heresia dos ebionitas; eles defendiam a observância contínua da Lei mosaica e negavam a concepção virginal de Jesus, afirmando que Ele nascera de uma união natural entre José e Maria. Sua cristologia era adocionista, ou seja, acreditavam que Deus havia adotado Cristo no momento do batismo.³⁹¹ Irineu escreveu que eles “[...] praticam a circuncisão e continuam a observar a Lei e os costumes judaicos da vida e até adoram Jerusalém como se fosse a casa de Deus”.³⁹²

O cristianismo apocalíptico, profundamente marcado pela expectativa da Parousia e pela esperança escatológica, manteve o fervor do judaísmo messiânico e acabou influenciando o montanismo, movimento que se destacou pelo rigor ético e pelo entusiasmo profético diante do fim iminente.³⁹³ O surgimento do montanismo é geralmente situado por volta do ano 170.³⁹⁴ Os adeptos desse movimento esperavam que, muito em breve, Cristo retornaria para instaurar o reino milenar.³⁹⁵

Já o cristianismo helenístico, em seu diálogo com o pensamento filosófico e religioso do mundo grego, deu origem a diversas correntes gnósticas, caracterizadas pela crença em um conhecimento espiritual reservado a poucos e pela pretensão de alcançar um estado de perfeição interior.³⁹⁶

Por último, o catolicismo primitivo representou o esforço de unificar e definir os limites da fé cristã. Seu foco doutrinário estava na preservação da unidade e na rejeição de ensinamentos considerados desviantes, como os judaico-cristãos rígidos e os gnósticos. Essa corrente começou a consolidar estruturas de autoridade, formulando critérios de ortodoxia e comunhão. A doutrina do catolicismo primitivo enfatizava a continuidade apostólica, a fé comum e a interpretação normativa das Escrituras,

³⁹⁰ FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias**: séculos I–VII: conflitos ideológicos dentro do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995. p. 9.

³⁹¹ DUNN, 2009, p. 357–396.

³⁹² IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 108.

³⁹³ DUNN, 2009, p. 453–492.

³⁹⁴ DALEY, 1993, p. 18.

³⁹⁵ FRANGIOTTI, 1995, p. 55–57.

³⁹⁶ DUNN, 2009, p. 397–452.

preparando o caminho para a formação da Igreja nos séculos seguintes.³⁹⁷ Em outras palavras, as convicções herdadas de outras religiões e incorporadas à fé cristã, que não receberam aprovação, passaram a ser consideradas como heresias, como a ebionita, a gnóstica e a montanista. O catolicismo primitivo surgiu como reação a essas influências religiosas e buscou consolidar uma doutrina comum entre os cristãos.

É importante destacar que, em um contexto apocalíptico, uma alusão não conserva necessariamente o mesmo sentido e referência que possuía em seu mito de origem. As alusões bíblicas não devem ser compreendidas como meras reproduções literais de suas fontes. Ao contrário, elas reconfiguram temas e imagens, transpondo elementos literários de um contexto para outro. Nesse processo, criam novas analogias e conexões simbólicas, o que amplia e enriquece a força expressiva da linguagem.³⁹⁸ Por exemplo, é possível que o reino milenar descrito no capítulo 20 do *Apocalipse* de João seja uma alusão às expectativas judaicas do reino messiânico encontradas na literatura judaica precedente. Porém, ao utilizar essa imagem, João lhe atribui um novo sentido dentro do contexto cristão.

A inclusão do *Apocalipse* no Cânon pode ter ocorrido para possibilitar que a Igreja distinguisse os elementos válidos dos inadequados presentes nos movimentos apocalípticos populares. Essa decisão também funcionou como uma forma de conter expressões extremistas ligadas ao nacionalismo, à violência e à expectativa de uma chegada imediata do Messias.³⁹⁹

Mais importante do que identificar a origem do pensamento milenar é compreender a verdade teológica que João busca transmitir por meio de suas representações simbólicas. Embora o autor do *Apocalipse* se inspire na tradição profética e na literatura apocalíptica anterior e contemporânea, o ponto essencial está no significado que ele atribui ao símbolo, e não em suas possíveis fontes. A escolha de uma imagem tão complexa e sujeita a interpretações distorcidas pode ter sido deliberada, justamente por refletir um tema difundido em larga escala entre os cristãos de sua época. Nesse sentido, João parece utilizar o conceito de milênio não para

³⁹⁷ DUNN, 2009, p. 493–524.

³⁹⁸ COLLINS, John J. **A Imaginação Apocalíptica**: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010. p. 43.

³⁹⁹ RICHARD, 1996, p. 36–37.

legitimar o milenarismo corrente, mas para corrigir e reinterpretar essa crença. Sendo assim, em vez de introduzir o milenarismo no cristianismo, o capítulo 20 constitui antes uma reação crítica a ele, ao propor uma leitura teológica que transcende as expectativas de um reino terreno e temporal.⁴⁰⁰ Se essa tese de Corsini estiver correta, utilizar o *Apocalipse* 20 para fundamentar a doutrina pré-milenarista significaria inverter o propósito do texto.

O quiliasmo esteve presente no segundo século da Igreja por intermédio de Papias, Justino e Irineu, mas essa doutrina entrou em declínio no terceiro século. Segundo Hill, a rejeição não ocorreu por uma mudança hermenêutica, da literal para a alegórica, mas por um conjunto de fatores teológicos e eclesiais. Muitos líderes perceberam a incompatibilidade entre as expectativas judaicas de restauração terrena e a centralidade da obra consumada de Cristo. As concepções quiliastas de um estado intermediário no Hades também colidiam com a crescente afirmação de que os fiéis entram imediatamente na presença do Senhor após a morte. Além disso, a leitura literal das profecias veterotestamentárias levantou suspeitas por remeter a modelos pré-cristãos de esperança. Com a consolidação doutrinária e a influência de teólogos como Agostinho, formou-se uma escatologia que privilegiou a ressurreição final e a nova criação, tornando o milenarismo uma posição minoritária. Assim, seu declínio decorreu de uma reavaliação profunda da teologia cristã, e não de mera preferência interpretativa.⁴⁰¹

Os tópicos seguintes evidenciam que uma parte da igreja primitiva recebeu forte influência dos apocalipses judaicos apócrifos, o que levou vários autores a preservar a noção de um reino messiânico literal após a vinda de Cristo.

4.2 PAPIAS DE HIERÁPOLIS (130 D.C.)

O registro de Papias é um dos testemunhos mais antigos associado ao milenarismo. Embora Papias tenha nascido no primeiro século, seus escritos normalmente são datados por volta do ano 130. Entre os fragmentos preservados, há

⁴⁰⁰ CORSINI, 1984, p. 347–354.

⁴⁰¹ HILL, Charles E. **Why the Early Church Finally Rejected Premillennialism**. 2007. Disponível em: <https://www.modernreformation.org/resources/articles/why-the-early-church-finally-rejected-premillennialism>. Acesso em: 09 de dezembro de 2025.

um que descreve uma era de abundância, marcada por fertilidade extraordinária e plena harmonia na natureza.

4.2.1 Autor, local e data

É provável que Papias tenha vivido entre os anos 60/70 e 130/140 d.C. Atuou como bispo na cidade de Hierápolis, Ásia Menor, atual Turquia.⁴⁰²

O historiador da Igreja Eusébio de Cesareia registrou que:

Das obras de Papias conhecem-se livros intitulados Exegeses das palavras do Senhor, em número de cinco. Ireneu os menciona como constituindo os únicos escritos de Papias, nesses termos: “Papias, ancião, também ele ouvinte de João e companheiro de Policarpo, atestou por escrito no quarto de seus livros. De fato, existem cinco livros elaborados por ele”. Assim fala Ireneu.⁴⁰³

Dos cinco livros, restam apenas fragmentos,⁴⁰⁴ e a escrita desse material é datada em torno do ano 130 d.C.⁴⁰⁵ Ireneu, no final do século II, fundamentou suas expectativas milenaristas na autoridade de Papias.⁴⁰⁶

4.2.2 Milenarista

Segundo Ireneu, Papias escreveu:

“Virão dias em que crescerão videiras com dez mil cepas e sobre cada cepa dez mil ramos; sobre cada ramo dez mil rebentos; sobre cada rebento dez mil cachos; em cada cacho dez mil grãos; e de cada grão esmagado se farão vinte e cinco metretas de vinho. E quando algum dos santos for apanhar um cacho, outro lhe dirá: eu sou melhor, apanha-me e bendize ao Senhor por mim! Da mesma forma um grão de trigo produzirá dez mil espigas, cada espiga terá dez mil grãos e cada grão produzirá vinte e cinco libras de farinha pura. Também os outros frutos, sementes e ervas terão abundância igual, conforme a sua natureza; e todos os animais se servirão deste alimento, que receberão da terra, viverão em paz e harmonia entre si e estarão completamente submetidos aos homens”.⁴⁰⁷

⁴⁰² PAPIAS. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995. p. 321; QUASTEN, 1968, p. 91; LIGHTFOOT, J. B. **The Apostolic Fathers**. Edited and completed by J. R. Harmer. London: Macmillan and Co., 1912. p. 514.

⁴⁰³ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 166; IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 608.

⁴⁰⁴ ALTANER; STUIBER, 1988, p. 62.

⁴⁰⁵ QUASTEN, 1968, p. 91.

⁴⁰⁶ DALEY, 1993, p. 18; IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 607–608.

⁴⁰⁷ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 607; PAPIAS, 1995, p. 327.

Irineu argumenta que seu credo quiliasta “[...] pode ser confirmado pelo fato de que os *presbíteros* que conheceram pessoalmente João, o discípulo do Senhor, lembravam tê-lo ouvido referir o que o Senhor ensinava sobre estes tempos [...]”.⁴⁰⁸ Em seguida, ele descreve como seria esse período de fartura e harmonia (ver nota 407). Termina explicando que tudo isso “[...] *Pápia*,⁴⁰⁹ discípulo de João, amigo de Policarpo, homem venerável, atesta por escrito no seu quarto livro [...]”.⁴¹⁰

Uma dúvida que surge é se Irineu considerava Papias como um desses presbíteros que tiveram contato direto com o escritor do *Apocalipse*, ou se ele coloca Papias apenas como ouvinte dos presbíteros que conviveram com o vidente. Ramos-Lissón endossa a ideia de que Irineu situa Papias entre as testemunhas oculares do Apóstolo João.⁴¹¹ Alcañis vai na mesma direção e argumenta que, nos escritos de Irineu, só é citado um João, o Evangelista.⁴¹²

Entretanto, para Eusébio, essa interpretação é inadmissível.⁴¹³ Ele recorre a outros trechos das obras do bispo de Hierápolis e salienta que:

[...] Papias, no prefácio de seus livros, não se apresenta jamais como ouvinte ou espectador dos santos apóstolos, mas informa ter recebido os ensinamentos relativos à fé por meio dos que os haviam conhecido. Diz textualmente: 3. “Em teu favor, não hesitarei em aditar às minhas explanações o que aprendi outrora dos presbíteros e cuja lembrança guardei fielmente, a fim de corroborar a manifestação da verdade. Efetivamente, não aprecio os que falam muito, como acontece à maioria dos homens, e sim os que ensinam a verdade; nem junto dos que relembram preceitos estranhos, e sim junto dos que comemoram os mandamentos do Senhor impostos aos fiéis e nascidos da própria verdade. 4. No entanto, se vinha a determinado lugar algum dos companheiros dos presbíteros, informava-me sobre as palavras dos presbíteros: o que dissera André ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; o que dizem Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor. Não pensava serem tão úteis os ditos provenientes dos livros quanto o que deriva de uma palavra viva e permanente.” 5. Neste ponto, seria oportuno notar que Papias enumera duas vezes o nome de João, a primeira das quais entre Pedro, Tiago, Mateus e os outros apóstolos, e indica evidentemente o evangelista; quanto ao outro João, ele interrompe a enumeração e entre outros coloca-o, fora do número dos apóstolos. Aristion o precede e ele é designado claramente como presbítero. 6. Por conseguinte, as próprias palavras demonstram ser verdadeira a opinião de ter havido na Ásia dois homens com este nome, e existem, efetivamente, em Éfeso, dois túmulos que ainda agora são ditos túmulos de João. Importa dar atenção ao fato, pois é verossímil ter sido o segundo João, se não se quiser admitir que foi o primeiro, o vidente da

⁴⁰⁸ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 607, grifo nosso.

⁴⁰⁹ Papias.

⁴¹⁰ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 607, grifo nosso.

⁴¹¹ RAMOS-LISSÓN, 2016, p. 81.

⁴¹² ALCAÑIS; CASTELLANI, 1962, p. 107–108.

⁴¹³ RAMOS-LISSÓN, 2016, p. 81.

revelação transmitida sob o nome de João. 7. Papias, de quem nos ocupamos agora, reconhece ter recebido as palavras dos apóstolos por meio dos que com eles conviveram; declara, além disso, ter sido ele mesmo ouvinte de Aristion e do presbítero João. De fato, cita-os com frequência nominalmente em seus escritos, referindo as palavras que transmitiram.⁴¹⁴

Se o que Eusébio escreveu está correto, Papias não ouviu do próprio Apóstolo João sobre o milenarismo, mas do presbítero João. Nesse caso, Papias diferencia os discípulos do Senhor, que integraram o grupo dos Doze Apóstolos, daqueles que são mencionados como presbíteros, que foram discípulos dos Apóstolos.⁴¹⁵ É muito provável que, quando Eusébio escreveu essa observação, os livros de Papias estavam preservados e em circulação.

Há uma importância significativa em saber se o relato de Papias foi obtido de forma direta ou indireta. Uma coisa é defender uma doutrina com base no que ele realmente ouviu dos Apóstolos; outra, bem diferente, é sustentar um ensinamento recebido por meio de uma tradição secundária.

Eusébio destaca ainda que Papias teria escrito “[...] coisas que lhe teriam sido transmitidas por tradição oral, certas parábolas estranhas atribuídas ao Salvador, determinados ensinamentos esquisitos e outras coisas um tanto fabulosas”.⁴¹⁶ Essa observação revela a preferência de Papias pela tradição oral preservada pelas comunidades, já que, para ele, os escritos poderiam, em alguns casos, distorcer a verdade.⁴¹⁷

González afirma que “Papias ultrapassa as fronteiras entre o poético e o ridículo”.⁴¹⁸ Embora Papias tivesse a intenção de transmitir fielmente a tradição acerca da vida e dos ensinamentos de Cristo, acabou não obtendo êxito “[...] por falta de critério, e de discernimento na interpretação da doutrina”.⁴¹⁹ Pikaza vê uma inclinação de Papias para a tradição gnóstica dos evangelhos atribuídos a Filipe, Tomé e Tiago.⁴²⁰

⁴¹⁴ CESAREIA, 1995, p. 166–167.

⁴¹⁵ RAMOS-LISSÓN, 2016, p. 81.

⁴¹⁶ CESAREIA, 1995, p. 168.

⁴¹⁷ PIKAZA, 2023, capítulo I, sessão V, item 6.

⁴¹⁸ GONZALEZ, 2004, p. 81.

⁴¹⁹ INSUELAS, João Baptista Lourenço. **Curso de Patrologia**: história da literatura antiga da igreja. Braga: Escola Tipográfica das Oficinas de S. José, 1943. p. 44.

⁴²⁰ PIKAZA, 2023, capítulo I, sessão V, item 6.

A crença quiliasta de Papias nasceu em um contexto onde predominava uma visão apocalíptica judaica.⁴²¹ Nessas comunidades, os apocalipses deuterocanônicos de Esdras, Enoque, Baruch e Moisés tinham o mesmo valor que o livro de Daniel. Muitos ditos contidos nesses escritos foram posteriormente atribuídos a Jesus.⁴²² É provável que esse seja o caso do bispo de Hierápolis. Isso se torna evidente quando ele atribui aos discípulos e ao Senhor⁴²³ palavras que, na verdade, correspondem a trechos do *Apocalipse de Baruch*, nos quais aparece a descrição da extraordinária prosperidade da terra durante o reino messiânico.⁴²⁴

Por essa razão, alguns autores acreditam que “[...] Pápias haja apenas compilado, prevalentemente, escritos lendários e trechos de apocalipses judaico-tardios, oriundos do ambiente dos presbíteros da Ásia Menor, em lugar de genuínas tradições”.⁴²⁵ Essa hipótese encontra base na total ausência de qualquer referência a riquezas materiais, longevidade ou fertilidade da terra no *Apocalipse* de João. Todavia, essas imagens estão presentes em Jubileus e em Baruch.⁴²⁶ (ver tópico 4.1, parágrafos 3–5, 10 e 11).

Apesar de o *Apocalipse de Baruch* ser uma apologia judaica contra o cristianismo, acabou sendo preservado e usado mais pelos cristãos do que pelos judeus.⁴²⁷ Considera-se que a redação desse livro tenha ocorrido no final do século I, reunindo diversos autores e documentos independentes, compostos ao longo dos anos 50 a 90 d.C., período em que também se produziam os principais livros do Novo Testamento.⁴²⁸ Os autores pertenciam ao judaísmo ortodoxo.⁴²⁹ Para Charles, tanto o relato de Papias quanto o de Baruch derivam de uma mesma fonte, seja ela escrita ou oral, que ele considera a original e mais antiga.⁴³⁰

Em suma, o exame do fragmento de Papias confirma que ele está entre as primeiras vozes associadas ao milenarismo no cristianismo do segundo século. A

⁴²¹ HILL, 2001, p. 64.

⁴²² HARNACK, Adolph. **History of Dogma**. Vol. I. New York: Dover Publications, 1961. p. 168.

⁴²³ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 607.

⁴²⁴ HARNACK, 1961, p. 101.

⁴²⁵ ALTANER; STUIBER, 1988, p. 63.

⁴²⁶ ALLO, Ernest Bernard. **Saint Jean l'apocalypse**. Paris: J. Gabalda, 1921. introdução, LIV.

⁴²⁷ CHARLES, R. H. **The Apocalypse of Baruch**. London: A. & C. Black Publishers, 1896. prefácio viii–ix.

⁴²⁸ CHARLES, 1896, introdução xvi.

⁴²⁹ CHARLES, 1896, prefácio vii.

⁴³⁰ CHARLES, 1896, p. 54.

tradição preservada por ele apresenta um quadro de abundância material, renovação da criação e prosperidade extraordinária durante o reinado messiânico, aproximando-se das expectativas apocalípticas judaicas. No entanto, tudo indica que grande parte do material transmitido por Papias possui caráter lendário e reflete tradições orais populares ou interpretações influenciadas por escritos apocalípticos não canônicos, o que levanta sérias dificuldades quanto à confiabilidade histórica de seu quiliasmo. Dessa forma, o testemunho de Papias não oferece base sólida para a consolidação do milenarismo como tradição apostólica.

Sendo assim, a escatologia do bispo de Hierápolis não deve ser entendida como representante de um consenso escatológico, mas como expressão de uma corrente específica existente na Ásia Menor. Sua adesão ao milenarismo mostra que tal expectativa estava presente no segundo século. Contudo, sua dependência de tradições judaicas não canônicas impede que sua posição seja tomada como normativa ou universal entre os cristãos do período.

4.3 JUSTINO DE ROMA (150 D.C.)

Justino Mártir ocupou um lugar de destaque entre os apologistas gregos e tornou-se uma das vozes mais relevantes da produção cristã nos primeiros séculos. Sua obra *Diálogo com Trifão* é considerada uma das primeiras controvérsias registradas com o judaísmo, e há a possibilidade de que Trifão seja o mesmo rabino Tarfón citado na Mishná.⁴³¹

Seus escritos contêm detalhes que ajudam a compreender parte da expectativa escatológica do século II, abordando temas como milênio, juízo final e ressurreição.

Após Papias, Justino é o segundo autor a defender o milenarismo de maneira explícita. Sua produção literária foi composta em meados do segundo século.

⁴³¹ QUASTEN, 1968, p. 196–202.

4.3.1 Autor, local e data

Justino nasceu na antiga cidade bíblica de Siquém, que, naquele período, recebia o nome de Flávia Neápolis.⁴³² As datas exatas do seu nascimento e do seu martírio são incertas, mas algumas informações indicam que tenha vivido entre os anos 100 e 165.⁴³³

Dos escritos de Justino, apenas três chegaram até nós: as duas *Apologias*, redigidas em Roma e dirigidas ao imperador Antonino Pio, e o *Diálogo com Trifão*, composto em Éfeso. Essas obras foram escritas aproximadamente entre os anos 132 e 161.⁴³⁴

4.3.2 Milenarista

No *Diálogo com Trifão*, o debate sobre o milenarismo ganha profundidade quando o judeu apresenta uma pergunta que coloca Justino diante do núcleo dessa esperança escatológica. Trifão confronta a interpretação cristã sobre o futuro de Jerusalém e desafia Justino a explicar se sua expectativa de um reino messiânico literal possui fundamento ou se surge apenas como estratégia argumentativa. Trifão dirige a Justino a seguinte pergunta:

[...] vós realmente confessais que a cidade de Jerusalém será reconstruída e esperais que aí vosso povo irá reunir-se e alegrar-se com Cristo, com os patriarcas, os profetas e os santos de nossa descendência, e até com os prosélitos que viveram antes da vinda de vosso Cristo? Ou chegaste a essa conclusão somente para dar a impressão de que ganhavas de nós a todo custo na discussão?⁴³⁵

Justino lhe respondeu: “Antes já lhe confessei que *eu e muitos outros* sentimos dessa forma, de modo que sabemos absolutamente que assim acontecerá”.⁴³⁶ Porém, salientou “[...] que *há muitos cristãos*, de mentalidade pura e piedosa, que não

⁴³² GONZALEZ, 2004, p. 99.

⁴³³ PIKAZA, 2023, capítulo II, sessão II.

⁴³⁴ QUASTEN, 1968, p. 197–203.

⁴³⁵ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 235.

⁴³⁶ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 235, grifo nosso.

admitem essas idéias”.⁴³⁷ Ou seja, essa crença estava sendo questionada dentro do cristianismo.⁴³⁸

Porém, é essencial diferenciar os cristãos não quiliastas dos quais Justino fala positivamente daqueles que ele considera falsos cristãos, sobre estes, ele diz que:

[...] se chamam cristãos, mas *são realmente hereges* sem Deus e sem piedade, já te expliquei, ensinam apenas blasfêmias, impiedades e insensatez [...] Se vós encontrastes alguns que se dizem cristãos [...] mas atrevem-se a blasfemar contra o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, e dizem que *não há ressurreição dos mortos*, mas que no momento de morrer suas almas são recebidas no céu, não os considereis como cristãos.⁴³⁹

Depois, diz: “[...] eu e alguns outros cristãos de mentalidade correta não só admitimos a futura ressurreição da carne, mas também mil anos em Jerusalém reconstruída [...]”.⁴⁴⁰ Justino apresenta três grupos de cristãos em relação à esperança quiliasta: [1] o primeiro grupo, ao qual ele mesmo pertencia, cria tanto na ressurreição do corpo quanto em um reino de Cristo em Jerusalém que duraria mil anos; [2] o segundo grupo era composto por cristãos que igualmente confessavam a ressurreição corporal, mas não aguardavam um reino milenar; [3] o terceiro grupo, chamado por ele de pseudocristão, rejeitava a doutrina do milênio e da ressurreição do corpo. Segundo Harnack, Justino considerava o quiliasmo parte importante da ortodoxia, porém não via o segundo grupo como herege.⁴⁴¹ Por isso, alguns autores sugerem que no início da era pós-apostólica o milenarismo não era entendido como um marcador de ortodoxia ou de heresia, mas como uma posição teológica legítima, coexistente com outras interpretações consideradas aceitáveis no interior do pensamento cristão primitivo.⁴⁴²

Justino manifestou de maneira inequívoca sua crença em um milênio literal, fundamentando-a na autoria joanina do *Apocalipse* e escreveu que:

João, um dos apóstolos de Cristo, que, numa revelação que lhe foi feita, profetizou que os que tiverem acreditado em nosso Cristo passarão mil anos

⁴³⁷ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 235, grifo nosso.

⁴³⁸ CAMPENHAUSEN, 2010, p. 18.

⁴³⁹ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 235–236, grifo nosso.

⁴⁴⁰ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 236.

⁴⁴¹ HARNACK, 1961, p. 168.

⁴⁴² PELIKAN, 2014, p. 140; ALLISON, 2017, p. 818.

em Jerusalém e que, depois disso, viria a ressurreição universal e, dizendo brevemente, a ressurreição eterna e o julgamento de todos juntos.⁴⁴³

Justino foi o primeiro a expor de forma sistemática a doutrina do milênio, pois antes dele, nem Cerinto nem Papias deixaram informações suficientemente detalhadas que permitam a reconstrução completa da teologia de cada um. Ou seja, não é possível reconstruir o pré-milenismo histórico a partir dos fragmentos de Cerinto ou de Papias.

Porém, apesar de Justino sustentar seu quilianismo no *Apocalipse*, a afirmação de que o milênio seria um reino terreno em Jerusalém não se encontra em parte alguma do livro, nem mesmo no capítulo 20, que trata do milênio. João não menciona nada sobre Israel, Jerusalém e judeus.⁴⁴⁴ É possível supor, com isso, que, assim como Papias, Justino também tenha sido influenciado por tradições apocalípticas judaicas e, a partir delas, atribuído ao *Apocalipse* 20 elementos que não pertenciam ao pensamento de João.

O testemunho de Justino de Roma apresenta uma formulação clara e desenvolvida do milenarismo no cristianismo do século II. Embora Justino considerasse a posição quiliasta como representativa de muitos cristãos, ele admitiu explicitamente que havia outros, igualmente piedosos e ortodoxos, que não compartilhavam dessa expectativa. Em outras palavras, Justino descreveu, de forma inequívoca, a existência de cristãos que, em contraste com a posição dos quiliastas, não aguardavam a instauração de um reino literal milenar. Além disso, ele não informa a proporção entre os adeptos do milenarismo e aqueles que rejeitavam essa expectativa, nem afirma que um grupo superava numericamente o outro. Também não delimita com precisão a abrangência territorial de cada posição. A única indicação de caráter quantitativo presente em seu testemunho consiste na afirmação de que havia “muitos” cristãos em ambos os grupos. Essa admissão mostra indubitavelmente que, pelo menos no círculo de Justino, em meados do século II, o milenarismo não possuía caráter normativo nem majoritário, tampouco representava um consenso dentro da Igreja.

Embora Justino Mártir classificasse como pseudocristãos aqueles que negavam o milênio e a ressurreição corporal, ele deixa claro que a rejeição apenas do

⁴⁴³ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 237–238.

⁴⁴⁴ HOEKEMA, 2012, p. 235.

milênio literal não implicava heterodoxia. Esse cenário indica que o quiliasmo ocupava certo espaço, mas coexistia com outras interpretações escatológicas. A posição de Justino evidencia a presença tanto do milenarismo quanto de outras perspectivas, bem como a ausência de unanimidade nas questões escatológicas. Seu testemunho demonstra que, no período patrístico inicial, o debate sobre o reino ainda estava em formação e que o milênio não constituía, naquele momento, um elemento definidor da ortodoxia cristã.

4.4 IRINEU DE LYON (180 D.C.)

Irineu é reconhecido como a principal figura teológica da sua época. Seus escritos contêm informações de alta relevância sobre o cristianismo na segunda metade do século II. Sua atuação pastoral em Lyon e sua formação na Ásia Menor o colocam em contato direto com a tradição apostólica, algo que reforça o valor histórico de seus testemunhos. Além disso, sua obra oferece uma visão abrangente dos debates doutrinários do período, especialmente no que diz respeito ao enfrentamento das correntes gnósticas.

4.4.1 Autor, local e data

A data exata de seu nascimento permanece desconhecida, mas costuma ser situada entre os anos 130 e 160.⁴⁴⁵ Tudo indica que tenha vindo da Ásia Menor, provavelmente de Esmirna. Essa hipótese se apoia em seu próprio testemunho,⁴⁴⁶ pois escreveu que, quando era muito jovem, ouvia as pregações de Policarpo,⁴⁴⁷ bispo daquela cidade. Porém, acabou indo para a Gália.⁴⁴⁸ Em 177, ele foi enviado a Roma. Após seu retorno, a comunidade o escolheu como sucessor de Fotino, bispo de Lyon, que havia sofrido martírio. Irineu encerrou sua carreira como mártir em algum momento entre 200 e 208.⁴⁴⁹

⁴⁴⁵ QUAISTEN, 1968, p. 287; BOER, 2001, apêndice.

⁴⁴⁶ QUAISTEN, 1968, p. 287.

⁴⁴⁷ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 251.

⁴⁴⁸ QUAISTEN, 1968, p. 287.

⁴⁴⁹ DROBNER, 1994, p. 135; BOER, 2001, apêndice.

Sua obra *Contra as Heresias* foi escrita por volta do ano 180.⁴⁵⁰ Ele produziu outros escritos, dos quais alguns sobreviveram apenas em fragmentos. Contudo, a *Demonstração da Pregação Apostólica* também foi preservada; ela é “[...] uma síntese didática da obra *Adversus Haereses* [...]”.⁴⁵¹

4.4.2 Milenarista

Parte do quiliasmo desse autor já foi analisada em Papias, mas será apresentada novamente para organizar seu pensamento. Irineu inicia sua defesa a um milênio literal argumentando que, após a ressurreição, haverá a renovação da natureza e um período de descanso e abundância, no qual os justos receberão sua recompensa, e que:

Isto acontecerá nos tempos do reino, isto é, no sétimo dia que foi santificado quando Deus descansou de toda obra que tinha feito; o verdadeiro sábado dos justos, no qual não executarão nenhuma obra terrena, mas estarão diante de mesa preparada por Deus que os alimentará com todas as iguarias [...] Ora, a bênção de que se falava, sem dúvida se refere aos tempos do reino, em que reinarão os justos, depois de ter ressuscitado dos mortos, quando a criação, libertada e renovada, produzirá abundantemente toda espécie de alimentos, pelo orvalho do céu e a fertilidade da terra.⁴⁵²

Irineu usa três bases argumentativas para fundamentar seu milenarismo: a tradição, os profetas e os escritos apostólicos. Ele começa com a tradição e cita Papias, escrevendo que:

Isto pode ser confirmado pelo fato de que os presbíteros que conheceram pessoalmente João, o discípulo do Senhor, lembravam tê-lo ouvido referir o que o Senhor ensinava sobre estes tempos, com estas palavras: “Virão dias em que crescerão videiras com dez mil cepas e sobre cada cepa dez mil ramos; sobre cada ramo dez mil rebentos; sobre cada rebento dez mil cachos; em cada cacho dez mil grãos; e de cada grão esmagado se farão vinte e cinco metretas de vinho. E quando algum dos santos for apanhar um cacho, outro lhe dirá: eu sou melhor, apanha-me e bendize ao Senhor por mim! Da mesma forma um grão de trigo produzirá dez mil espigas, cada espiga terá dez mil grãos e cada grão produzirá vinte e cinco libras de farinha pura. Também os outros frutos, sementes e ervas terão abundância igual, conforme a sua natureza; e todos os animais se servirão deste alimento, que receberão da terra, viverão em paz e harmonia entre si e estarão completamente submetidos aos homens”. Eis o que Pápia, discípulo de João, amigo de Policarpo, homem venerável, atesta por escrito no seu quarto livro [...].⁴⁵³

⁴⁵⁰ DROBNER, 1994, p. 136.

⁴⁵¹ IRINEU DE LYON, 2014, p. 14–16.

⁴⁵² IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 606–607.

⁴⁵³ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 607–608.

A segunda argumentação, com base nos profetas, se inicia com Isaías.⁴⁵⁴ Ele apresenta os textos dos capítulos 11:6-9 e 65:25 para complementar o que acontecerá nesse tempo, descrevendo que:

“O lobo pastará com o cordeiro, o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leão e o novilho pastarão juntos e um menino pequeno os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos e juntas se deitarão as suas crias. O leão se alimentará de forragem como o boi. A criança de peito porá a mão na cova das serpentes, na cova dos seus filhotes, e não lhe farão mal e não poderão mais fazer morrer ninguém sobre a minha montanha santa”. E diz o mesmo, noutro lugar: “Os lobos e os cordeiros pastarão juntos e o leão comerá feno como o boi; para a serpente, a terra será como pão; não se fará mal nem violência no meu monte santo, diz o Senhor”.⁴⁵⁵

Irineu é exaustivo e continua justificando sua crença milenarista citando novamente Isaías 65:19-22,⁴⁵⁶ que fala:

“Regozizar-me-ei em Jerusalém, alegrar-me-ei em meu povo. Nela não se tornará a ouvir choro nem lamentação. Não haverá mais criancinhas que tenham morte prematura nem velhos que não completem o seu tempo. Os jovens terão cem anos e o pecador ao morrer aos cem anos será amaldiçoado. Construirão casas e eles mesmos as habitarão; plantarão vinhas e eles mesmos comerão seus frutos e beberão seu vinho. Já não construirão para que outro habite a sua casa, não plantarão para que outro coma o fruto, pois a duração dos dias de meu povo será como os dias da árvore da vida; consumirão eles mesmos o fruto do trabalho de suas mãos”.⁴⁵⁷

Além dos textos de Isaías, ele cita também Ezequiel e Jeremias, mostrando que haverá a ressurreição física e o retorno de Israel para viver pacificamente em Jerusalém.⁴⁵⁸

A terceira e última argumentação é baseada no *Apocalipse* e no Evangelho de João 5:25-29.⁴⁵⁹ Ele escreveu que:

[...] João previu de forma precisa a primeira ressurreição, que é a dos justos, e a herança da terra que se deve realizar no reino, de pleno acordo com o que os profetas já tinham profetizado acerca desta ressurreição. E é exatamente também o que o Senhor ensinou, quando prometeu beber a nova taça com os discípulos, no reino. Também quando disse: “Virão dias em que os mortos que estão nos sepulcros ouvirão a voz do Filho do homem e ressuscitarão para a vida os que tiverem praticado o bem e os que tiverem feito o mal ressuscitarão para a condenação”. Com estas palavras afirma que

⁴⁵⁴ Is 11:6–9; 65:25. IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 608, nota 139.

⁴⁵⁵ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 608.

⁴⁵⁶ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 612, nota 144.

⁴⁵⁷ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 612.

⁴⁵⁸ Is 26:19; Ez 37:12–14; 28:25–26; Jr 16:14–15; 23:7–8. IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 608, nota 140.

⁴⁵⁹ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 618, nota 153.

os que tiverem feito o bem serão os primeiros a ressuscitar para ir no lugar do repouso e que em seguida ressuscitarão os que devem ser julgados.⁴⁶⁰

Concluiu a exposição de sua crença no quiliasmo com as seguintes palavras:

[...] a consumação deste mundo realizar-se-á no sexto dia, isto é, no sexto milênio. Haverá depois o sétimo dia, o dia do repouso, acerca do qual Davi diz: “Este é o lugar do meu repouso e os justos entrarão aí”; este sétimo dia é o sétimo milênio, o do reino dos justos em que os justos se prepararão para a incorruptibilidade após o que será renovada a criação por meio daqueles aos quais foi reservada esta tarefa.⁴⁶¹

Irineu criticou alguns cristãos que aplicavam “[...] estes textos de maneira metafórica àqueles homens selvagens, que, provindo de povos diversos e dedicados a ocupações de toda espécie, abraçaram a fé e vivem de acordo com os justos”.⁴⁶² Ou seja, alguns cristãos interpretavam de forma alegórica as profecias que Irineu aplicava ao milênio, entendendo-as não como uma realidade futura literal, mas como uma metáfora da transformação espiritual que o evangelho operava na vida das pessoas. Contra esses, ele disse o seguinte: “E para que não se pense que esta promessa se refere ao tempo presente, foi dito ao profeta: ‘Tu, vem, para receber a tua parte, no fim dos dias’”.⁴⁶³ Segue argumentando que:

Se alguns quiserem interpretar estas profecias em sentido alegórico não chegarão a acordo entre si sobre todos os pontos e serão refutados pelas próprias palavras [...] Todas estas profecias se referem, sem contestação, à ressurreição dos justos, que se realizará depois do advento do Anticristo e da eliminação de todas as nações submetidas à sua autoridade, quando os justos reinarão sobre a terra, aumentarão pela aparição do Senhor e se acostumarão, por ele, a participar da glória do Pai e, com os santos anjos, participarão da vida, da comunhão e da unidade espirituais, neste reino.⁴⁶⁴

O bispo de Lyon desenvolveu uma argumentação que, por um lado, apoia seu milenarismo e, por outro, contesta aqueles que, por meio de um método alegórico, interpretam as profecias de forma simbólica e, por essa razão, não aguardam um milênio futuro nessa terra nem a ressurreição do corpo.

O primeiro recurso retórico que Irineu usou para defender sua posição foi o apelo à tradição, apresentando Papias como o guardião do ensino milenarista que, segundo ele, foi transmitido pelos apóstolos. Porém, tudo indica que a tradição

⁴⁶⁰ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 618.

⁴⁶¹ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 618.

⁴⁶² IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 608.

⁴⁶³ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 611.

⁴⁶⁴ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 612–613.

recebida e repassada por Papias não foi apenas a cristã, mas também a judaica (ver tópico 4.2.2). Irineu descreveu seu milenarismo de forma bem estruturada, com duas ressurreições, um período literal de mil anos numa Jerusalém restaurada e, ao final, a ressurreição dos ímpios, seguida da renovação de todas as coisas.⁴⁶⁵ Porém, o trecho de Papias citado por Irineu não menciona duas ressurreições, muito menos mil anos.⁴⁶⁶ Ou seja, Irineu não apresentou elementos que permitam afirmar, sem margem para dúvida, que Papias descreveu um milênio conforme o milenarismo do século II.

Como os livros de Papias se perderam e apenas fragmentos foram preservados, não é possível verificar diretamente a natureza exata da escatologia defendida por ele. Essa lacuna levanta as seguintes questões:

1) até que ponto o relato preservado por Irineu reflete a perspectiva original de Papias? Em outras palavras, será que o reino messiânico de Papias realmente se assemelha ao de Irineu, com duas ressurreições distintas e um período literal de mil anos?

2) em que medida é possível supor que Irineu tenha interpretado Papias conforme a sua própria concepção do milênio? Em outros termos, será que Papias, ao descrever o reino messiânico segundo a expectativa judaica, foi interpretado erroneamente por Irineu como se estivesse se referindo ao milênio descrito no *Apocalipse* 20 de João?

Se a hipótese de que Papias se baseou no apocalipticismo judaico estiver correta, o que mais ele pode ter assimilado dessa tradição? O *Apocalipse de Baruch* rejeita a ideia de um reino messiânico meramente terreno.⁴⁶⁷ Para ele, após a ressurreição geral dos justos e dos ímpios, os que guardam a lei viverão no mundo celestial, enquanto os ímpios passarão pelo julgamento.⁴⁶⁸ Em nenhum lugar Baruch fala que o governo do ungido duraria mil anos, apenas o descreve como um período

⁴⁶⁵ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 601–619.

⁴⁶⁶ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 607–608.

⁴⁶⁷ PIÑERO, Antônio. **Los Apocalipsis**: 45 textos apocalípticos apócrifos judíos, cristianos y gnósticos. Madrid: EDAF, 2007. p. 105.

⁴⁶⁸ LIED, Liv Ingeborg. Recognizing the Righteous Remnant? Resurrection, Recognition and Eschatological Reversals in 2 Baruch 47–52. In: SEIM, Turid Karlsen; ØKLAND, Jorunn (org.). **Metamorphoses**. v. 1, p. 311–335. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2009. p. 316.

de paz e prosperidade.⁴⁶⁹ Nem o livro de *1 Enoque* delimita a duração do reino.⁴⁷⁰ Somente o livro de *4 Esdras* fala sobre o tempo que duraria o domínio do Messias: quatro séculos.⁴⁷¹

Em contraste com o reino messiânico dos apócrifos judaicos e dos milenaristas cristãos do século II, no capítulo 20 do *Apocalipse* não há qualquer referência a um mundo renovado, com fertilidade da terra e paz entre as nações. Segundo João, a transformação da natureza ocorrerá somente após o milênio, ou seja, nos capítulos 21 e 22, que falam sobre o novo céu e a nova terra. Segundo Corsini, o autor do *Apocalipse* escreveu o capítulo 20 com o propósito de reinterpretar a concepção judaica de reino⁴⁷² que começava a influenciar o cristianismo. Contudo, parece que os milenaristas não perceberam essa intenção e acabaram atribuindo ao texto um sentido oposto ao pretendido por João, aproximando-o novamente da noção de reino encontrada no judaísmo.

Em relação à tradição, por que Irineu não citou Cerinto para defender a antiguidade do milenarismo? Caio de Roma, na primeira metade do século III,⁴⁷³ escreveu que Cerinto era “[...] inimigo das Escrituras de Deus, afirmava, no intuito de enganar, que haverá mil anos [...]”.⁴⁷⁴ Dionísio de Alexandria, em meados do século III,⁴⁷⁵ registrou que Cerinto ficou conhecido por ter sido o “[...] autor da heresia chamada cerentiana [...] O essencial de seu ensinamento é este: O reino de Cristo será terrestre”.⁴⁷⁶ Porém, ao expor a doutrina de Cerinto, Irineu não mencionou o milenarismo como um dos componentes que pertenciam a ela.⁴⁷⁷ Entretanto, Eusébio salienta dois pontos importantes que não se encontram em Irineu: primeiro, que Cerinto sustentava a crença em um reino literal de mil anos após a ressurreição; segundo, que o quiliasmo é apresentado como elemento integrante da heresia cerentiana.⁴⁷⁸ Hill faz uma análise de Cerinto e Marcião e conclui que a teologia de

⁴⁶⁹ APOCALIPSE de Baruch, 2023, p. 31.

⁴⁷⁰ LIVRO de Enoque, 2022, p. 317.

⁴⁷¹ 4º Livro de Esdras, 2022, p. 628.

⁴⁷² CORSINI, 1984, p. 347–354.

⁴⁷³ HILL, 2001, p. 69.

⁴⁷⁴ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 152.

⁴⁷⁵ FELTOE, Charles Lett (ed.). **The letters and other remains of Dionysius of Alexandria.** Cambridge: Cambridge University Press, 1904. General introduction xiii.

⁴⁷⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 152.

⁴⁷⁷ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 107–108.

⁴⁷⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA, 1995, p. 151–152, 373–374.

ambos é semelhante e a resume da seguinte forma: para eles existiam dois Deuses: um é o Deus Criador dos judeus e o outro é o Deus Supremo. Cada um possui seu próprio Messias. Jesus seria o Messias do Deus Supremo, que já veio, enquanto o Deus Criador dos judeus ainda enviaria seu Messias, que restauraria a terra, o templo e Israel, projetando para o futuro expectativas messiânicas judaicas que não se cumpriram em Jesus.⁴⁷⁹ Se a observação de Hill estiver certa, fica evidente que o milenarismo de Cerinto se fundamenta em princípios heterodoxos, motivo pelo qual suas ideias foram consideradas heréticas. A ausência de Cerinto na argumentação de Irineu pode ser explicada por diferentes hipóteses. Em primeiro lugar, é possível que Irineu não tivesse conhecimento pleno da escatologia de Cerinto. Em segundo lugar, é possível que Irineu concordasse com o milenarismo de Cerinto, mas tenha evitado citá-lo para não dar a impressão de que apoiava o restante da teologia cerentiana. Em terceiro lugar, mesmo admitindo eventual concordância pontual no campo escatológico, Irineu poderia ter deliberadamente recusado apoiar a antiguidade da tradição milenarista em uma figura reconhecida como herege, preservando assim a coerência entre conteúdo doutrinário e autoridade eclesial. Por último, é possível que os pressupostos milenaristas de Irineu não fossem os mesmos de Cerinto; ainda que ambos falassem de um reino terrestre, o fundamento teológico poderia ser diferente; nesse caso, Irineu não o citou porque não via verdadeira concordância, mas apenas semelhança externa. Há outras razões que podem explicar essa omissão, mas nenhuma delas pode ser comprovada, são apenas explicações possíveis. No entanto, permanece o fato de que a associação entre a heresia cerentiana e o milenarismo surge apenas de forma tardia, em contexto de oposição ao milenarismo.

Irineu também não citou Policarpo, discípulo do apóstolo João, para defender o milenarismo, mas recorreu a Papias, que, segundo Eusébio, não teve contato direto com os apóstolos. No entanto, a ausência de Policarpo nessa argumentação parece decorrer de outra razão. Irineu afirmou ter ouvido Policarpo pessoalmente quando ainda era jovem, mas não falou ter sido testemunha ocular de Papias. Se o bispo de Esmirna, discípulo de João, tivesse ensinado o milenarismo, é razoável supor que Irineu o tivesse citado. Referenciar Policarpo conferiria muito mais peso à doutrina quiliasta do que recorrer a Papias, pois estabeleceria uma ligação direta entre os

⁴⁷⁹ Hill, 2001, p. 71–72.

apóstolos e a transmissão do milenarismo, a menos que Irineu realmente acreditasse que Papias tivesse tido contato direto com João, o autor do *Apocalipse*, o que colocaria Papias em pé de igualdade com Policarpo. O fato é que em nenhum momento Irineu estabelece qualquer relação entre Policarpo e o milenarismo. Com base nisso, o testemunho de Irineu sugere que o quilianismo não fazia parte da teologia do mártir de Esmirna.

4.4.3 Quem eram os hereges combatidos por Irineu?

Peters observa que as descrições de Justino e de Irineu organizam os cristãos em três categorias claramente diferenciadas: [1] a primeira correspondia aos que afirmavam a ressurreição e o milênio; [2] a segunda envolvia os cristãos que aguardavam a ressurreição, mas negavam o milênio; [3] a terceira reunia aqueles considerados hereges, que rejeitavam tanto a ressurreição quanto o milênio.⁴⁸⁰

Porém, ao analisar cuidadosamente os textos de Justino e Irineu, parece haver uma diferença entre a descrição feita por Justino e a realizada por Irineu. No capítulo sobre Justino (ver tópico 4.3.2, parágrafo 3), foi visto que havia três grupos de cristãos: [1] o primeiro, ao qual ele pertencia, esperava tanto o milênio quanto a ressurreição; [2] o segundo era composto por cristãos que também criam na ressurreição, mas não esperavam um milênio; [3] o terceiro era formado, segundo ele, por hereges que não aguardavam nem o reino nem a ressurreição. Porém, Irineu escreveu que:

[...] há alguns, julgados como ortodoxos, que passam por cima da ordem com que os justos hão de progredir e ignoram os passos graduais para a incorruptibilidade. Estes têm em si pensamentos heréticos — com efeito, os hereges, ao desprezar a obra modelada por Deus, ao *não aceitar a salvação de sua carne*, menosprezando a promessa de Deus e ultrapassando completamente, com a sua mente, a Deus, afirmam que logo depois da sua morte subirão acima dos céus, acima até do próprio Criador, para irem junto à Mãe ou ao Pai que eles inventaram. — Por que nos devemos admirar se os *que rejeitam toda ressurreição* e, pelo que está em seu poder, a eliminam, não conhecem a ordem com que se realizará esta ressurreição?⁴⁸¹

Ou seja, Irineu faz uma diferenciação em apenas dois segmentos, que correspondem aos grupos 1 e 3 de Justino; são eles: [1] o grupo ao qual Irineu pertencia, que cria

⁴⁸⁰ PETERS, G. H. N. **The Theocratic Kingdom**. Vol. I. New York; London: Funk & Wagnalls, 1884. p. 482–483.

⁴⁸¹ IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 601, grifo nosso.

tanto na ressurreição quanto no milênio; [3] o outro é o dos hereges, que não acreditava nem na ressurreição física nem no milênio. Mas quem era esse outro grupo combatido por Irineu, e quais eram suas crenças?

Irineu se empenhou em refutar as doutrinas gnósticas, produzindo longos tratados nos quais apresenta uma análise rigorosa e uma crítica detalhada às suas especulações fantasiosas.⁴⁸² O gnosticismo cristão sustentava a impossibilidade de o ser humano conhecer e se relacionar diretamente com o Deus Supremo. Afirmava que o mundo foi criado por uma divindade inferior e que Cristo apenas aparentava ser uma pessoa humana, sendo concebido como não sendo o Deus Supremo nem um homem em sentido pleno. Negava a morte e a ressurreição de Cristo. Para os crentes gnósticos, apenas um grupo limitado, composto por indivíduos considerados espirituais, tinha acesso à salvação.⁴⁸³ Eles dividiam a realidade em dois mundos: de um lado, o material e mau; do outro, o espiritual e bom. Apenas o elemento espiritual do ser humano poderia alcançar a salvação. A redenção aconteceria quando, através da morte, a alma se libertaria do corpo e retornaria ao mundo espiritual. Por essa razão, crer que após a morte a alma volta ao corpo material, considerado desprezível, é absurdo e não corresponde à filosofia gnóstica. Irineu, em oposição a essa visão, afirmava que a salvação não consiste em escapar do mundo material, mas no fato de Deus vir ao mundo para habitar entre os seres humanos.⁴⁸⁴

Irineu lutava contra a “[...] tendência gnóstica de diluir a escatologia cristã no mito da ascensão e volta da alma para Deus”.⁴⁸⁵ Para garantir a autenticidade da sua crença, ele utilizou o testemunho dos primeiros cristãos sobre o milenarismo, a tal ponto de considerar suspeitos de heresia aqueles que não aceitavam essa doutrina. Sua defesa enfática do milênio surgiu como resposta e contraposição ao gnosticismo, que negava a redenção do corpo físico e, por isso, rejeitava a esperança de um reino futuro e material.⁴⁸⁶

Ou seja, a distinção estabelecida por Irineu não reproduz exatamente a tipologia tripartida apresentada por Justino, mas opera sobretudo a partir de uma

⁴⁸² QUAISTEN, 1968, p. 288.

⁴⁸³ BOER, 2001, capítulo V.

⁴⁸⁴ FRANGIOTTI, 1995, p. 34–35.

⁴⁸⁵ KELLY, 1994, p. 354.

⁴⁸⁶ PADOVESE, Luigi. **Introdução à Teologia Patrística**. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 91–92.

polarização entre ortodoxos e hereges. Os principais alvos de sua crítica são aqueles que rejeitam a ressurreição corporal e defendem uma escatologia de caráter espiritualizante, típica das correntes gnósticas. Isso levanta uma questão relevante: o grupo que, segundo Justino, afirmava a ressurreição, mas rejeitava o milênio, estaria incluído entre os ortodoxos de Irineu ou simplesmente não constitui o foco de sua argumentação nesse contexto? A análise sugere que a preocupação central de Irineu, ao menos nesse trecho, não é a defesa do milenarismo em si, mas a afirmação da ressurreição corporal em oposição à escatologia gnóstica. Para fundamentar essa posição, ele recorreu à doutrina quiliasta.

Sendo assim, é possível concluir que Irineu direcionou sua crítica apenas aos cristãos gnósticos, que afirmavam não haver “[...] ressurreição dos mortos, mas que no momento de morrer suas almas são recebidas no céu [...]”.⁴⁸⁷ Logo, esses cristãos citados por Irineu, que adotavam uma leitura alegórica dos textos, não correspondem aos mesmos mencionados por Justino [2], que acreditavam na ressurreição, mas negavam o milenarismo, pois o Mártir romano atribuiu a eles uma “[...] mentalidade pura e piedosa [...]”.⁴⁸⁸ Tudo indica que os hereges citados por Irineu são os mesmos descritos por Justino [3] como “[...] hereges sem Deus e sem piedade [...] [pois] [...] ensinam apenas blasfêmias, impiedades e insensatez [...]”.⁴⁸⁹

Irineu manifestou, de forma inequívoca, sua adesão ao milenarismo. Ao mesmo tempo, reconheceu que havia cristãos que não aceitavam a ideia de um reino literal de Cristo e que, portanto, diferiam da sua posição quiliasta. Para ele, esses opositores integravam um setor específico da cristandade, formado por hereges de matriz gnóstica, que negavam a ressurreição corporal e, por consequência, rejeitavam o reino milenar. Isso evidencia que parte da cristandade não acreditava na existência de um milênio literal na terra com duração de mil anos ao final dos tempos. Embora a motivação desse grupo possa ser questionada por sua fundamentação gnóstica, o fato permanece: havia comunidades cristãs que rejeitavam o quiliasmo. Essa informação contradiz o senso comum repetido na internet e em algumas obras.

⁴⁸⁷ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 236.

⁴⁸⁸ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 235.

⁴⁸⁹ JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 235–236.

Em um dos debates apresentados na rádio Musical, foi afirmado que o amilenismo teria surgido a partir de um herege chamado Ticônio.⁴⁹⁰ Com base nesse mesmo princípio argumentativo, alguém poderia sustentar que o milenarismo integrava a fé ortodoxa e que apenas os hereges o rejeitavam. Consequentemente, quem hoje rejeita o milenarismo estaria adotando a doutrina de grupos considerados heréticos na igreja primitiva. Porém, ao que parece, o grupo mencionado por Irineu, composto por cristãos gnósticos, apresentava diferenças significativas em relação ao segmento não quiliasta descrito por Justino. É improvável que o mártir romano tenha dito que esses cristãos possuíam uma “mentalidade pura e piedosa”, sabendo que eles negavam a ressurreição. Tudo indica que um desses grupos fosse formado por cristãos que simplesmente não criam no milênio após a segunda vinda. Essa diferença mostra que a ausência de adesão ao milênio não era necessariamente sinal de heresia, e que se deve cautela ao afirmar que o quilianismo integrava a fé ortodoxa de modo uniforme. Essa constatação reforça o fato de que, embora a posição de Irineu fosse significativa e representasse uma corrente importante, ela não pode ser tomada como expressão de um consenso universal dentro da igreja primitiva.

A obra de Irineu evidencia a presença de um milenarismo vigoroso, mas também a coexistência de outras perspectivas escatológicas. Isso contribui para demonstrar que, no século II, a interpretação cristã sobre o milênio era caracterizada pela diversidade e não pela unanimidade.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida no capítulo 4 demonstrou que o milenarismo esteve presente no cristianismo primitivo, sendo defendido sistematicamente por alguns autores, como Justino Mártir e Irineu de Lyon. Esses testemunhos confirmam que a expectativa de um reino messiânico futuro, com duração limitada e caráter terreno, integrou o horizonte escatológico de certos círculos cristãos do século II.

No que diz respeito à origem do quilianismo, esta pesquisa aponta que o milenarismo cristão parece ter se desenvolvido em círculos de origem judaica, dialogando intensamente com o imaginário apocalíptico presente em textos como o

⁴⁹⁰ SEZAR CAVALCANTE, 2023.

Livro de Enoque, o 4º *Livro de Esdras* e o *Apocalipse de Baruch*. Essa constatação reforça a hipótese de que o milenarismo cristão primitivo resultou de um processo de recepção e reelaboração de concepções escatológicas anteriores, reinterpretadas à luz da fé cristã. Em contraste com esse pano de fundo judaico-apocalíptico, é possível supor que João tenha elaborado o capítulo 20 do *Apocalipse* com o propósito de reorientar a compreensão da era messiânica, afastando-a da expectativa judaica de um domínio político e conduzindo-a para uma interpretação de caráter essencialmente espiritual. Essa releitura, que caminha em direção oposta às expectativas judaicas mais literais, pode ajudar a explicar por que o cristianismo católico, de forma progressiva, acabou por se afastar do milenarismo.

A existência de cristãos não milenaristas é atestada tanto por Justino quanto por Irineu. Ao mesmo tempo que esses autores expuseram o milenarismo, deixaram explícito o fato de que havia outros cristãos que não aceitavam essa doutrina. Além disso, o capítulo evidenciou que o milenarismo não funcionava como critério de ortodoxia. Mesmo entre autores que o defendiam, não há indícios de que essa expectativa fosse tratada como elemento essencial da fé cristã ou como parâmetro para a exclusão de posições divergentes. A oposição ferrenha de Irineu àqueles que negavam a literalidade de certas profecias veterotestamentárias, por ele identificados como heréticos, dirigiu-se fundamentalmente à refutação do sistema gnóstico, e não especificamente à contestação do amilenarismo. O testemunho histórico confirma que o quiliasmo coexistiu, desde suas origens, com outras correntes de interpretação escatológica no interior da Igreja.

Por fim, a investigação do capítulo reforça a conclusão de que o cristianismo primitivo se caracterizou por uma pluralidade escatológica. O milenarismo foi uma das possibilidades interpretativas disponíveis, defendida por autores relevantes, mas nunca uma posição unânime ou normativa. Esse dado é fundamental para a avaliação crítica das afirmações que projetam sobre a patrística inicial uma homogeneidade doutrinária que não encontra respaldo nas fontes.

5 CONCLUSÃO

Esta dissertação partiu de um problema de pesquisa claramente delimitado: verificar se existiu unanimidade doutrinária entre os Pais da Igreja dos séculos I e II quanto à interpretação do reino milenar descrito em *Apocalipse* 20. Tal questão tornou-se relevante diante da ampla circulação, especialmente em ambientes digitais e em parte da literatura teológica em língua portuguesa, da afirmação de que todos os cristãos do período pós-apostólico aguardavam um milênio literal após a segunda vinda de Cristo. Todavia, mesmo uma investigação preliminar revelou contradições nas informações sobre o tema, o que evidenciou a necessidade de recorrer às fontes primárias para uma análise mais rigorosa. A pesquisa buscou avaliar essa afirmação à luz das evidências disponíveis, examinando detalhadamente os escritos patrísticos. Constatou-se que alguns poucos escritos claramente milenaristas acabam sendo tomados como referência para sustentar que todos os demais autores, inclusive aqueles que silenciam completamente sobre o tema, compartilhavam a mesma crença. Esse procedimento metodológico incorre em uma generalização indevida, pois transforma posições particulares em norma universal, ignorando o peso do silêncio, da diversidade e das diferentes raízes teológicas presentes no cristianismo dos séculos I e II.

O objetivo geral consistiu em analisar alguns escritos patrísticos que apresentam dados escatológicos, a fim de verificar em que medida esses autores sustentaram ou não uma expectativa milenar. De modo complementar, a pesquisa buscou investigar a possível origem dessa crença nos casos em que ela aparece de forma explícita, bem como avaliar se a alegada unanimidade doutrinária encontra respaldo nos documentos dos séculos I e II. Os resultados obtidos permitem afirmar que tais objetivos foram plenamente alcançados e a resposta aponta para um sentido oposto ao senso comum: o entendimento sobre o milênio não era unânime. Além do mais, ficou evidente que, ao contrário do que é dito em alguns círculos, grande parte dos documentos mais antigos não traz consigo a expectativa quiliasta.

Na fase inicial da investigação, contida no capítulo 2, realizou-se uma varredura na internet com o objetivo de identificar como os Pais da Igreja e o tema do milênio são apresentados em diferentes meios de comunicação, incluindo YouTube, sites e

blogs. Constatou-se que a maioria desses espaços difunde a ideia de que, nos dois primeiros séculos da cristandade, predominava exclusivamente a crença milenarista. Posteriormente, buscou-se examinar a literatura em língua portuguesa e ficou constatado que é ela quem sustenta essa ideia amplamente divulgada nos espaços virtuais. Observa-se que parte significativa dos estudiosos que sustentam essa narrativa recorre a afirmações não verificadas nas fontes primárias da Igreja antiga, revelando uma vulnerabilidade metodológica marcada pela dependência de tradições interpretativas já consolidadas. Tal fragilidade torna-se evidente na generalização de que todos os Pais da Igreja teriam sido milenaristas, uma afirmação que se perpetua mais pela força da repetição do que pela consistência histórica. Tal prática evidencia uma epistemologia teológica limitada, na qual o conhecimento é produzido dentro de círculos restritos de leitura. O resultado é a formação de uma bolha teológica, caracterizada pelo fechamento autorreferencial e pela escassa abertura ao diálogo interconfessional. Esse cenário compromete a integridade da investigação teológica. Ao substituir o exercício crítico pela reprodução acrítica de discursos, a teologia abdica de sua vocação de busca pela verdade e se converte em discurso restrito, incapaz de transcender os horizontes do próprio meio. Isso fica evidente pela existência de materiais, também disponíveis em língua portuguesa, que rejeitam a alegada unanimidade escatológica entre os primeiros cristãos, o que aponta para o desconhecimento desses estudos ou para uma opção deliberada por ignorá-los. Em suma, para que a pesquisa teológica mantenha sua legitimidade, foi indispensável recorrer às fontes primárias, confrontar diferentes tradições interpretativas e adotar uma epistemologia aberta ao diálogo.

O capítulo 2 evidenciou que um determinado número de pesquisadores afirmou a existência de uma unanimidade ou quase totalidade em relação ao milenarismo, enquanto outra parcela negou tal consenso. Outro ponto relevante é que não há acordo entre os estudiosos acerca de quais Pais da Igreja eram milenaristas ou não. As listas apresentam variações significativas, coincidindo apenas nos nomes de Papias, Justino, Irineu e Tertuliano, que representavam apenas uma fração da cristandade primitiva. Ademais, observam-se divergências relevantes tanto em relação ao período em que o milenarismo teria predominado quanto à origem do amilenarismo. Esse quadro revelou a falta de definição sobre a adesão milenarista entre os primeiros Pais da Igreja.

O capítulo 3 concentrou-se na análise dos Pais da Igreja que não manifestam uma expectativa milenar ou que apresentam elementos incompatíveis com o quiliasmo. A investigação de textos e autores como os Parentes do Senhor, Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna e a *Carta de Barnabé* demonstrou que esses escritos não sustentam a esperança em um reino messiânico futuro de caráter terreno e milenar conforme o modelo judaico-apocalíptico.

A expectativa escatológica dos Parentes do Senhor, conforme o testemunho de Hegesipo, não apresenta qualquer traço milenarista. O relato destaca uma esperança centrada na ressurreição para o juízo de justos e ímpios e na instauração definitiva do reino de Deus, sem fazer referência a duas ressurreições ou a um reinado messiânico terrestre e temporário de mil anos. Vale ressaltar que o comparecimento dos netos de Judas diante do imperador Domiciano ocorreu no final do primeiro século, constituindo, portanto, uma das mais antigas perspectivas escatológicas fora do Novo Testamento, provavelmente anterior ao *Apocalipse*, e que revela um caráter amilenarista.

Clemente de Roma não manifesta uma expectativa de um reino milenar terreno nos moldes do quiliasmo. A *Primeira Carta aos Coríntios* concentra-se sobretudo em exortações à ordem, à unidade e à fidelidade na vida eclesial, bem como na esperança da ressurreição e do juízo futuro, sem qualquer referência a um reinado messiânico de mil anos. A escatologia de Clemente apresenta caráter predominantemente ético e pastoral, orientada à perseverança e à ação restauradora de Deus no fim dos tempos, sem recorrer a esquemas cronológicos ou imagens apocalípticas próprias do milenarismo. Esse testemunho indica que, ao final do século I, a expectativa escatológica cristã não estava centrada em uma interpretação literal do *Apocalipse* 20.

A análise das cartas de Inácio de Antioquia evidencia a ausência de qualquer expectativa milenar de caráter literal. Seu pensamento escatológico concentra-se na união com Cristo, na esperança da ressurreição e na consumação final associada à vida eterna, sem referência a um reino messiânico terreno ou a um período intermediário de mil anos. A escatologia de Inácio assume forte dimensão cristológica e eclesiológica, marcada pela urgência do testemunho, pela fidelidade à Igreja e pela valorização do martírio como participação antecipada na vida futura. Esse conjunto de

elementos indica que, no início do século II, as ideias milenaristas ainda não haviam ganhado força dentro do cristianismo.

As informações contidas na *Carta de Policarpo aos Filipenses* e no *Martírio de Policarpo* evidenciam uma escatologia fundamentada na esperança da ressurreição, do juízo e da recompensa futura, sem qualquer referência a um reino milenar terreno ou a uma etapa intermediária na história da salvação. Em seus escritos, Policarpo exorta à perseverança, à fidelidade e à constância na fé, situando a esperança cristã na vida eterna junto a Deus. O relato de seu martírio reforça essa perspectiva, ao apresentar sua morte como testemunho de fidelidade até o fim, orientada pela convicção da ressurreição e da comunhão definitiva com Cristo, e não pela expectativa de um reinado messiânico temporal. Além disso, a teologia de Policarpo assume especial relevância no debate escatológico, uma vez que sua convivência com os apóstolos confere peso significativo ao seu testemunho. A ausência de referências ao milênio, tanto na epístola quanto no relato martirial, indica que tal expectativa não constituía um elemento necessário ou predominante da escatologia cristã no início do século II. Esse dado reforça a hipótese de que João escreveu o capítulo 20 do *Apocalipse* com o propósito de refutar concepções milenaristas de matriz judaica presentes em seu contexto e que começavam a penetrar no cristianismo incipiente.

Na *Carta de Barnabé*, no capítulo 15 da obra, o autor estabelece uma correspondência simbólica entre os seis dias da criação e períodos de seis mil anos da história humana, seguida por um sétimo dia entendido como o “sábado” escatológico. Essa construção, frequentemente utilizada como argumento em favor de mais um autor milenarista na igreja primitiva, foi examinada criticamente, a partir da ausência de elementos essenciais ao quiliasmo. Barnabé não apresenta qualquer expectativa explícita de um reinado messiânico terreno, não menciona a segunda vinda de Cristo como marco inicial de um reino milenar, nem oferece cálculos cronológicos que indiquem a proximidade desse evento. Além disso, o autor não descreve duas ressurreições nem o Messias reinando sobre a terra, características centrais da concepção milenarista associada a *Apocalipse* 20. Muito pelo contrário, sua leitura dos mil anos opera dentro de um esquema alegórico, no qual o sábado final aponta para a consumação escatológica e o juízo, e não para uma fase intermediária da história. A restauração de todas as coisas ocorre no início do sábado

milenar, o qual coincide com o oitavo dia. Tal associação sugere que tanto o sétimo quanto o oitavo dia remetem ao novo mundo vindouro. Além do mais, a escatologia de Barnabé se insere em um horizonte fortemente antijudaico e espiritualizante, no qual as promessas veterotestamentárias são reinterpretadas à luz da nova aliança, afastando-se do modelo de esperança messiânica judaica. Desse modo, a análise demonstra que a *Carta de Barnabé* não pode ser classificada como quiliasta e constitui um testemunho relevante da diversidade escatológica existente no cristianismo do início do século II. Apesar do uso da linguagem dos mil anos, tudo indica que a epístola contém as bases do que hoje se conhece como amilenismo.

A escatologia da *Didachê* não oferece base segura para sustentar a presença de um esquema milenarista. A distinção presente no capítulo 16, especialmente na referência à ressurreição “não de todos”, pode ser explicada de maneira mais plausível como resultado da interpretação que o didachista fez dos textos paulinos de 1 Coríntios 15 e 1 Tessalonicenses 4. Nesse sentido, o autor parece ter compreendido que os justos ressuscitariam primeiro para o encontro com o Senhor, enquanto os ímpios ressuscitariam posteriormente para testemunhar a manifestação final de Cristo. Tal concepção não pressupõe um reino milenar entre as duas ressurreições e explica satisfatoriamente a estrutura do texto preservado. Além disso, caso a reconstrução do final da obra proposta por Aldridge se aproxime do conteúdo original, a sequência escatológica conduz diretamente da Parousia ao juízo final, o que reforça ainda mais uma perspectiva não quiliasta. A menos que uma futura descoberta apresente o final integral do documento em termos claramente contrários a essa reconstrução, os dados atualmente disponíveis indicam que o didachista concebia duas ressurreições distintas, porém sem a existência de um milênio entre elas.

Em contrapartida, o capítulo 4 voltou-se para os autores que expressaram de modo explícito uma expectativa milenar, com destaque para Papias, Justino Mártir e Irineu de Lyon. A análise detalhada de seus escritos confirmou que esses autores, de fato, defenderam algum tipo de reino futuro associado a uma interpretação literal de *Apocalipse* 20. Além disso, o capítulo evidenciou fortes indícios de que o milenarismo defendido por eles possui raízes profundas na tradição apocalíptica judaica. Tal constatação sugere que essa crença não teve origem direta e exclusiva na tradição apostólica neotestamentária, especialmente na figura de João. A análise demonstrou que o quiliasmo cristão emergiu em continuidade e diálogo com expectativas

escatológicas pré-cristãs, e não como uma doutrina estabelecida e transmitida de maneira incontestada desde os apóstolos.

Ao examinar o surgimento e o progressivo declínio do quiliasmo no interior do cristianismo antigo, demonstra-se que o milenarismo cristão é filho da escatologia judaica, desenvolvida entre o período macabeu e a Revolta de Bar Kohba, especialmente nos escritos apocalípticos e pseudoepígrafos, como *1 Enoque*, *2 Baruch* e *4 Esdras*, que projetavam um reino messiânico seguido pelo juízo final. Essa matriz judaica influenciou alguns autores cristãos dos séculos I e II, sobretudo aqueles mais próximos de um ambiente cultural judaico ou fortemente marcados por uma leitura literal das promessas veterotestamentárias. Escritos como *1 Enoque* apresentam a expectativa de uma era áurea literal ao fim da história, enquanto *4 Esdras* descreve um reinado messiânico temporário de 400 anos seguido pela destruição da criação, pela ressurreição e pelo juízo final. Provavelmente, a ideia de um reino messiânico com duração de mil anos surgiu no meio rabínico do primeiro século e é atribuída ao judeu nazareno Eliezer Ben Hyrcan, que associou os dias da criação a milênios históricos, culminando em um sétimo milênio messiânico. Nessa mesma época, Cerinto também defendia a vinda de um messias que governaria por mil anos. As evidências sugerem que a crença milenarista pode ter surgido como uma resposta à frustração de alguns judeus seguidores de Jesus, devido ao fato de Ele não ter instaurado o reino aguardado por Israel em seu primeiro advento. Por essa razão, parte dos cristãos transferiu a realização dessa expectativa para a segunda vinda. Isso se deve ao fato de que o cristianismo primitivo se desenvolveu em meio às diferentes correntes teológicas e, nesse contexto, acabou sendo influenciado por concepções escatológicas judaicas. Porém, o milenarismo entrou em declínio quando o catolicismo primitivo passou a delimitar a ortodoxia, rejeitando influências consideradas desviantes e consolidando critérios doutrinários comuns. Esse enfraquecimento decorreu de fatores teológicos e eclesiais, como a centralidade da obra consumada de Cristo, a rejeição da ideia de um estado intermediário no Hades e a esperança na ressurreição final e na nova criação. Além disso, alguns opositores do milenarismo passaram a salientar que o quiliasmo defendido por Cerinto decorria dos pressupostos presentes na heresia cuja criação lhe é atribuída. A ligação entre o milenarismo e a heresia cerentiana pode ter colaborado para o abandono do quiliasmo.

No que se refere especificamente ao *Apocalipse* de João, é plausível supor que suas imagens simbólicas não constituam reproduções exatas das tradições apocalípticas anteriores, mas uma apropriação e reformulação teológica de temas já consolidados no imaginário escatológico judaico, aos quais o autor confere novo significado. Nesse sentido, argumenta-se que o capítulo 20 não legitima o milenarismo corrente, mas propõe uma releitura crítica da expectativa judaica de um reino terreno, reinterpretando-a à luz da teologia cristológica e orientando-a para uma perspectiva de natureza espiritual. Se essa foi realmente a intenção de João, alguns não a compreenderam e interpretaram o texto como se ele estivesse confirmando a concepção de reino já estabelecida no judaísmo. O resultado disso pode ser visto nos autores seguintes.

O testemunho de Papias de Hierápolis, datado do início do século II, constitui uma das primeiras expressões explícitas do milenarismo cristão, caracterizado por imagens de abundância material e renovação da criação. Embora sua autoridade tenha sido invocada por Irineu como fundamento da expectativa quiliasta, os estudiosos apontam que grande parte do material registrado por Papias provém de tradições orais, além de incorporar elementos lendários e conceitos de apocalipses judaicos não canônicos. A controvérsia acerca de sua relação direta ou indireta com o Apóstolo João, somada às reservas de Eusébio quanto à confiabilidade de seus escritos, evidencia que Papias não representa um consenso escatológico da cristandade presente em Alexandria, Roma e outras comunidades, mas sim uma corrente particular surgida na Ásia Menor. Se a tradição de Papias não é exclusivamente cristã, o milenarismo que ele transmite torna-se questionável, e tomá-lo como base não equivale a uma demonstração de ortodoxia. Nesse sentido, sua contribuição deve ser compreendida como testemunho da pluralidade de interpretações escatológicas no cristianismo primitivo, e não como uma posição normativa universal. Se alguém argumentar que os amilenistas se colocam ao lado dos hereges que se opunham a Justino e Irineu, o capítulo dedicado a Justino refuta essa acusação, ao demonstrar que havia cristãos ortodoxos que não esperavam um milênio posterior à segunda vinda. Por sua vez, o capítulo sobre a origem do milenarismo inverte essa perspectiva, mostrando que, na realidade, são os milenaristas que se apoiam em uma tradição de confiabilidade questionável atribuída

a Papias, cuja origem é incerta. A situação se complica ainda mais com Cerinto, a quem o próprio Irineu classificou como herege.

Justino de Roma destacou-se como apologista e defensor explícito do milenarismo após Papias. Em sua obra *Diálogo com Trifão*, apresenta uma formulação clara dessa esperança escatológica, defendendo um reino literal de mil anos em Jerusalém reconstruída. Justino reconhece, contudo, a existência de diferentes posições entre os cristãos: alguns compartilhavam sua crença quiliasta, outros aceitavam a ressurreição corporal sem esperar o milênio, e um terceiro grupo, por ele identificado como pseudocristão, negava tanto o milênio quanto a ressurreição. Essa diversidade mostra que, em meados do século II, o milenarismo não era consenso nem critério de ortodoxia, mas uma interpretação entre várias correntes escatológicas. Seu testemunho confirma a influência real do quiliasmo no cristianismo primitivo, ao mesmo tempo em que evidencia sua não universalidade e a presença de elementos judaicos na construção dessa expectativa.

Irineu de Lyon tornou-se uma das figuras teológicas mais influentes de sua época, especialmente por sua obra *Contra as Heresias*, na qual combateu o gnosticismo e defendeu a fé apostólica. Sua adesão ao milenarismo foi clara e sistemática, fundamentada em três pilares: a tradição (citando Papias), os profetas (como Isaías, Jeremias e Ezequiel) e os escritos apostólicos (*João* e o *Apocalipse*). Para Irineu, o reino futuro incluiria duas ressurreições (uma no início e outra no fim do milênio), um período literal de mil anos em Jerusalém restaurada e, ao final, a renovação da criação. Ele criticava as interpretações alegóricas das profecias e considerava heréticos os gnósticos que negavam a ressurreição corporal e, por consequência, o milênio. Essa é uma prova incontestável de que o quiliasmo não representava consenso universal. Assim, da mesma forma que o testemunho de Irineu confirma a fé quiliasta no cristianismo primitivo, ele também evidencia a diversidade escatológica existente, mostrando que o milenarismo não era uniforme na Igreja dos primeiros séculos. Além disso, a tradição milenarista defendida por Irineu teria chegado até ele por meio de Papias, o qual, segundo Eusébio, não teve contato direto com os apóstolos. Irineu, por sua vez, afirmou ter ouvido as pregações de Policarpo, discípulo do apóstolo João; ainda assim, não recorreu ao mártir de Esmirna em sua defesa do quiliasmo.

Da mesma forma que Justino e Irineu apresentam um milenarismo, ao mesmo tempo eles testemunham a existência de outros que discordavam de tal posição. Isso não é apenas uma hipótese ou algo discutível, é incontestável. Ou seja, não seria preciso recorrer aos Pais da Igreja analisados no capítulo 3 para demonstrar a existência de cristãos amilenaristas no segundo século, isso poderia ser feito apenas através dos textos de dois milenaristas: Justino e Irineu. Em outras palavras, a ideia de unanimidade é refutada através dos próprios autores milenaristas da segunda metade do século II. Ainda que todas as hipóteses apresentadas no capítulo 3 sejam questionadas e eventualmente refutadas, o testemunho de Justino Mártir e de Irineu de Lyon confirma a tese central desta pesquisa: não havia unanimidade sobre o milenarismo.

Os autores analisados no capítulo 3, que não apresentam uma escatologia milenarista, viveram entre o final do século I e as primeiras décadas do século II, período muito próximo da era apostólica. Os Parentes do Senhor testemunharam por volta de 90; Clemente de Roma escreveu em torno do ano 95; Inácio de Antioquia, aproximadamente em 110; Policarpo, na primeira metade do século II; a Epístola de Barnabé provavelmente em 130. Desse modo, essa averiguação não apenas evidencia a ausência de unanimidade escatológica no cristianismo primitivo, como também indica que o amilenarismo constituiu a posição que, entre o final do primeiro e o início do segundo século, parece ter desfrutado de maior aceitação, enquanto o milenarismo passa a contar com representantes de maior projeção apenas na segunda metade do século II.

Entre os milenaristas mais antigos, situados no primeiro século, destacam-se o rabino Eliezer e Cerinto. No entanto, os milenaristas do século II não os citam como referência. Talvez a explicação mais plausível para o fato de Irineu não mencionar o quiliasmo de Cerinto resida na diferença entre os pressupostos teológicos de ambos. Se essa hipótese estiver correta, o dado em questão aponta para o fato de que Irineu não reconhecia Cerinto como representante legítimo do milenarismo cristão. Ou seja, havia diferenças significativas dentro do próprio milenarismo. O mesmo ocorre com Papias que, embora tenha sido associado ao milenarismo por Irineu, seus fragmentos não permitem afirmar se ele realmente defendia um milênio nos mesmos termos adotados por Justino e Irineu. O que se pode afirmar com segurança é que Papias sustentava a expectativa de uma era messiânica futura marcada por prosperidade,

sem que seja possível determinar com precisão qual tradição escatológica exerceu influência direta sobre sua concepção, seja a representada por Enoque, Esdras, Baruch, Eliezer, Cerinto ou se sua posição realmente correspondia àquela posteriormente articulada por Justino e Irineu.

Dos autores examinados no capítulo 4, apenas Justino e Irineu descreveram de modo organizado e inequívoco o milenarismo que hoje é conhecido como histórico. Ambos produziram suas obras tardiamente, a partir da segunda metade do século II. Esse dado cronológico é relevante, pois indica que as testemunhas cristãs mais antigas (Eliezer, Cerinto e Papias) não oferecem evidências de um sistema plenamente desenvolvido com base no modelo que os milenaristas posteriores sistematizaram, que é o de *Apocalipse* 20. As formulações quiliastas bem elaboradas emergiram apenas em um estágio posterior da reflexão teológica. Tal constatação enfraquece a tese de um milenarismo transmitido pelos apóstolos de forma ininterrupta, clara e universal, reforçando assim a conclusão de que a escatologia cristã primitiva se desenvolveu de modo plural.

Diante de tudo isso, a conclusão é inequívoca: não havia unanimidade doutrinária entre os Pais da Igreja dos séculos I e II quanto ao milênio de *Apocalipse* 20. A diversidade presente nas fontes patrísticas contradiz a narrativa simplista que defende uma suposta unanimidade, evidenciando que diferentes tradições escatológicas coexistiam em um contexto plural e dinâmico na cristandade primitiva. O quiliasmo foi uma corrente importante, mas não exclusiva, e conviveu com interpretações não milenaristas que exerceram influência no desenvolvimento da escatologia cristã. Qualquer reivindicação de exclusividade ou unanimidade, seja de um lado ou de outro, é historicamente insustentável. A pluralidade escatológica encontrada nos Pais da Igreja mostra que o milenarismo e o amilenarismo se desenvolveram por meio de diálogo e tensão desde os primeiros dias do cristianismo. O posterior declínio do milenarismo pode não ter representado uma ruptura ou um abandono da ortodoxia, mas a escolha de apenas uma dentre as várias interpretações existentes que acabou se consolidando gradualmente na tradição, influenciada por fatores discutidos desde o início da cristandade, os quais podem ter contribuído para que o amilenarismo fosse considerado a explicação mais aceitável.

Do ponto de vista da Teologia Histórica, este estudo contribui para corrigir leituras que projetam uma homogeneidade indevida sobre o desenvolvimento da

escatologia nos primeiros séculos do cristianismo, ao evidenciar a presença de uma pluralidade de interpretações. Com base nisso, o amilenismo passa a ser compreendido como uma perspectiva com raízes no início do cristianismo, juntamente com o pré-milenismo. No entanto, a situação parece distinta em relação ao pós-milenismo. Como a igreja viveu, em seus primeiros séculos, sob perseguição e marginalização no Império Romano, dificilmente teria interpretado o reino de Deus como um período histórico de expansão do evangelho, acompanhado de prosperidade e paz, uma vez que a realidade vivida pelos cristãos era contrária a essa expectativa. A esperança predominante estava centrada na manifestação de Cristo como meio de pôr fim ao sofrimento. Nesse contexto, a formulação de uma perspectiva claramente pós-milenista se mostra improvável naquele período inicial da história cristã. Sendo assim, tanto os amilenistas quanto os pré-milenistas podem afirmar que suas doutrinas remontam ao período embrionário do desenvolvimento doutrinário cristão pós-apostólico.

Em relação à Teologia Prática, a substituição de uma expectativa de Reino mais voltada para o futuro por uma compreensão do Reino como realidade presente tende a gerar implicações relevantes. Essa mudança pode influenciar a forma como a ação cristã é vivida no mundo. A partir dessa nova perspectiva, a igreja deixa de esperar uma transformação da sociedade exclusivamente no mundo vindouro e passa a se compreender como cooperativa na manifestação do Reino, o que fortalece a ênfase na pregação do evangelho, na formação de discípulos e no compromisso ético e social. Nesse horizonte, a atuação cristã tende a assumir um caráter mais participativo nas diferentes esferas da sociedade, em contraste com perspectivas marcadas por uma leitura mais pessimista da realidade presente.

No âmbito da Teologia Bíblica, esta pesquisa oferece suporte para que os exegetas passem a ver o capítulo 20 do *Apocalipse* não como uma unidade isolada dentro das Escrituras, mas em diálogo com a tradição apocalíptica judaica, permitindo que a interpretação do milênio seja compreendida à luz de seu contexto histórico e de seu provável propósito original, reorientando interpretações literalistas que, por vezes, atribuem ao texto um sentido possivelmente oposto ao pretendido pelo autor.

Dentro da Teologia Sistemática, o amilenismo deixa de ser visto como uma posição oriunda de uma interpretação tardia e passa a ser reconhecido como uma perspectiva presente desde os primórdios, ao lado de outras posições escatológicas.

Dessa forma, fundamentada no testemunho dos Pais da Igreja, a sistematização dessa doutrina ganha maior consistência, evidenciando que não se tratava de um ponto de vista estranho naquele período, nem dependente de uma hermenêutica alegorista para sua formulação.

Como limitações, reconhece-se que a perda total ou parcial de alguns textos impossibilita uma análise segura das posições teológicas de alguns escritores, especialmente nos casos de Papias e da *Didachê*. Ademais, a amplitude do tema inviabiliza uma abordagem exaustiva de todas as linhas de investigação. Vários documentos e autores ficaram de fora, por exemplo, os Pais Apologistas, Tertuliano, Orígenes e outros. A análise dessas fontes pode colaborar para uma compreensão ainda melhor sobre a questão do milênio na escatologia dos primeiros séculos do cristianismo.

Os resultados obtidos indicam, por outro lado, caminhos claros para pesquisas futuras. O material analisado sugere a relevância de estudos que se dediquem a um exame mais aprofundado e abrangente da escatologia de cada Pai da Igreja, considerando o conjunto de suas obras e o contexto teológico em que foram produzidas. Os dados apresentados apontam para a necessidade de ampliar a investigação sobre a origem do milenarismo cristão e sua relação com o pensamento apocalíptico judaico, bem como o impacto dessa herança na formação, recepção e posterior declínio do quiliasmo no cristianismo primitivo. Além disso, o contexto histórico dos primeiros séculos pode fornecer respostas sobre as tendências teológicas milenaristas, bem como sobre os fatores que influenciaram posteriormente a adesão ao amilenismo e o abandono do milenarismo, após essas duas perspectivas disputarem espaço no seio da Igreja.

REFERÊNCIAS

- 4º Livro de Esdras. In: PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Alessandra Oliveira de (org.). **Um Outro Antigo Testamento**. Tomo II. São Paulo: Fonte Editorial, 2022.
- ALCAÑIS, F.; CASTELLANI, L. **La Iglesia Patristica y la Parusía**. Buenos Aires: Ediciones Paulinas, 1962.
- ALDRIDGE, Robert E. The lost end of the Didache. **Vigiliae Christianae**, Leiden, v. 53, p. 1–15, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/157007299X00118>. Acesso em: 09 de junho de 2025.
- ALFÖLDY, Géza. **Historia social de Roma**. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- ALLEN, Matthew. **Theology Adrift**: the early church fathers and their views of eschatology. 2004. Disponível em: https://bible.org/article/theology-adrift-early-church-fathers-and-their-views-eschatology#P155_37194. Acesso em: 24 de setembro de 2025.
- ALLISON, Gregg R. **Teologia Histórica**: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- ALLO, Ernest Bernard. **Saint Jean l'apocalypse**. Paris: J. Gabalda, 1921.
- ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. **Patrologia**: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.
- APOCALIPSE de Baruch. In: PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Alessandra Oliveira de (org.). **Um Outro Novo Testamento**: Apocalipses. São Paulo: Fonte Editorial, 2023.
- ASSIS, Leonardo. **Pré-Milenismo Histórico**: fundamentos da escatologia primitiva e pós-tribulacionista. Rio de Janeiro: Trinitatis, 2024.
- BANZOLI, Lucas. **O milenarismo dos primeiros Pais da Igreja**. 2015. Disponível em: <https://heresiascaticas.blogspot.com/2015/11/o-milenarismo-dos-primeiros-pais-da.html>. Acesso em: 18 de outubro de 2025.
- BEALE, G. K. **Brado de Vitória**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- BERKHOF, Louis. **A História das Doutrinas Cristãs**. São Paulo: PES, 2021.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Editora Cultura Cristã, 1990.
- BIBLEWORKS. **BibleWorks 10**. Norfolk, VA: BibleWorks, 2015. Software.
- BOER, Harry R. **Historia de la Iglesia primitiva (A.D. 1–787)**. Editorial Unilit, 2001.

BOUWMAN, G. **Milenarismo**. In: Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOYD, Alan Patrick. **A Dispensational Premillennial Analysis of the Eschatology of the Post-Apostolic Fathers (Until the Death of Justin Martyr)**. 1977. Disponível em: <https://library-files-of.dts.edu/td/197x/td.boyd-1977.pdf>. Acesso em: 22 de janeiro de 2025.

BRIGHTON, Louis A. **Revelation**. Saint Louis: CPH, 1999.

CAMPENHAUSEN, Hans Von. **Os Pais da Igreja: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

CARTA de Barnabé. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995.

CARVER, Frank G. In: **Comentário Bíblico Beacon**. Volume 8. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CHARLES, R. H. **The Apocalypse of Baruch**. London: A. & C. Black Publishers, 1896.

CLEMENTE DE ROMA. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995.

CORSINI, Eugênio. **O Apocalipse de São João**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

COLLINS, John J. **A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. São Paulo: Paulus, 2010.

CURSO BÍBLICO ONLINE. **O que a Igreja Primitiva ensinava sobre O Milênio**. [S. l.]: YouTube. (10 vídeos). Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLm3Qmayvrx1RNM_kD16vj44Osu728pi9h. Acesso em: 5 de abril de 2024.

DALEY, Brian Edward. **The Hope of the Early Church a Handbook of Patristic Eschatology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

DERECH, Tsadok B. **A História do Rabino Eliezer Bem Hyrcanus: sábio talmúdico e nazareno**. Judaísmo Nazareno. 2020. Disponível em: <https://judaismnazareno.org/a-historia-do-rabino-eliezer-ben-hyrcanus-sabio-talmudico-e-nazareno/>. Acesso em: 09 de junho de 2024.

DIDAQUÉ. In: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrología**. Barcelona: Biblioteca Herder, 1994.

DUNN, James. **Unidade e Diversidade no Novo Testamento**: um estudo das características dos primórdios do cristianismo. São Paulo: Editora Academia Cristã, 2009.

EARLE, Ralph. *In*: **Comentário Bíblico Beacon**. Volume 10. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ERICKSON, M. J. **Escatologia**: a polêmica em torno do milênio. São Paulo: Vida Nova, 2010.

ERICKSON, M. J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ERICKSON, M. J. **Um Estudo do Milênio**: opções contemporâneas na escatologia. São Paulo: Vida Nova, 1977.

ETCHEVERRIA, Ramón T. **Patrología**. Madrid: BAC, 1994.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Tradução: Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria de Cristo; introdução, notas e comentários: Roque Frangiotti. (Coleção Patrística n. 15). São Paulo: Paulus, 1995.

FELTOE, Charles Lett (ed.). **The letters and other remains of Dionysius of Alexandria**. Cambridge: Cambridge University Press, 1904.

FERGUSON, Everett. **História da Igreja**: dos dias de Cristo à pré-Reforma. Vol. 1. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2017.

FERGUSON, Everett. Was Barnabas a Chiliast? An Example of Hellenistic Number Symbolism in Barnabas and Clement of Alexandria. *In*: **Greeks, Romans, and Christians**: essays in honor of Abraham J. Malherbe. Minneapolis: Fortress Press, 1990.

FERREIRA, F.; MYATT, A. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias**: Séculos I–VII: Conflitos ideológicos dentro do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.

GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Vol. II. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GENTRY JR., Kenneth L. **Pós-milenarismo para leigos**. Brasília: Editora Monergismo, 2014.

GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. **Léxico do N.T. Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GONZÁLEZ, Justo L. **História da Literatura Cristã Antiga**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

GONZALEZ, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão**. Vol. I. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

GRIER, W. J. **O Maior de Todos os Acontecimentos**: análise do que ensinam as Escrituras acerca da Segunda Vinda de Cristo. São Paulo: Imprensa Metodista, 1972. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/amilenismo/maior_acoitecimento.htm. Acesso em: 06 de abril de 2024.

GRUDEM, Wayne. **Manual de Teologia Sistemática**: uma introdução aos princípios da fé cristã. São Paulo: Editora Vida, 2001.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

HAGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Porto Alegre: Editora Concórdia, 1999.

HARNACK, Adolph. **History of Dogma**. Vol. I. New York: Dover Publications, 1961.

HERMANS, Albert. Le Pseudo-Barnabé est-il millénariste? *In: Analecta Lovaniensia Biblica et Orientalia*. Ser. III. Fasc. 15. Bruges; Paris: Publications Universitaires de Louvain, 1960.

HILL, Charles E. **Regnum Caelorum**: patterns of millennial thought in early christianity. Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001.

HILL, Charles E. **Why the Early Church Finally Rejected Premillennialism**. 2007. Disponível em: <https://www.modernreformation.org/resources/articles/why-the-early-church-finally-rejected-premillennialism>. Acesso em: 09 de dezembro de 2025.

HODGE, Archibald Alexander. **Esboços de Teologia**. São Paulo: PES, 2001a.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001b.

HOEKEMA, Anthony A. **A Bíblia e o Futuro**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2016.

HORTON, Stanley M. As Últimas Coisas. *In: Teologia Sistemática*: uma perspectiva pentecostal. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

HOYT, Herman A. Pré-milenismo dispensacionalista. *In: CLOUSE, Robert G. (org.). Milênio*: significado e interpretações. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985.

IGREJA BATISTA NAÇÕES UNIDAS. **Milênio e Eternidade - Apocalipse 20 | Luiz Sayão | IBNU**. [S. l.]: YouTube, 21 de ago. 2018. 1 vídeo (30 min 28 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dkSC60rU6_M. Acesso em: 5 de abril de 2024.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. *In: Padres Apostólicos*. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995.

INSUELAS, João Baptista Lourenço. **Curso de Patrologia**: história da literatura antiga da igreja. Braga: Escola Tipográfica das Oficinas de S. José, 1943.

IRENEU DE LIÃO. **Contra as Heresias**. Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa. (Coleção Patrística n. 4). São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LYON. **Demonstração da pregação apostólica**. Tradução, introdução e notas: Ari Luis do Vale Ribeiro. (Coleção Patrística n. 33). São Paulo: Paulus, 2014.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias, Diálogo com Trifão**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 3). São Paulo: Paulus, 1995.

KELLY, J. N. D. **Patrística**: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994.

KISTEMAKER, Simon. **Apocalipse**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

KISTEMAKER, Simon. **As Parábolas de Jesus**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

KNOPF, Rudolf. **Die Lehre der zwölf Apostel. Die zwei Clemensbriefe**. Tübingen: Mohr (Paul Siebeck), 1920.

KROMMINGA, D. H. **The millennium in the church**. Grand Rapids: B. Eerdmans, 1945.

LADD, George Eldon. **Apocalipse**. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1986.

LADD, George Eldon. Pré-milenismo Histórico. *In: CLOUSE, Robert G. (org.). Milênio*: significado e interpretações. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985.

LEANDRO C. RODRIGUES. **Programa Vejam Só - Tema: Milênio e Ressurreição - Leandro Tarratca - Parte 2**. [S. l.]: YouTube, 04 de jul. 2013. 1 vídeo (28 min 36 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B6OXFDKMtiA>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

LEWIS, Jack P. Apócrifos. *In: PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John (org.). Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

LIED, Liv Ingeborg. Recognizing the Righteous Remnant? Resurrection, Recognition and Eschatological Reversals in 2 Baruch 47–52. *In*: SEIM, Turid Karlsen; ØKLAND, Jorunn (org.). **Metamorphoses**. v. 1, p. 311–335. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2009.

LIGHTFOOT, J. B. **The Apostolic Fathers**. Edited and completed by J. R. Harmer. London: Macmillan and Co., 1912.

LITFIN, Bryan M. **Conhecendo os Pais da Igreja**: uma introdução evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LIVRO de Enoque. *In*: PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Alessandra Oliveira de (org.). **Um Outro Antigo Testamento**. Tomo I. São Paulo: Fonte Editorial, 2022.

LOOKADOO, Jonathon. **The Epistle of Barnabas**: a commentary. ed. Paul A. Hartog e Shawn J. Wilhite, Apostolic Fathers Commentary. Oregon: Cascade Books, 2022.

LOPES, Edson Pereira. Escatologia e milenarismo na história da Igreja Cristã. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade**. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 46–73, 2011. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3294>. Acesso em: 17 de julho de 2025.

LOPES, Hernandes Dias. **Apocalipse**: o futuro chegou, as coisas que em breve devem acontecer. São Paulo: Hagnos, 2005.

MARSHALL, I. Howard. **I e II Tessalonicenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1988.

MARTÍRIO de São Policarpo Bispo de Esmirna. *In*: **Padres Apostólicos**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd publicações, 2010.

MEJZNER, Miroslaw. Methodius: Millenarist or Anti-Millenarist? *In*: **Methodius of Olympus**. 2017. Disponível em: <https://dokumen.pub/methodius-of-olympus-state-of-the-art-and-new-perspectives-9783110434293-9783110441093.html>. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

MUSICAL FM 105.7. **Onde se cumprirá o reino milenar de Cristo? Debates na Musical com Pr. Sezar Cavalcante AO VIVO**. [S. l.]: YouTube, 26 de ago. 2020. 1 vídeo (57 min 15 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cet7nsexkE>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

NIEDERWIMMER, Kurt. **The Didache**: a commentary. Tradução de Linda M. Maloney. Edição de Harold W. Attridge. Minneapolis: Fortress Press, 1998.

ORR, James. **The Early Church**. London: Hodder and Stoughton, 1901.

PADOVESE, Luigi. **Introdução à Teologia Patrística**. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PADRES Apostólicos. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995.

PAPIAS. *In: Padres Apostólicos*. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995.

PELIKAN, Jaroslav. **A Tradição Cristã**: uma história do desenvolvimento da doutrina: o surgimento da tradição católica 100–600. Vol. 1. São Paulo: Shedd, 2014.

PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia**: uma análise detalhada dos eventos futuros. São Paulo: Vida, 2006.

PETERS, G. H. N. **The Theocratic Kingdom**. Vol. I. New York; London: Funk & Wagnalls, 1884.

PIETERS, Albertus. Chiliasm in the writings of the apostolic fathers. *In: The Calvin Forum*, v. 4, n. 1, august, 1938. Disponível em: https://digitalcommons.calvin.edu/calvin_forum/37/. Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.

PIKAZA, Xabier. **Curso de Teología Patrística**: historia y doctrina de los Padres de la Iglesia. Barcelona: Editorial CLIE, 2023.

PIÑERO, Antônio. **Los Apocalipsis**: 45 textos apocalípticos apócrifos judíos, cristianos y gnósticos. Madrid: EDAF, 2007.

POHL, Adolf. **Apocalipse de João II**: comentário esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001.

POLICARPO DE ESMIRNA. *In: Padres Apostólicos*. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 1). São Paulo: Paulus, 1995.

PR. JULIANO FRAGA. **A Igreja passará pela Tribulação? (Pré tribulacionismo X Pós tribulacionismo)**. [S. l.]: YouTube, 15 de jun. de 2021a. 1 vídeo (1 h 11 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p79-H3qs2Fk>. Acesso em: 6 de maio de 2024.

PR. JULIANO FRAGA. **DEBATE: Já estamos vivendo o princípio das dores? (Pr Juliano Fraga)**. [S. l.]: YouTube, 17 de nov. 2021b. 1 vídeo (43 min 23 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mce4ia4uTNw>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

PREMILLENNIALISM. In: **Merriam-Webster Dictionary**. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/premillennialism>. Acesso em: 27 de novembro de 2025.

QUASTEN, Johannes. **Patrología**. 3. ed. Vol. I. Madrid: BAC, 1968.

QUASTEN, Johannes; PLUMPE, Joseph C. **Ancient Christian Writers: the works of the fathers in translation**. Vol. VI. (Newly translated and annotated by James A. Kleist). New York: Newman Press, 1948.

RAMOS-LISSÓN, Domingo. **Patrología**. 3. ed. Navarra: EUNSA, 2016.

RICHARD, Pablo. **Apocalipse: reconstrução da esperança**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

RIDDLEBARGER, Kim. **Princeton and the Millennium; A Study of American Postmillennialism**. 2005. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5f7f81cd67b88d47b94051ed/t/60f711afa5bb770798284be3/1626804655755/Princeton+and+the+Millennium+2021+Revision.pdf>. Acesso em: 24 de novembro de 2025.

ROBINSON, John A. T. **Redating the New Testament**. Philadelphia: Westminster Press, 1976.

ROUX, Patrick. **Império Romano**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SANTIN, Jonas Roberto. **O arrebatamento pré, meso ou pós-tribulacionista da igreja, numa perspectiva dispensacionalista pentecostal**. Tese (Mestrado Profissional em Teologia). Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

SEZAR CAVALCANTE. **O milênio é literal? - Pr. Matheus Alves X Pr. Jamierison Oliveira - 07.03.2023**. [S. l.]: YouTube, 7 de mar. 2023. 1 vídeo (1 h 24 min 20 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f_RAZ3pUPig. Acesso em: 5 de abril de 2024.

SEZAR CAVALCANTE. **O milênio é literal ou simbólico? 29.06.2022 - Rádio Musical FM 105.7 - SP**. [S. l.]: YouTube, 29 de jun. 2022. 1 vídeo (58 min 54 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pQeC_4eJC34&t=13s. Acesso em: 5 de abril de 2024.

SHEA, William H. "The Sabbath in the Epistle of Barnabas." **Andrews University Seminary Studies**, v. 4, n. 2, p. 149–175, 1966. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol4/iss2/4/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2025.

SHEDD, Russell P. **A Escatologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

SILVA, Ângelo Vieira da. Apocalipse 20: uma breve história da doutrina milenarista. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 15, n. 1, p. 6–23, 2020. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1222>. Acesso em: 17 de abril de 2024.

SVIGEL, Michael J. **The Fathers on the Future**. 2024. Disponível em: <https://fathersonthefuture.com/static/edf60886d486fe2dcc22be7d1517041f/6-go-deeper-eschatology-of-didache-16-final.pdf>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

SVIGEL, Michael J. **Was the Author of the “Epistle of Barnabas” a Chiliast? (It’s Complicated)**. 2022. Disponível em: https://www.retrochristianity.org/wp-content/uploads/2022/11/Was-Barnabas-Chiliast_Svigel_DRAFT.pdf. Acesso em: 29 de janeiro de 2025.

TAVARES, Samuel Pinheiro; SOUZA, Carolina Bezerra de. Cisão entre Judeus e Cristãos: panorama histórico de 70 a 135 d.C. **Tear Online**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 177–190, 2025. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/tear/article/view/3501>. Acesso em: 17 de novembro 2025.

TEÓFILO DE ANTIOQUIA. Terceiro Livro a Autólico. In: **Padres Apologistas**. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. (Coleção Patrística n. 2). São Paulo: Paulus, 1995.

THIESSEN, Henry Clarence. **Palestras Introdutórias à Teologia Sistemática**. São Paulo: Batista Regular, 1989.

TITILLO, Thiago Velozo. Expectativas escatológicas em Policarpo e Papias. **Pós-Escrito**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Teologia, v. 6, n. 1, p. 4–23, 2024. Disponível em: <https://revistas.seminariodosul.com.br/index.php/posescrito/article/view/63>. Acesso em: 18 de julho de 2025.

TIXERONT, Joseph. **History of Dogma**. St. Louis: B. Herder, 1910.

TURRETINI, François. **Compêndio de Teologia Apologética**. Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VADEMECUM para o Estudo da Bíblia. Prefácio de J. A. Soggin. Apresentação de Paolo De Benedetti. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2000.

VENEMA, Cornelis P. **A Promessa do Futuro**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva**: introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos Pais Apostólicos. São Paulo: Editora Academia Cristã, 2005.

VOS, Geerhardus. **The Pauline Eschatology**. Princeton: Princeton University Press, 1930.

WALVOORD, John. **Millennial Series**. 1949–1956. Disponível em: <https://walvoord.com/book/export/html/328>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.

WILHITE, Shawn J. **The Didache: a commentary**. Oregon: Cascade Books, 2019.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal**. São Paulo: Vida, 2011.

WINGERT, Diego dos Santos. **Doutrina Milenarista: a esperança escatológica cristã no século II**. 2024. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11232>. Acesso em: 17 de julho de 2024.